

Este livro conta a história da Comunidade de Bom Jesus, por meio do relato das suas principais lideranças. Como surgiu, como se desenvolveu, suas relações com a Igreja Católica, a força e a coragem de seus membros. Situada no bairro do Retiro, em Volta Redonda, Bom Jesus absorveu uma parcela dos trabalhadores que vieram para a cidade com o objetivo de trabalhar na construção da usina de aço, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), inaugurada em 1941, no governo Getúlio Vargas.

A COMUNIDADE DE BOM JESUS - 50 ANOS DE HISTÓRIA

Célia Costa
Rosilene Alvim
J. Sergio Leite Lopes (orgs.)

A COMUNIDADE DE BOM JESUS 50 ANOS DE HISTÓRIA

TABA CULTURAL

ISBN:978-85-7864-027-9



9788578640279

**Comunidade de Bom Jesus:
50 Anos de História**

**Célia Costa; Rosilene Alvim;
J. Sergio Leite Lopes (orgs.)**

**Comunidade de Bom Jesus:
50 Anos de História**

**TABA CULTURAL
Rio de Janeiro -RJ - 2009**

Copyright © 2009 by Célia Costa; Rosilene Alvim;
J. Sergio Leite Lopes (orgs.)

Editor: José Maria Rodrigues

Revisão: Yara Pinheiro

Copy desk: Ana Lucia Gusmão Costa Machado

Capa: Comunidade de Bom Jesus

Editoração Eletrônica: Durval Filho

Costa, Célia ; Alvim, Rosilene; Lopes, J. Sergio Leite (orgs.)
Comunidade de Bom Jesus: 50 Anos de História / Célia
Costa; Rosilene Alvim; J. Sergio Leite Lopes (orgs.)
Rio de Janeiro-RJ: Taba Cultural, 2009

224p.: 21cm

ISBN: 978-85-7864-027-9

1. História. 2. Memória. 3. Volta Redonda. 4. Título

CDD 981

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução no todo ou em parte,
seja porque processo for, sem prévia autorização.

TABA CULTURAL EDITORA

Rua Joaquim Silva, 56 - Gr. 701 - Centro

CEP: 20241-110 - Rio de Janeiro-RJ

Telefax: (021) 3852-0956

www.tabacultural.com.br

E-mails:

taba@tabacultural.com.br

taba@prolink.com.br

Sumário

A Comunidade de Bom Jesus — 7

Parte 1 — O Líder — 11

Parte 2 — A Comunidade — 93

2.1 — A Opção por Volta Redonda — 94

2.2 — A Construção da capela — 104

2.3 — O Centro Social Bom Jesus — 119

2.4 — O Construtor — 173

Parte 3 — O Pastor — 187

ABREVIATURAS

MB - Manoel Benedito de Souza

CC - Célia Costa

RA - Rosilene Alvin

JS - José Sérgio Leite Lopes

Dona Titina - Antonina Patrocínio

Cida Peixoto - Aparecida Peixoto Pereira

Cida - Maria Aparecida de Souza

GO - Geraldo Oliveira

WT - Waldomiro Tavares

JL - José Luiz de Souza

JB - João Batista

MV - Maria Valda

Terezinha - Terezinha Silva

Zizinha - Ilda de Jesus Rodrigues

FP - Francisco de Paula Almeida

A Comunidade de Bom Jesus

Este livro conta a história da Comunidade de Bom Jesus, por meio do relato das suas principais lideranças. Como surgiu, como se desenvolveu, suas relações com a Igreja Católica, a força e a coragem de seus membros. Situada no bairro do Retiro, em Volta Redonda, Bom Jesus absorveu uma parcela dos trabalhadores que vieram para a cidade com o objetivo de trabalhar na construção da usina de aço, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), inaugurada em 1941, no governo Getúlio Vargas. Hoje, a Comunidade de Bom Jesus é um bairro reconhecido pela Prefeitura de Volta Redonda.

Com uma população de aproximadamente 250 mil habitantes, e ocupando uma área de 168 Km², Volta Redonda tem uma localização privilegiada e estratégica, entre três pólos industriais - Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Situado no vale do Paraíba fluminense, ao sul do estado do Rio de Janeiro, o município foi fundado oficialmente em 1954, abrigando a cidade de mesmo nome, também conhecida como Cidade do Aço, por ter surgido em torno da CSN. A construção da usina trouxe consigo hospital, escola, Corpo de Bombeiros, agência de Correios, bancos, imprensa, estabelecimentos comerciais, clubes, etc. Desde então, grande parte de sua população tem relações diretas ou indiretas com a Siderúrgica. Atualmente, Volta Redonda conta com um razoável equipamento urbano - comércio, transportes, áreas de lazer e uma universidade, mas, antes de sua autonomia como município, eram muitas as dificuldades, decorrentes de um crescimento desordenado.

No final da década de 1950, quando Bom Jesus ainda integrava o bairro do Retiro, um grupo de seis moradores, que comungava a mesma fé católica e frequentava a paró-

quia de Santo Antônio², decidiu construir uma capela, visando a facilitar a vida dos moradores, que se deslocavam alguns quilômetros a pé para assistir à missa aos domingos. Aos poucos foram constituindo uma comunidade eclesial de base.

Nessa época, Volta Redonda dispunha apenas de cinco paróquias, quatro capelas na periferia, e poucos padres para atender a dezenas de comunidades. Com o advento do Concílio Vaticano II, a participação dos leigos nas atividades das comunidades paroquiais se ampliou, passando a ser mais valorizada e suprimindo, de certa forma, a carência de sacerdotes. A Comunidade de Bom Jesus, que surgiu e cresceu em pleno Vaticano II, celebrava a liturgia da palavra e discutia as suas inúmeras dificuldades buscando possíveis soluções.

Alguns anos depois da construção da capela, um terreno foi adquirido para a construção da sede do Centro Social Bom Jesus. Fundado em 1968, o Centro completou, recentemente, 40 anos de existência, e funciona, até hoje, em um edifício de três andares, onde é prestada assistência às crianças, aos idosos e às pessoas mais carentes da comunidade, e realizam-se cursos de capacitação profissional e festas para angariar recursos para o seu funcionamento.

Este livro visa, portanto, a resgatar a memória desse Centro, e dessa comunidade, através da coleta de depoimentos das suas principais lideranças. Com o relato pretende-se recuperar a história de um centro social fundado por um grupo que participou da experiência pioneira de construção da primeira siderúrgica do país. Dessa forma, recupera-se a memória do grupo, ao mesmo tempo em que se contribui para a história da criação da cidade de Volta Redonda.

O livro é constituído de três partes. Na primeira, Manoel Benedito, principal liderança da comunidade, faz o seu rela-

to. Mais que isso, Manoel conta a sua trajetória de vida. Optou-se por transcrever na íntegra o seu depoimento, por ser ele figura-chave para o entendimento dessa história.

Na segunda parte, a comunidade toma a palavra. Dez pessoas foram ouvidas durante depoimentos coletados em grupo, tematicamente. Ou seja, no caso dos grupos, não se fez história de vida dos seus integrantes, que apenas se apresentavam e falavam sobre três ou quatro questões que funcionaram como eixos norteadores: os motivos que os levaram a residir em Volta Redonda; a formação da Comunidade de Bom Jesus; a construção da capela e do Centro Social.

Por último, na terceira parte, funcionando com uma espécie de apêndice, tem-se a palavra da Igreja, através do relato de dom Waldyr Calheiros, bispo de Volta Redonda no período entre 1966 e 2001.

Queremos a agradecer às pessoas entrevistadas: Antonina Patrocínio (dona Tininha); Aparecida Peixoto Pereira (Cida Peixoto); Geraldo Oliveira; Ilda de Jesus Rodrigues (Zizinha); João Batista; José Luiz de Souza; Maria Aparecida de Souza; Maria Valda; Terezinha Silva; e Waldomiro Tavares, a disponibilidade e o interesse com que atenderam ao nosso pedido para relatarem os fatos do passado dessa comunidade e, em particular, a Dom Waldyr Calheiros que, carinhosamente, nos concedeu horas do seu precioso tempo para nos passar sua versão desses fatos.

Queremos igualmente registrar nossa gratidão a Manoel Benedito, sua esposa Irany, e a toda sua família, particularmente ao Jorge Alberto, seu filho mais velho conhecido como Piri, pela acolhida generosa, nos proporcionando um convívio alegre e fraternal, em Volta Redonda, durante o período de seis meses.

Os Organizadores

Parte 1 — O Líder

Manoel Benedito de Souza

Entrevista com Manoel Benedito de Souza, um dos fundadores do Centro Social Bom Jesus, em Volta Redonda, realizada por **Célia Costa, Rosilene Alvim e J. Sergio Leite Lopes** no dia 29 de dezembro de 2007. O objetivo é registrar a memória do Centro, criado a partir da igreja de mesmo nome. Esta entrevista contou com a participação da neta de seu Manoel, Priscila, do seu filho Jorge Piri, e de sua esposa, Irany.

CC: Seu Manoel, gostaríamos de saber a data e o local de seu nascimento e que nos falasse sobre seus pais, seus irmãos etc., antes de entrarmos nessa saga de Volta Redonda. Fale um pouco de suas origens.

MB: Nasci em Bom Jardim de Minas, próximo a Andrelândia, no dia 9 de agosto de 1933. Meus pais são Benedito Roberto de Souza e Filomena Cândido de Oliveira; meus avós paternos, Roberto e Mariana de Souza. Vivi em Bom Jardim até os 16 anos. Trabalhava em casa com os meus pais, ajudando na criação de porco e galinha, e estudava. Depois, com 8 anos, comecei a trabalhar no comércio, numa venda, com o senhor José Neves. Estudei até a quarta série primária em Bom Jardim e me formei lá mesmo. Meu pai e toda a minha família trabalhavam na Rede Mineira de Viação, com exceção de minha mãe, que era doméstica, e eu ajudava muito em casa porque tinha muitos irmãos. No total, eram 18, mas só três se criaram. O restante foi morrendo ainda muito pequeno. Outros nem chegaram a nascer; minha mãe tinha problemas. A filha caçula, Maria das Graças de Souza, mora atualmente no Rio, e deve estar com 52, 53 anos. Depois de trabalhar uns tempos lá em Bom Jardim, fui

convidado por alguns colegas – maquinistas e guarda-freios – da Rede de Viação para me mudar de município.

– Ah, Manoel, deixa Bom Jardim e vem trabalhar em Barra do Piraí, onde há mais empregos, mais dinheiro, você vai ter mais oportunidade, vai conseguir uma renda melhor.

Aí, vim para Barra do Piraí, para casa da minha tia Rita, Divina Rita de Jesus, que era irmã de meu pai. Mas não consegui ficar lá, por causa do emprego. Fui para Piraí, onde trabalhei um ano e oito meses, mais ou menos, até servir o exército.

RA: O senhor trabalhava no comércio?

MB: Sempre no comércio, mas nunca fichado³.

JS: Já trabalhou na Viação?

MB: Não, não cheguei a trabalhar. Só no comércio, sem fichar. Falavam que não devia fichar porque era prejuízo – a gente corria muito por causa da fiscalização. Vim para Piraí, onde consegui um trabalho melhor, no comércio mesmo, com uma família muito boa. Trabalhei até a época de ir para o exército. Depois, fui servir no Rio, no 2º Batalhão de Carros de Combate, em Deodoro. Fiquei lá 11 meses e 25 dias. Retornei a Bom Jardim com a idéia de ir para São Paulo, para trabalhar. Mas, vendo meu pai muito doente, não achei conveniente ir para muito longe. Vim, então, para Volta Redonda, animado por alguns colegas que conheci, para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional, onde fiquei inicialmente um ano e cinco meses num departamento chamado NEU4.

RA: Qual foi a sua impressão da cidade quando o senhor chegou?

MB: Foi ótima. A cidade era muito boa, só que eu peguei uma fase em que a Companhia estava inchada. Não tinha emprego, então eu tive de passar pelo contrato5 .

CC: Em que ano o senhor chegou?

MB: Em 1953, com 20 anos.

CC: A Companhia já existia há dez anos, não?

MB: Ela começou a funcionar em 1946, sete anos, portanto. Depois de contratado por um ano e cinco meses, fiz uma prova pra entrar no quadro da CSN. Comecei no almoxarifado, num de seus departamentos, o de recebimento de material, carga, descarga etc.; um trabalho mais brutal. Durante um determinado tempo, exerci a função de servente. Depois eu fui estudando, fazendo alguns cursos na própria Companhia. Fui me aperfeiçoando, passei de servente pra feitor, depois de feitor a funcionário. Fiz trabalho de funcionário, como apontador de campo e serviço de pessoal. Foi aí que passei para o almoxarifado. Sai da companhia como almoxarife. Trabalhei também com vergalhão, pedra, areia. Comecei, depois, no serviço de recebimento de madeira, e todo esse material passava por mim, tanto de Volta Redonda como o que seguia para Angra dos Reis, para o Rio, para qualquer lugar. Eu recebia, fiscalizava, conferia e enviava para o Rio, para Angra, ou para a própria CSN. Era trabalho de construção, carpintaria, marcenaria, madeira nobre e menos nobre, tudo passava por mim. Fui estudando, fazendo alguns cursos na própria Companhia e me aperfeiçoando. Melhorei um pouco, quando passei para feitor, depois para funcionário, e saí da Companhia na função de almoxarife. Foi esse o meu trabalho de 32 anos na CSN.

RA: Qual a diferença entre trabalhar com contrato e essas outras funções que o senhor ocupou?

MB: A pessoa contratada tinha poucos direitos, como férias, mas não contava tempo de casa. Então, não recebia bônus nem prêmios.

CC: Era um contrato temporário? Assinaram a carteira desde o início?

MB: Era temporário, mas a carteira era assinada. Quando passei de contratado para funcionário, comecei a receber todos os benefícios, como adicional de fim de ano, de Natal e a “girafa” – uma espécie de participação nos lucros. Antes, os contratados não tinham esses direitos. Mas, com o tempo, a Companhia foi reconhecendo o trabalho de todos, passando a beneficiar também os contratados.

JS: O senhor trabalhou com madeira. A exploração desse material era feita pela própria CSN?

MB: Não, a Companhia comprava de fornecedores, na época uns cinco deles. Lembro-me de três que mais marcaram: a EMBASIL, a SPR e o BROTO, um representante de madeira do tipo pinho, peroba, do Sul. A madeira menos nobre vinha da Bahia e do Espírito Santo. Foram 22 anos só com madeira. Cheguei a me especializar nesse trabalho; procurava saber de pessoas conhecedoras como é que era, para que servia, qual era a eletricidade daquela madeira, quanto ela podia agüentar, sua capacidade, etc. Tudo isso fui aprendendo na prática, com as pessoas. Não cheguei a estudar, mas, graças a Deus, modéstia à parte, cheguei a ganhar certo respeito, porque conhecia muito de madeira, muito mesmo.

CC: O senhor se aposentou muito jovem, não é? Com 52 anos?

MB: Com 50 anos incompletos. Isso porque eu trabalhava também em área insalubre.

CC: Aí conheceu sua esposa, casaram-se, tudo em Volta Redonda?

MB: Eu e Irany (Irany Silva de Souza) temos uma história muito bonita. Somos primos; conheci a Irany com seus 7 ou 8 anos de idade.

CC: Ela também é de Bom Jardim?

MB: Não, é de Barra do Piraí. A mãe dela é que é de Bom Jardim. Começamos a namorar quando ela estava com 8 para 9 anos; eu tinha meus 12 para 13 anos. Ela morou uns tempos em Bom Jardim, e foi lá que o namoro ficou mais firme. Mas Irany voltou para Barra do Piraí, e eu fui depois, mas não fiquei lá, fui para Piraí. Como Piraí é muito perto de Barra, a gente estava sempre se encontrando no final de semana, e até mesmo no meio de semana, já que o comércio funciona aos sábados e domingos. Os encontros eram quase sempre em bares. A gente namorava, largava, namorava. Fui para o Exército e continuava indo à casa dela pra namorar. E por aí a gente foi. Quando vim pra Volta Redonda, fiquei na Companhia e pude firmar com ela. Aí falei:

— Olha, esse é o fim do nosso namoro. Agora é casamento. Pretendo construir uma casa, vou comprar um lote, e assim que a gente tiver uma casinha... — sempre pensei assim, ter uma casa minha pra poder casar.

Trabalhei na Siderúrgica com seu Zé do Patrocínio, que é esposo daquela senhora que apresentei para vocês, dona Antonina. Ele trabalhava na minha área. E tinha outro, de nome José de Souza Santos, que também trabalhava comigo. Ele era pedreiro e eu, servente. Eles colocaram na minha cabeça que eu deveria comprar um lote aqui, neste lugar, que fazia parte do bairro de Retiro; disseram que tinha um lote à venda. Eu vim, olhei e não gostei muito. Mas, como eles tinham uma amizade muito grande comigo, resolvi comprar porque era perto deles. Comecei a construir a casa, durante uns dois anos mais ou menos, mas não cheguei a terminar. Mesmo assim, deu para trazer Irany para Volta Redonda. O casamento foi no dia 3 de setembro de 1955 e viemos morar no lote que eu comprei, na Avenida 13 de maio, 254. Continuei morando lá, trabalhando pra melhorar a casa, apesar de ser nova. Botar um piso melhor, forro, essa coisa toda. Só que a casa era em um terreno muito baixo, e, depois de 12 anos, as águas daqui da rua, da avenida Coimbra, onde eu moro hoje, começaram a inundar tudo; chegou a ter um metro de água dentro de minha casa. Nessa altura, eu já tinha filhos, o Jorge, o Carlos, os meninos todos, foi um atrás do outro.

CC: Quando o Jorge nasceu?

MB: O Jorge é de 1956. Continuamos morando lá. Um belo dia, fiquei sabendo que Irany tinha deixado a casa e ido embora, mas deixou a roupa para eu levar para a casa que ela tinha arrumado para a gente se mudar. Fui lá e falei:

— Mas o que foi que aconteceu, minha filha?

— Ah, não agüento mais. Estamos perdendo a saúde, as crianças estão perdendo a saúde. Resolvi mudar para esta casa.

Ela mesmo fez o contrato e alugou a casa. Fiquei trabalhando na CSN, mas morando lá, na avenida Sávio Gama, a avenida principal. Mas, como eu sempre gostei de ter a minha casa, consegui fazer um negócio, numa barganha, lá na rua onde eu morava. Troquei a casa por esse lote aqui, onde estou morando hoje. Em 9 de abril de 1968 comecei a construir a nossa casa. No dia 1º de junho nos mudamos, graças a Deus. Sem janela, sem luz, sem água, mas cheguei pra ela e disse:

– Da outra vez foi você que tomou providência, agora sou eu, vam'bora!

E viemos pra cá, onde estamos até hoje. A comunidade me ajudou muito na época. Eu já estava morando aqui quando, no meu aniversário, chegou uma turma e falou:

– Olha, sua casa está cheia de gente.

Eu estava na igreja, dando catequese para os jovens, e falei:

– Não sei o que vou fazer, porque não tem nada hoje lá em casa. Não tem bolo, não tem nada.

Mas fui recebido por um grupo de amigos, que trouxe material elétrico, hidráulico, e queria autorização para colocar água e luz. O que tem hoje na parte debaixo da casa, no piso, foi dado pela comunidade; amigos da comunidade. Então, essa foi a minha vida.

CC: Quer dizer que esse prediozinho é de vocês?

MB: É nosso.

RA: Seu Manoel, gostaria de saber como era a relação entre os operários da fábrica e se essa relação foi importante para o sindicato.

MB: Aqui, em Volta Redonda, a gente sempre teve essas dificuldades entre o sindicato e a CSN, porque a Companhia nunca cumpria aquilo que realmente era direito do operário. Ela dava muitas coisas, mas, em outras, deixava a desejar. Tivemos a felicidade de ter uma Diocese (de Barra do Piraí) que apoiava os operários de Volta Redonda. Começamos então a luta. Dom Waldir, o sindicato, os padres Bernardo, que também moravam aqui na época, e Bueno, além de muitos líderes comunitários como eu, faziam reivindicações para conseguir coisas melhores com a CSN. A luta foi muito grande.

CC: O ambiente dentro da fábrica, entre os colegas, era bom?

MB: O ambiente era ótimo, espetacular. Tínhamos até time de futebol. Meu departamento tinha quatro divisões: DAU-D, onde eu fiquei, DAU-O, DAU-C e DAU-U6. Cada divisão tinha um time de futebol, e entre nós havia uma disputa de melhor time, durante o ano. Jogávamos fora também, com outros adversários.

JS: Havia muitos times, então? Existia um campeonato interno?

MB: Na minha divisão, eram quatro times; na outra, havia também alguns. Fazíamos campeonato interno e externo. Tivemos também a felicidade de ter um chefe que administrava e gostava de esporte, Hélio Mauro, que chegou a ser vice-prefeito da cidade. Agora, o meu relacionamento com a comunidade...

Quando me casei, em 1955, eu já estava na comunidade. Eu morava lá fora, mas vinha na comunidade com frequência

pra fazer minha casa, com meus colegas que me ajudaram muito. Não fui trabalhar logo lá porque estava recém-casado. No final daquele ano, fui convidado por moradores para formar o movimento eclesial.

CC: Como foi a sua ligação com a Igreja? Foi sempre familiar?

MB: Durante toda a minha vida fui religioso. Meu pai e minha mãe não eram muito religiosos, mas minha avó, dona Mariana, era. E eu era colado no seu pé. Ela ia à missa, eu ia junto; ia pra fora de Bom Jardim, numa missa nas capelinhas, eu estava com ela. Acompanhei muito a minha avó.

Aos 8 anos de idade, despertei para a obra social. Vi um velho passando necessidade, com tuberculose, e convidei os colegas para fazer um trabalho:

– Não vamos deixar esse velho morrer!

– Como vamos nos relacionar com uma pessoa tuberculosa? – eles perguntaram. Tuberculose, naquela época, era pior do que Aids hoje.

– Já temos o farmacêutico que leva remédio pra ele, então, vamos levar a alimentação. Assumiremos também o agasalho, tudo o que ele precisar, até mesmo pagar medicamento – falei para eles.

Assim comecei o meu trabalho social, com 8 anos de idade, lá em Bom Jardim.

Quando cheguei a Pirai, procurei uma atividade parecida. Aqui, em Volta Redonda, trabalhei muito no bairro Nossa Senhora das Graças, na igreja. Ajudava em todas as festas e trabalhava com as pessoas que passavam necessidade, porque, apesar de ser uma cidade industrial, muitos estavam fora da fábrica, e precisavam de auxílio. Trabalhei muito com os

pobres. Mudando aqui para o Retiro, ao começarmos o trabalho na comunidade, tivemos também a felicidade de ter o padre Eugênio ao nosso lado, um padre que não deixava um pobre sem ser atendido.

A comunidade a que eu pertencia e onde trabalhei em obra social foi a de padre Eugênio, comunidade de Santo Antônio, do bairro de Niterói. Ele tinha uma “conferência” de Santo Antônio, e eu trabalhei muito com ele.

CC: Como era essa “conferência”?

MB: Era parecida com o trabalho dos Vicentinos, somente parecida, porque, não sei se vocês sabem, o movimento dos Vicentinos tem sempre uma coisinha: “Ah, não pode, só dá comida, não pode fazer isso”. Então, ele criou essa “conferência de Santo Antônio”, em que ele fazia as duas coisas: falava e alimentava.

Assim que me casei, apresentei-me ao padre Eugênio:

– Padre, estou vindo de outra cidade. Já frequentei o bairro Nossa Senhora das Graças e agora estou morando no Retiro, na sua área. Não posso fazer muito, mas quero frequentar a sua comunidade – que era ali no São Sebastião, no Retiro.

Com o consentimento do padre, segui para Niterói. Com esse espírito, fui convidado por uma turma da igreja para ser presidente da comunidade de Bom Jesus, que na época era comunidade de Nossa Senhora das Graças.

RA: Que grupo é esse? Eles também eram da CSN?

MB: Começamos, eu e o primeiro grupo com o qual trabalhei, com uma novena de Nossa Senhora: íamos às casas e fazíamos orações durante nove dias. Terminávamos em uma

casa, passávamos para outra. Durante essa novena, fui convidado por um grupo de amigos para formar uma diretoria. Seu José Luiz de Oliveira era o coordenador-geral de Nossa Senhora. Daqui da comunidade éramos eu, Waldomiro Tavares, Enir Peixoto, João Batista e Aparecida Peixoto. Traçamos diretrizes e, a partir daí, começou o trabalho de igreja, na comunidade, oficializado. Ficamos como Comunidade Nossa Senhora das Graças. Mais tarde, como o seu Dário Ribeiro tinha o compromisso de fazer uma capela de Bom Jesus lá em Minas, sua terra, mas estava impossibilitado, já que morava em Volta Redonda, ele se propôs a ajudar o máximo que pudesse, caso colocássemos o nome da comunidade de Comunidade Bom Jesus. Foi feita uma reunião com essa equipe que eu citei há pouco: Enir, seu João, Waldomiro...

RA: E dona Antonina?

MB: Sim, dona Antonina, que é esposa do seu Zequinha. Famílias, não é? Havia outros também... quase todos da CSN.

JS: E seu Dário, era comerciante?

MB: Não, era marceneiro. Trabalhava na Companhia.

CC: O senhor disse que estava trabalhando na igreja Santo Antônio, a convite de padre Eugênio. Por que essa decisão de largar a igreja e vir formar a Comunidade Bom Jesus?

MB: Porque havia a vontade de ter a nossa comunidade, a nossa igreja, o nosso local para reunião. A outra não era longe, ficava em Niterói, eram três quilômetros, no máximo,

quatro. Padre Eugênio era o pároco disso tudo. Então, conversando com ele, falamos sobre a possibilidade de facilitar a vida da comunidade, com celebrações, catequese, enfim tudo o que se referisse à Igreja, aqui mais próximo, para evitar que as crianças ficassem transitando nas estradas quando fossem para Niterói. Pedimos, então, autorização para criar no bairro a igreja de Nossa Senhora das Graças, depois Bom Jesus. Padre Eugênio disse:

– Bem, não vejo problema algum. Posso dar assistência, mas não ficar direto com vocês, porque tenho muitas comunidades e é impossível assumir uma só.

Ele dava assistência e depositava uma confiança enorme na gente.

CC: Quando foi essa decisão de sair de Niterói com um grupo e vir montar esta comunidade aqui?

MB: Entre 18 e 26 de julho de 1957 começamos a fazer leilões para arrumar dinheiro, já com a idéia de construir uma igreja na comunidade.

CC: Essa é uma data fundadora, então.

MB: Fundadora! Isso aí, fundadora. Vamos dizer que foi uma base para se levantar vôo, uma base fundamental. Nosso encontro foi na casa de seu Benedito Sampaio, onde estava a novena. Mas, a reunião de fundação foi na casa de dona Maria das Dores. Tudo isso está no livro de Bom Jesus7.

CC: É... (abrindo o livro). Tem aqui a data de fundação... data especial para o lançamento da pedra fundamental. É isso?

MB: Não. Isso foi depois. A reunião de fundação foi entre 18 e 26 de julho de 1957, na casa de dona Maria das Dores. Bem, a partir daí começamos a angariar fundos com leilões, doações, tínhamos até uma contabilidade. Nosso dinheiro ficava sob a responsabilidade de padre Eugênio, lá em Niterói. Tudo o que era arrecadado era depositado lá, em um documento separado. Ficava com ele. Depois ele passou para nossa mão. Tivemos, mais tarde, um alarme falso. Onde é a igreja hoje, era uma Praça da Prefeitura. Então, a gente, sem muita experiência, pensou: “Já que é da Prefeitura, é nosso. Vamos fazer um barraco para a gente rezar”.

CC: E aí deu o maior barraco.

MB: É... (risos). Bem, estávamos na Siderúrgica, e lá havia um departamento chamado “recuperado”. Todo o material que a Companhia não ia usar mais, jogava lá para vender, doar... menos para a Igreja; isso eles não faziam, não. Fui ao “recuperado” com uns companheiros, compramos umas tábuas e fincamos o barraco lá na praça da Prefeitura. Só que não levou muito tempo. Eu estava no serviço, quando recebi um telefonema do meu compadre Sebastião Vieira Torres:

– Compadre, venha com urgência aqui, porque vão derubar o seu barraco. O trator está encostadinho nele, vão assentar o terreno.

– Pede a eles, pelo menos, que aguardem a hora do almoço, que eu dou um pulo aí.

Antes disso, eu não podia sair da Companhia. Na hora do almoço – eu tinha uma lambretinha –, fui ver o que estava acontecendo. Cheguei aqui, e pedi a eles clemência. Desmanchamos o barraco em painéis, encostei de um lado e falei:

– Vamos lutar para conseguir o terreno.

Só que não foi fácil, já que o terreno não era mais da Prefeitura. Depois de um jogo político, alguém doou as terras lá do alto do morro em troca desse terreno. Só que lá no alto do morro não era um lugar possível para rezarmos. Como é que iríamos lá depois que ficassemos mais velhos? Aí começamos a luta. Chamei meus colegas e falei:

– Olha, o terreno agora é um loteamento. Se vocês me autorizarem, vou procurar o dono e comprá-lo.

– Mas, como você vai comprar, Manoel?

– Não sei, mas vamos comprar.

Fomos, então, a casa de seu Haroldo, aqui pertinho, que era o proprietário do terreno. Falei que eu era de Niterói, e pretendia comprar ou ganhar um lote ali. Se ele pudesse doar, melhor, se não pudesse, eu comprava um, e ele me dava outro. Seu Haroldo era uma pessoa que tinha uma dificuldade muito grande com a Igreja. Não era uma pessoa religiosa nem adepta a padres, principalmente padre Eugênio. Ele falou muita coisa pra mim e eu respondi:

– Só tem uma coisa, padre Eugênio é um padre muito sério. Para fazer esse negócio com ele, vou ter de comprar no meu nome, e vou ter de falar isso tudo que o senhor está falando pra mim.

– Pode falar... Ele sabe, está cansado de saber.

Fui ao padre Eugênio e falei:

– Padre, estamos comprando um terreno para a Igreja, só que o dono não quer saber de conversa com o senhor.

– Mas ele vende o terreno? Você quer comprar? Vocês conseguem pagar?

– Vamos lutar para isso.

– Se vocês pagarem, tudo bem, porque não podemos pagar aqui pela comunidade de Santo Antônio. Você pode ir lá fazer negócio com ele, e, assim que tiver o preço e formar

a comissão, venha falar comigo, dizer como vão ser as prestações, como vai ser o contrato etc.

Fiz, então, uma reunião com seu Zé do Patrocínio, seu Dário Ribeiro – e aí já foi uma outra equipe, não foram os fundadores –, seu Anísio de Assis e Andrade, seu José Pena de Freitas, seu Guilherme... um grupo grande. Falei com eles:

– Olha, estamos com esse terreno aqui; o homem vende um lote por Cr\$ 120 mil e dá outro para a gente. Só que ele não quer negócio com a Igreja, tem de ser comprado no nome de um de nós, de preferência o meu, porque ele já viu a escritura da minha casa. Agora, preciso que vocês me ajudem a pagar esse terreno.

Na época, a gente ganhava pouco. Eu ganhava mil trezentos e poucos cruzeiros; seu Zé do Patrocínio, mil seiscentos e pouco; seu Anísio, mil e setecentos; e assim por diante. Eles perguntaram como era o negócio.

– Temos de pagar Cr\$ 10 mil durante 12 meses. Se a gente conseguisse arrumar pelo menos vinte pessoas...

Mas conseguimos apenas cinco pessoas para pagar mil cruzeiros por mês. Eu dei mil; seu Zé, mil; seu Zé Pena de Freitas, mil; seu Dário, mil; e outros mais...

CC: Que aperto, hein?

RA: E tinha de ser 10 mil...

MB: E nós só conseguimos cinco. O restante eu arrumei de cinquenta, de dez, de trezentos, de duzentos. Conseguimos fechar nos Cr\$ 10 mil por mês. Mas, as graças de Deus são tão maiores que, seis meses depois de feito o negócio e de ter pago a metade do terreno, eu tinha Cr\$ 135 mil em mãos.

– Gente, dá para pagar o restante.

– Ah, não, precisamos de mais um lote.

– Então vamos comprar mais um – eu disse.

Descobri que um lote próximo ao nosso custava Cr\$ 150 mil. Ofereci 130 e o dono pegou. Compramos, então, mais um lote (o terreno era de fundos) com o dinheiro que estava sobrando. E continuamos pagando mil. Fiz tarrafa, fiz tudo para ganhar dinheiro. Os outros faziam a mesma coisa. No final do ano, decidimos comprar um terreno de frente. O moço queria Cr\$ 160 mil e nós não tínhamos essa quantia, tínhamos somente 150.

– Vamos fazer negócio.

O que foi feito com Cr\$ 135 mil. Fechamos e ficamos com quatro lotes, mas precisávamos de mais um na frente. Aí o que aconteceu: fui ver o terreno da frente e o dono disse que não vendia por dinheiro nenhum..

– Aquele terreno parece com o lugar onde a minha mãe mora, lá em Minas.

– Meu filho, você tem de pensar no futuro. Tudo o que você está vendo em volta, daqui a dez anos vai estar diferente. A nossa terra também vai estar diferente. Meu Bom Jardim, a sua terra lá de Rio Preto, tudo vai mudar. Acho que é hora de fazermos negócio, me ajuda porque eu preciso do terreno.

– Manoel, já que você está insistindo, eu vendo o terreno por Cr\$ 200 mil. Você vai me dar 100 mil e o restante, cinco por mês.

– É um caso a se pensar, vamos ver isso – respondi.

Já tínhamos uma rebarbazineira, sabe? Chamei a comissão para uma reunião, quando foi falado:

– Manoel, você está ficando doido. Estamos saindo de uma dívida e você quer arrumar outra?

– Só sei que tem uma pessoa que quer comprar um lote por aqui, e tem 100 para dar adiantado, que é o que nós precisamos de imediato. Ele pode pagar uma prestação equivalente à nossa, mas não vamos falar que o terreno é da Igreja, porque senão ele não vai querer ficar com ele.

Essa pessoa pertencia ao nosso grupo, chama-se João Batista. Fui até ele, com a comissão, e falei:

– Seu João, o senhor falou que tem vontade de comprar um lote por aqui.

– Eu tenho, e muita – ele disse.

– Está chegando o momento. Eu sei de uma pessoa que tem um lote por aqui, com 100 de entrada e 10 por mês.

– Quanto é o valor do lote?

Pedi Cr\$ 250 mil e estava comprando outro por 200. Seu João Batista disse:

– O valor do lote não está bom, nem a prestação. Mas os 100, eu tenho.

– Então, vamos ver o que se pode fazer aí nesses Cr\$ 50 mil de diferença.

No final, fechei o negócio por 225 – ele me deu 100 de entrada, e, como não podia pagar 10 por mês, pagou 6, 7, ele dividiu. Só sei que deu para pagar a prestação do outro terreno sem ficar com dívida. Tínhamos quatro lotes; com esse, cinco. Vendemos um para ele, e ficamos com quatro. Quatro lotes de 240 metros quadrados. Dois fazem frente para rua Coimbra, e os outros dois para a rua dos Açores e para a avenida Macau. Enfim, conseguimos fazer negócio. Quando ele soube que o lote era da Igreja, me perguntou:

– Seu Manoel, por que você não me contou?

– Seu João, fizemos negócio por Cr\$ 225 mil e eu estava comprando por 200 mil.

Tinha de falar para ele, ele fazia parte do nosso grupo.

– Como é que você faz isso, compra um por 200 e me vende o outro por 225?

– O senhor não quer um lote aqui? O senhor não está servido? Com esses 25 mil que sobraram o senhor está ajudando à Igreja.

No final, conseguimos ficar com esses quatro lotes. E começamos a trabalhar.

RA: Depois ele entendeu, não é?

MB: Respiramos forte, porque o terreno já não era mais da Prefeitura. Foram mais de dois anos de batalha para pagar isso tudo. Uns três, mais ou menos. O que aconteceu foi o seguinte: o lote estava em meu nome, porque o homem não quis negócio com a Igreja; padre Eugênio me autorizou a negociar. A garantia que eu tinha era minha casa, a única que eu tenho até hoje. E assim fiz. Fomos a dom Agnelo Rossi, que era bispo de Volta Redonda, e que na época morava em Barra do Piraí. Disse a ele que já havia conversado com padre Eugênio, e que tinha ido levar um documento transferindo para a Mitra, o terreno que tínhamos comprado em meu nome. Nesse caso, eu não tinha mais terreno, nem a comunidade; o terreno era da Igreja. Não conseguíamos mais montar nosso barraco. Mesmo com o terreno, ficou difícil fazê-lo. Bastava um pano, um lençol, e a missa era rezada ali – padre Eugênio celebrava. Levamos isso por mais ou menos um ano. Depois que acabamos de pagar o terreno, chamei o pessoal e disse:

– Vamos construir uma capela aqui, nessa área.

Inicialmente, muramos o terreno, e ali fazíamos festas juninas. Estávamos pintando o sete! A primeira festa foi em 1957. Tem um programa da festa aí, uma xerox, “A festa no arraial de tio Mané Cachangá”. Mas no programa não tem

data. Tínhamos “tanta” experiência que fizemos um programa sem data.

CC: Vinte e cinco de junho, está aqui no programa. O senhor botou a data, não botou o ano.

MB: É, guardei de memória. Fui muito ajudado pela comunidade de Niterói, eram todos meus amigos.

CC: Como funcionava a Igreja aqui, em Volta Redonda? O senhor chegou à cidade em 1953, e isso foi em 1957, quer dizer, estava chegando à cidade, não é? Eu me lembro que, quando entrevistei dom Waldir, ele falou muito dessa estrutura comunitária aqui de Volta Redonda, que ele havia herdado de dom Agnelo. Ele só deu continuidade e desenvolveu. Como é que funcionavam as paróquias? E as comunidades? Porque aqui o leigo realmente tinha um papel, sempre teve, desde àquela época.

MB: O leigo realmente tinha o seu papel aqui, mas na questão da celebração da palavra, não. A primeira feita por um leigo, aqui em Volta Redonda, fui eu que fiz, em 1967, em Santo Antônio. Aconteceu o seguinte: padre Eugênio era muito bom e sistemático também. Ele tinha que pregar em um retiro em Resende, e não queria deixar ir outro padre no seu lugar. Então, ele me chamou – ele tinha certa confiança em mim –, e falou assim:

– Manoel, você é capaz de fazer uma celebração?

– Não sei como é que é – respondi.

– Você escreve mais ou menos como é a missa, como você entende a missa, e me traz um rascunho.

Fiz o rascunho, levei pra ele, que apontou:

– Isso aqui pode, isso aqui não, isso aqui também não.

Vou viajar, mas não vou pedir padre substituto. Você vai celebrar aqui.

– Tudo bem. Se o pessoal aceitar, posso celebrar; se não aceitar...

Eram três celebrações: uma às seis horas; outra às oito e meia; e mais uma às 18 horas. Combinei o seguinte:

– Se o pessoal não aceitar às seis horas, as outras não acontecerão.

Mas, graças a Deus, fui e fiz a primeira delas. Fui feliz. Quando acabei, o pessoal perguntou:

– Você é padre?

– Não sou padre; sou casado e tenho filhos.

A partir daí, comecei a celebrar. Quando padre Eugênio voltou de sua pregação no retiro espiritual, os padres foram em cima dele.

– Você não pode fazer isso. O Concílio Vaticano II ainda está amadurecendo essa idéia.

E não existia mesmo ainda essa liberdade. Ele, então, falou:

– Vocês podem não aceitar agora, mas não dou cinco anos para vê-los fazendo igual. Tem de abrir mão, ou as igrejas vão ficar fechadas.

E é o que a gente está vendo hoje.

RA: É que na época não havia muita abertura para o leigo.

MB: Para celebrar, não. Para trabalhar nas obras sociais ou rezar terços, tudo bem.

IS: Mas o padre Eugênio confiava muito nele, porque ele estava sempre ajudando, sempre participando.

MB: Quando peguei a comunidade, não sabia ler a Bíblia. Falei com as pessoas que me nomearam:

– Gente, não sei ler a Bíblia.

Tive, no entanto, a felicidade de ter um amigo, Osias Fernandes Bragança, que me orientou a procurar capítulos e versículos no livro sagrado. E eu, com essa vontade de falar para os outros... Sempre fui falante. Eu explicava a Bíblia nas casas, e padre Eugênio sabia, por isso me chamou para celebrar. Com o passar do tempo, oficializaram a participação dos leigos, fazendo cursinho, uma teologia corrida. Começamos, assim, a fazer celebrações. No entanto, quanto a essa questão de ligação com a Igreja, dom Waldir deu um passo até maior. Ele foi mais forte, mais feliz que dom Agnelo, que era um pouco mais acomodado; dom Waldir veio para botar quente.

IS: Ele saiu do Concílio e já colocou em prática a abertura. Começou aqui em Volta Redonda, quando houve aquela greve.

CC: Quando dom Waldir foi nomeado bispo, veio morar em Volta Redonda?

MB: Não, ele morava em Barra do Piraí. Entre dom Agnelo e dom Waldir temos ainda dom Altivo Pacheco, que ficou pouco tempo, um ano, mais ou menos. Dom Waldir veio com a idéia de não ficar mais do que cinco anos e acabou ficando trinta e poucos. E está aí até hoje. Dom Waldir é um trunfo na Igreja de Volta Redonda; ele sabe disso. É o sopro do Espírito Santo. Um verdadeiro profeta que veio numa época em que nós, operários, estávamos precisando muito.

CC: Na época em que ele deu essa entrevista, em 2000, eram 105 comunidades. É muita comunidade.

MB: Hoje tem muito mais. Só no Conforto parece que tem sessenta e poucas.

CC: Cada paróquia abrange várias comunidades? E há um padre em cada uma delas?

MB: É. Cada paróquia tem um número x de comunidades. Por exemplo, nesta aqui, há um padre para atender 14 comunidades. Os leigos têm de ajudar, porque senão ele não dá conta. Volta Redonda é considerada cidade-paróquia. Não é o padre-paróquia de Bom Jesus nem de Santo Antônio, é cidade-paróquia. Aí o padre setor Santo Antônio, setor Bom Jesus, que pega essas outras comunidades todas.

RA: Como funciona e se mantém o Centro Social Bom Jesus? Ele ainda pertence a Igreja?

MB: Eu não estou no Centro Social, não (risos). Essa história é longa.

CC: Bem, estávamos no momento em que começaram as festas, para juntar dinheiro, construir essa igreja enorme que está aí.

MB: Cheguei a fazer 22 dias de festa. Só saía à meia-noite – quando saía, porque às vezes o vigia não vinha e eu ficava em seu lugar – e ia para a CSN trabalhar. Tinha saúde, era jovem. Com o tempo, fomos diminuindo gradativamente para quatro dias de festa.

RA: A fábrica via isso com bons olhos ou era indiferente a essa sua rotina?

MB: A CSN não se manifestava diretamente, mas sofriamos algumas perseguições. Eles nunca falavam, mas eu sentia. Não por causa da festa, mas porque eu era uma pessoa muito do lado operário. Inclusive, uma vez, escrevi uma carta, foi até você quem redigiu para mim, não foi, Jorginho? A carta falava sobre a situação dos operários, que não tinham água, não tinham isso, não tinham aquilo. Fui chamado, e eles falaram que eu era muito humano, que não podia ser assim. Eu deveria ter outro jeito de trabalhar, sem me humanizar. Eu dava serviço, mas também me defendia. Conhecia quase todas as famílias dos que trabalhavam comigo, procurava me entrosar. A gente sempre lutou com essa questão do vício, da bebida, particularmente. Às vezes, as pessoas se embriagavam e iam trabalhar, e eu não podia ficar com elas, mas também não podia mandá-las embora. Foi uma luta muito grande. Por isso, fui visto na Companhia como uma pessoa que olhava muito para o lado humano. Graças a Deus!

CC: Isso podia atrapalhar a sua produção?

MB: Atrapalhou muito, financeiramente. Custei muito a ser promovido na CSN. As minhas promoções – e eu tive poucas – me custaram muito. Mas não me arrependo. Até hoje, graças a Deus, tenho onde morar. Tenho mulher e seis filhos. Um barraco, não é? (risos). O barraco hoje é meu, mas sofremos um pouco.

CC: Aí construíram uma capelinha para começar as atividades religiosas.

MB: Sim, a capela Senhor Bom Jesus.

CC: Era de madeira?

MB: Não, de alvenaria. Construímos uma capela de 5 por 10, com a ajuda do pessoal. Tínhamos mil cruzeiros para o trabalho. O pessoal falava:

– Manoel, você continua maluco, doido. Como é que vamos fazer essa capela?

– Primeiramente, vamos juntar quem tem condução, uma carroça ou um caminhão, e vamos catar material nas casas.

Fui nas casas e peguei telha de Arantina, de Cachoeira Paulista, de Paraíba do Sul, de tudo quanto é canto. Mas as telhas não casavam. Trouxe aquele montão e joguei no chão. Madeira – pegava um pouco de um, um pouco de outro. Tijolo – pegava um pouco de um, um pouco de outro. Na frente da igreja havia um buraco que levou de 30 a 36 caminhões de terra. E como aterrar isso? Chamei algumas pessoas, evangélicas, que tinham caminhão, e falei:

– Gente, me ajuda porque eu quero aterrar aquele buraco.

– Manoel, se você precisar do caminhão para duas ou três viagens...

– Duas ou três, não! Até aterrar o buraco. Vou arrumar gente para cavucar o barranco e encher o caminhão.

O caminhão era basculante, mas pra carregar tinha de ser na mão. Consegui aterrar o buraco e construir a capela em 13 dias! Inauguramos com foguete, cerveja, tudo que tínhamos direito, porque naquela época era “vamos tomar cerveja, vamos comemorar!”.

CC: Treze dias de construção? Foi trabalho de mutirão mesmo, não é?

MB: Treze dias. Pintadinha, arrumadinha. Um trabalho de mutirão! Veio a irmã Eudir, veio todo mundo, e construímos a capela. Ficamos com ela por um bom tempo. Um dia, eu disse:

– Vamos fazer uma igreja?

– Vamos!

– Vamos arrumar dinheiro, vamos trabalhar!

Começamos, então, a trabalhar para a igreja.

Durante um tempo tivemos uma dificuldade muito grande de escola, por isso fiz uma reunião na igreja com os pais que não tinham escola para os filhos. E sugeri a construção de um barraco lá atrás, um banheiro de alvenaria, e botar umas professoras dando aula pra essas crianças. Arrumei umas oito professoras, todas voluntárias. Elas davam aulas para que as crianças não perdessem o ano, porque a prefeitura não estava conseguindo escola para todo mundo. Fizemos um banheiro masculino e um feminino, com caixa d'água, tudo direitinho, e ali funcionava a nossa escola Bom Jesus. E foi disputada! Começamos a funcionar com um grupo de alunos de primeira à quarta série. Apesar de ser uma escola pobre, sem recursos, tivemos a felicidade de ver um aluno da quarta série, Juarez, tirar primeiro lugar numa maratona em Volta Redonda. Foi uma pessoa que conseguimos levantar.

Bem, conseguimos fazer nossa capela, apesar das dificuldades. Sentimos, mais tarde, necessidade de fazer a igreja em tamanho maior. Fizemos a planta, o projeto. Nosso engenheiro, Haroldo de Oliveira, era um profissional de confiança da Diocese, trabalhava com dom Waldir. Quem fez o desenho pra gente foi o Valdir Gifone, uma pessoa que, apesar de ser morador do Jardim Paraíba, aderiu ao nosso trabalho aqui. Fazíamos almoços, promoções, festas... Foi muita luta, mas conseguimos fazer nossa igreja sem qualquer participação política. Não que os políticos não ajudassem,

mas era uma ajuda de amigo. Nunca tivemos a pretensão de abrir espaço pra fazer política na igreja. De jeito nenhum. Nosso trabalho era mais entre nós mesmos, e envolvia a cidade toda, porque as pessoas que participavam levavam cartões de almoço, de promoções, que rifávamos dentro da CSN. Tudo para construir essa igreja aí, com muita dificuldade, com muita luta. Primeiramente, fizemos a base, e aí demos uma parada. Arrumamos um pouco de dinheiro e começamos a fazer a parte de alvenaria. Depois, o telhado, o acabamento e, finalmente, o emboço, por dentro e por fora.

JS: E teve um único construtor?

MB: Sim, aqui na igreja, um só engenheiro assinou a planta e um só desenhista desenhou. Mas, modéstia à parte, todo o trabalho de acompanhamento das obras foi feito por mim. Trabalhei com seu Francisco de Paula Almeida e acompanhava, fiscalizava, orientava. Havia uma equipe – Sebastião Vieira Torres, Alvaci, Zé Portela – que me substituíam quando eu não podia estar presente. Mas eu dava toda a assistência, mesmo trabalhando na CSN. Hora de almoço, por exemplo, eu vinha correndo ver como é que estava, o que faltava, o que não faltava. Eles telefonavam pra mim:

–Manoel, está precisando disso, daquilo, vai a tal lugar, assim, assim...

Graças a Deus tivemos sempre um bom crédito. A gente fazia compras para pagar depois. Dessa forma, atingimos nosso objetivo.

RA: E a Igreja, não deu nenhuma contribuição financeira? E a Diocese?

MB: A Diocese não contribuiu. Foi só trabalho comunitário, mesmo. A Igreja não tinha grandes recursos para oferecer. Mais tarde, quando começou a aparecer um dinheiro de fora, é que a comunidade foi beneficiada com aqueles salões que vocês viram lá atrás. É um dinheiro que veio não sei se da Alemanha ou da França. Até a pouco tempo continuávamos recebendo. Nesse ponto padre Eugênio sempre funcionava, dando apoio religioso à comunidade, que sempre teve vontade de ter um padre aqui. A gente sempre conversava sobre as dificuldades da Diocese em ter um padre exclusivo para a nossa comunidade. A moradia para um sacerdote acarretaria despesas, e a comunidade não tinha condições de bancar. Mesmo assim, eles designaram o padre Jacques, que assumiu em 1975.

CC: A igreja já estava construída?

MB: Sim, embora ainda em fase de acabamento. Comecei, então, a formar pessoas pra ficar no meu lugar, porque a essa altura... Bem, vamos voltar um pouco. Em 1968, surgiu o Centro Social Bom Jesus, e fui eleito seu presidente. Acumulando funções na igreja e no Centro Social, o trabalho ficou muito difícil, e iniciei um esforço para a formação de outra comissão para a igreja. Assim, poderia ficar trabalhando somente no Centro.

CC: Como foi essa história do Centro Social? Como surgiu a idéia? Porque, a rigor, existia uma igreja onde poderia se desenvolver um trabalho social. Por que, então, a idéia de fazer esse Centro?

MB: É uma boa pergunta. Alguns casais – eu e Irany, Zé Portela, David, Waldomiro, e suas esposas – formavam um

grupo muito unido. Trabalhávamos sempre juntos, fazíamos celebrações nas casas, aniversários; quando alguém morria, a gente estava junto. Mas, em 1968, algumas dessas pessoas influenciaram esses casais para criar um grupo de oração. Não era trabalho social não, mas um grupo de oração que, de três em três horas, onde estivesse, estaria orando. É tipo maçonaria, parece. Mas eu fui o último a ser consultado. Padre Eugênio me chamou e falou:

– Manoel, vai haver uma reunião lá no Bom Jesus, na capela. Estão querendo fazer um grupo de oração só de homens. Não pode entrar mulher. Como é que vocês vão ficar diante dessa situação? Vocês que estão acostumados a ir juntos, marido e mulher, como vai ser isso?

– Ah, não pode, isso não vai dar certo.

– Pois é, eu queria que você fosse lá e resolvesse essa situação.

Então, no dia 8 de dezembro de 1968, foi feita uma reunião na igreja Bom Jesus, mas as mulheres ficaram todas aqui, na porta da minha casa, olhando pra lá. Só entramos nós, homens.

IS: Acho que isso aí foi idéia do David, não foi?

MB: Não, foi do Joaquim Coelho. Eu tinha um colega que se chamava David, que hoje é diácono. Ele é muito bom, mas aceitava facilmente certas idéias.

CC: Por que essa história de só ter homem num grupo de oração?

MB: Não sei. Bem, fui pra reunião. Deixei as mulheres todas sentadas aqui, em frente à igreja, e nós, homens, lá dentro da igreja, fechada. Assim que entrei, alguém chamou:

– Seu Manoel está aí?

– Está, mas não pode atender – respondeu o cara que estava na porta.

– Não, espera aí, tem de atender, sim. – eu disse. – Quem é?

Era uma pessoa que estava com outra no hospital, muito mal, precisando de que alguém fosse lá para fazer uma oração.

– Vocês vão me desculpar, mas eu vou lá fazer essa oração. Vamos acabar aqui primeiro, depois vou lá.

– Ah, essa reunião vai ser assim, vai ser só os homens mesmo.

– Gente, vocês já viram as mulheres lá fora? Saímos todos juntos aos domingos, aos sábados, às noites para rezarmos. Agora, as mulheres estão ali, sozinhas, e nós aqui, sozinhos. Acho que isso não dá certo, não.

Foi então que David, que era uma pessoa que aceitava muito as idéias dos outros, mas que também trocava de opinião com facilidade, falou:

– Não, eu acho que não está certo. Manoel tem razão. Vamos acabar com isso. Vamos acabar com essa reunião.

E resolveram acabar com a reunião de uma hora para a outra. Waldomiro, meu parceiro desde o início da comunidade, falou:

– Manoel, por que não criamos um centro social em vez de manter esse grupo? Isso foi na segunda-feira, 9 de dezembro.

– Waldomiro, sabe que você teve uma boa idéia? Vamos reunir os casais e criar um centro social.

Resolvemos, assim, criar o centro social, e, por sermos da igreja Bom Jesus, colocamos o nome de Centro Social Bom Jesus. Isso foi em 1968. Mas, depois de tudo feito, direitinho, o próprio padre Eugênio chamou a gente e falou:

– Olha, gente, o centro social que vocês estão querendo criar... eu acho que não vai ter credo religioso. É uma coisa social, qualquer um da comunidade vai ter direito de participar, não vai?

– Claro.

– Então, faz o seguinte, vocês não põem o nome da igreja. Podem chamar de Bom Jesus, tudo bem, mas não é da igreja.

E assim criamos o Centro, com diretoria própria: presidente, vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro e conselho fiscal. Não tinha conselho deliberativo.

CC: Já tinha sede?

MB: Não, não tinha nada. Só a idéia. Alguém falou:

– Bom, mas como é que nós vamos fazer? Manoel, há um lote pra vender, e o dono quer Cr\$ 6 mil, vamos comprá-lo? (risos).

– Vamos lá.

O cara falou que queria 6 mil à vista.

– Manoel, não temos dinheiro. Como é que a gente vai fazer?

– Deixa isso comigo.

Procurei o cara e disse:

– Seis mil não vamos ter, moço, mas vamos arranjar alguma coisa. E aí a gente vem falar com você.

Fui procurar padre Eugênio. Havia, na igreja, uma caixa com o dinheiro dos pobres, o dinheiro da catequese, da procissão, dinheiro daqui, dinheiro dali. E eu sabia que na caixa dos pobres havia uns 4 mil e poucos cruzeiros. Lá, com padre Eugênio, eu falei:

– Estou comprando um lote para o Centro Social, estamos precisando de Cr\$ 6 mil. O que o senhor pode fazer?

– Não posso fazer nada, ué. Eu não tenho nada.

– Espere aí, padre Eugênio, empresta o dinheiro que tem na caixa dos pobres pra gente. Não se preocupe que vamos pagar.

– Manoel, você sabe que eu não gosto de coisa errada, vocês vão poder pagar esse dinheiro?

– Vamos pagar, claro!

– Então eu vou ver quanto é que tem – respondeu o padre, abrindo sua cadernetinha. – Tem 4 mil e uns quebrados.

– Quatro mil está bom.

Então, fui à casa do homem e disse:

– Olha, eu lhe dou Cr\$ 5 mil no lote. Tenho 4 mil para lhe dar de entrada e fico devendo mil, que posso pagar em 60 dias.

O cara queria Cr\$ 5.500. Tentei negociar, mas, por fim, falei:

– Eu lhe dou os 4 mil e pago mil e quinhentos em 90 dias.

– Tudo bem, está feito – ele respondeu.

Fui lá, peguei o dinheiro, comprei o lote, me virei por aí fazendo festa, almoço, não sei mais o que, arranjei mil cruzeiros, e falei para o pessoal:

– Esse dinheiro não é pra pagar padre Eugênio, mas o homem do lote.

Procurei o homem e disse:

– Tenho mil cruzeiros pra lhe dar agora. Você prefere assim, ou mil e quinhentos parcelado, de quinhentos em quinhentos?

– Sabe de uma coisa, me dá esses mil cruzeiros aí e encerra o assunto. Paguei Cr\$ 5 mil – o homem estava meio enroladinho, também. Comprei o lote do Centro Social sem dinheiro e à vista. É coisa de doido, não é? E, em pouco tempo, com o nosso trabalho, pagamos a padre Eugênio.

O Centro Social não era da Igreja, mas, se fazíamos uma festa, e a Igreja estivesse precisando de dinheiro, muito necessitada mesmo, 70%, líquido, da renda iam para ela e 30% para o Centro Social. Quando o Centro estava na pior, 70% ficavam para ele e 30% para a Igreja. Isso funcionou durante muito tempo. Chegamos a equilibrar 50% pra lá, 50% pra cá. O Centro Social funcionou durante muito tempo em parceria com a Igreja. Ao chegar, padre Jacques falou:

– Não quero saber de dinheiro de festa. O Centro Social não é independente? Pois fiquem com ele pra lá, com esse negócio de festa, e eu fico com a comunidade, tudo bem?

Com a compra do terreno, fizemos a festa de São João, e ganhamos um dinheirinho bom. Aí, o olho cresceu. Padre Jacques começou a ficar doido para pegar o Centro Social.

– Esse Centro não pode ficar fora da Igreja, tem de ser da Igreja – ele dizia.

– Mas o senhor falou que não queria...

Então fizemos um trato com a comunidade para construir um barracão.

E foi o que fizemos, um barracão de zinco, que depois pegou fogo. Só escapou aquela imagem que está lá. Se a gente contar isso, muita gente não acredita. Mas, até pouco tempo atrás, tinha um engradado, desse de bebida, guardado, que embolou todo. Agora, já devem ter jogado fora, porque eu não estou por lá, não é? Tinha também uma folha de zinco que embolou. Guardei só pra mostrar, porque parece mentira, mas o zinco embolou de tal maneira que não deu pra derreter. Enroscou tudo por causa do calor do fogo.

RA: E como começou o fogo? Foi criminoso?

MB: Desconfio que sim, mas não posso provar. Uma fresta pequena separava o Centro Social dos vizinhos de

parede. E acho que alguém jogou uma guimba de cigarro justamente ali, naquela fresta.

RA: Então deve ter sido um acidente.

MB: É, acidente. E foi cair justamente onde ficava a secretaria, que tinha material de trabalho, como álcool. Naquele dia, eu tinha ido a uma reunião lá no NAC – Núcleo de Ação Comunitária –, e voltei com o secretário João Januário de Souza.

CC: Quando surgiu o NAC?

MB: 1972.

CC: O Centro Social já estava fundado, mas não tinha sede.

MB: Isso, só tinha o terreno e o barracão. O NAC saiu daqui, da Comunidade Bom Jesus. A primeira comunidade que se reuniu com a entidade foi a nossa. Estava voltando da reunião com o secretário e lhe contava sobre a escritura do terreno do Centro Social. Disse-lhe que tinha sido difícil de sair porque o homem estava enrolado com a família e havia feito umas trapaças, vindo depois a falecer. No dia que houve a reunião conversei com a viúva e ela falou:

– Seu Manoel, meu marido não me deu um tostão dali, e talvez por isso eu não devesse assinar essa escritura, mas, em consideração ao senhor, vou assinar. No caminho, de volta da reunião do NAC, disse para ele:

– Ô João, hoje, se a gente pudesse tomar uma cerveja, seria bom. Nós estamos recebendo a escritura lá do terreno do Centro Social.

Quando cheguei ali, na subida, sem mentira nenhuma, vi um fogaréu e, assustado, falei:

– João, está acontecendo uma droga nessa rua.

Quando cheguei em frente ao Centro Social e vi que o incêndio era ali, caí chorando. Foi no mês de maio de 1987. Tínhamos o material todinho pra fazer a festa: geladeira, liquidificador... tudo que tínhamos conseguido foi embora. Sentei e comecei a chorar. Mas aí vem aquela história:

– Meu Deus, arranca o resto, mas não arranca minha fé.

Fizemos a festa debaixo de carvão. Estávamos fazendo o bingo, e caía carvão em cima da mesa. Hoje vocês podem ver o Centro Social que a gente tem.

CC: É impressionante. E aí, no meio dessa efervescência social que vocês viviam, de construção do Centro, da igreja, da comunidade funcionando, estoura a bomba política. Golpe militar e, quatro anos depois, o AI-5. Como é que isso repercutiu? Influuiu no trabalho? Porque dentro da fábrica devia ter repressão ao sindicato, não é? Isso tinha repercussão no trabalho de vocês?

Jorge Piri: Pai, fala um pouquinho da época da ditadura, quando bateram à sua porta e prenderam as pessoas; dos depoimentos que você prestou, por conta da Igreja...

MB: Nunca cheguei a ir ao quartel, porque na época da Revolução eu estava fazendo teologia na Cúria, mas lá a gente sentia a pressão; os militares ficavam em volta, vigiando a reunião. O golpe militar influenciou na época; muita gente tinha medo. Cheguei a fazer um levantamento na comunidade para determinar o número de pessoas, um censo. Oficialmente, ninguém falava diretamente com a gente. O pessoal do sindicato sofria a maior pressão. Não cheguei a me filiar

a sindicato algum, a fazer política. Eu apoiava o movimento do sindicato, participava dos movimentos da igreja, das passeatas, mas nunca fui candidato a nada. Então, não sofri muito com isso.

Eu andava muito de lambreta. Uma vez, pegaram uma lambreta, só que não era a minha. Mas, aqui mesmo, no meu trabalho, às vezes as pessoas deixavam de ajudar aos outros, com medo. Porque minha identidade é Bom Jesus, mas, de um modo geral, igreja Bom Jesus, porque comecei na igreja. Inclusive esse apelido, Manoel de Bom Jesus, vem da igreja. A primeira festa realizada foi lá em Bom Jesus. Com o passar do tempo, o pessoal falava assim:

– Quem é o Manoelzinho?

– É lá do Bom Jesus.

Aí, o apelido foi pegando...

JS: E Caxangá, por quê?

MB: Não foi proposital. Pensei: preciso de um título que seja representativo para a mídia. Eu tinha uns bonecos de propaganda, bonitos. Fui a algumas firmas, como a Antártica e a Brahma, para fazer a divulgação da festa, e eles acabaram aproveitando o bonequinho Manoel Caxangá.

CC: Pelo que eu estou entendendo, no incêndio de 1987, o senhor estava com a escritura do Centro Social na mão.

MB: É, passou um tempão, foi muita luta, mas iniciei a recuperação do Centro com a ajuda do pessoal amigo. Quem doou uma geladeira apareceu com outra, ou com outro prêmio mais barato, mas fez uma doação. Apesar do incêndio, foi uma das melhores festas, graças a Deus. Tivemos uma ótima arrecadação e nesse ano começamos a construir a sede,

que sofreu várias modificações, mas sua base era muito boa. Foi trabalho meu, de seu Francisco Paula Almeida, só a assinatura era do engenheiro.

CC: O senhor lembra quando começou essa construção?

MB: Logo depois do incêndio de 1987, começamos nosso trabalho, assim que terminou a festa junina.

Piri: E quanto tempo houve festa junina, pai?

MB: Durou de 1957 a 2003.

Piri: A festa junina era um marco tradicional aqui na rua. Durante quase trinta anos, ela foi a maior fonte de recursos para as obras, tanto da igreja como do Centro Social.

MB: Conseguíamos colocar aqui nessa área, para vocês terem uma idéia, cerca de 3 mil, 4 mil pessoas. Ficava superlotado, até intransitável. Em uma ocasião, marquei no relógio: gastei 40 minutos da minha casa até o Centro Social. Nas festas, eu, como um dos responsáveis, procurava ficar localizado no palanque. Só era chamado pelo alto-falante: “Seu Manoel, compareça com urgência em tal lugar”. A festa era muito boa, tinha rainha da boneca, rainhas jovens. Era tudo muito bonito! Era a festa da comunidade. As pastorais eram responsáveis pelas barraquinhas. Com o tempo, com a separação entre o Centro Social e a Igreja, muitas pessoas foram ficando desanimadas, desmotivadas e foram se afastando, enquanto os camelôs iam chegando, forçando a barra para entrar e colocar suas barracas. Quando vi que não tinha mais jeito, passei a fazer reuniões com eles, que passaram a fazer parte da festa como se fossem da comunidade.

Nessas reuniões ficava decidido como armar cada barraca e os itens de segurança que deviam fazer parte dela, como, por exemplo, extintor de incêndio. O funcionamento deveria ser até à meia-noite, mas alguns queriam estender esse horário até mais tarde e vender cachaça. Aí eu falei:

— Sabe de uma coisa, vamos parar com isso.

Chamei o pessoal do Centro Social, os diretores, expliquei a situação e eles resolveram também não fazer mais nada.

CC: Perdeu o caráter comunitário, não é? Com o final dessa festa, alguma outra tomou seu lugar?

MB: Acabou tudo.

CC: Existe alguma outra coisa, algum evento que possa ser considerado um marco na história do Centro Social? A Festa da Primavera, por exemplo?

MB: Mas aí já é outra festa.

Irany: O Centro Social participava da Feira da Primavera, que é filiada ao NAC. Era como conseguíamos verba para as obras. Mas ainda existem as festas dos padroeiros, realizadas também pelas comunidades.

MB: Não é festa de padroeiro, é festa junina mesmo. A de Santo Antônio, por exemplo, não é festa de padroeiro, afinal, Santo Antônio é do mês de junho, logo, é uma festa junina. Tem comunidade aqui em Volta Redonda que faz as festas juninas nas ruas mesmo. Mas as igrejas não estão mais assumindo isso. Poucas o fazem. Agora fica tudo com a comunidade, então é festa de padroeiro mesmo, feita às vezes em recinto fechado.

CC: Vamos falar um pouquinho do NAC. Como é que surgiu,?

MB: Tudo começou assim: Aqui, em Volta Redonda, ainda existe essa idéia de que a Companhia Siderúrgica deve ajudar a igreja, o Centro Social, o centro espírita, a todos, enfim. Em 1972, a diretoria da empresa achou por bem criar condições para que cada um lutasse por seus benefícios. Era preciso acabar com o paternalismo que existia. Essa proposta foi encabeçada pelo engenheiro Vilaça, que reuniu algumas assistentes sociais com o propósito de visitar cada uma das entidades, surgindo daí uma equipe de profissionais da CSN, e também da Prefeitura e do INSS. A primeira comunidade a ser visitada foi a de Bom Jesus, quando nos perguntaram sobre o funcionamento da igreja e do Centro Social, do mesmo jeito que vocês estão fazendo agora. Falamos, então, sobre a arrecadação de fundos provenientes da festa junina, sobre nossos patrocinadores, colaboradores, etc. Foram depois a outras comunidades, espíritas, evangélicas, católicas, enfim, visitaram todos de Volta Redonda. A maioria era de comunidades católicas, mas, com o passar do tempo, estas foram acabando, só restando mesmo as espíritas e evangélicas.

No caso de Bom Jesus, fomos visitados por três assistentes sociais, que quiseram saber como funcionava o nosso trabalho. Passados dois ou três meses, nos convidaram a participar de uma reunião com elas, quando nos foi informado que a Companhia não estava mais em condições de atender a todos e que por isso elas estavam ali, querendo nos ajudar a fazer um trabalho só nosso, para arrecadar mais dinheiro.

E assim nasceu o NAC, com a ajuda das assistentes sociais, composto de presidente, vice-presidente, diretoria, con-

selho deliberativo, formado por todas as entidades, cada uma com dois representantes, um suplente e um titular. Com a proposta aceita, foi montada a primeira Feira da Primavera, em 1972. Assim nasceu essa nova estrutura; comprávamos, vendíamos, fazíamos um trabalho social atendendo aos pobres. Só que, ao final da feira, ao fazermos as contas, descobríamos que pouco ou nada havia de lucro. Na verdade, o que restava era um baita prejuízo. Com isso, algumas entidades foram abandonando o barco, até mesmo as que eram ligadas à Igreja. Os sacerdotes diziam: “ah, esse negócio de NAC não dá não, sai fora”. Hoje, ainda existem algumas entidades fazendo esse trabalho, 23, eu acho, embora sem lucro. Os governos municipais que se seguiram abraçaram a causa, inclusive o prefeito Francisco Torres e Vanildo de Carvalho, quando algumas mudanças foram feitas, como a transferência das barracas para a ilha de São João. No começo foi complicado, já que, quando chovia, alagava tudo. Mas, diversas medidas de governos posteriores foram melhorando essa situação. E, finalmente, o governo resolveu abraçar, de verdade, a causa, e a Feira da Primavera ressurgiu, organizada pela Prefeitura, que monta as barracas e o feirante decora a seu gosto. Mas outro problema apareceu. Tínhamos pouco pessoal para trabalhar nas barracas. Resolveu-se, então, unir duas entidades para cuidar de uma só barraca, e o dinheiro arrecadado era dividido entre elas. Mas, ainda assim, a coisa não funcionava bem. Ficou resolvido que três entidades, e não mais duas, repartiriam as funções de cada uma das barracas, e o lucro também, claro. Isso tornou o lucro final cada vez menor. O governo, então, lançou a idéia do projeto cultural, de onde se consegue algum dinheiro da Light, da cervejaria, ou seja, ao final da feira, o NAC sempre pega a sua parte.

Piri: O NAC tem uma estrutura independente do poder público, embora exista uma parceria.

JS: Mas, antes, a CSN fazia a sua parte?

MB: Para a Feira, não. Só fazia doações para outras atividades, como o torneio de futebol. Eles também doavam leite para algumas instituições. Como ficou todo mundo querendo esses benefícios dados pela CSN, resolvemos “organizar essa bagunça”, e constituímos uma entidade para coordenar toda essa estrutura.

Irany: Ao final de todo esse processo, o NAC passou a dividir a verba com as entidades. Este ano, por exemplo, o Centro Social conseguiu R\$ 4 mil.

MB: Não conseguiu, não, ainda vai conseguir. Essa verba virá de um projeto cultural, patrocinado pela Light. O dinheiro será rateado entre as entidades, depois de subtraídas as despesas com manutenção.

JS: Onde fica a sede?

MB: Já existe uma, perto do Jardim Tiradentes, ao lado da cervejaria. Futuramente, construiremos a nossa própria sede. A que já existe, a do NAC tem um salão grande, igual ao do Centro Social, além de outra área com secretaria.

CC: Vamos voltar ao nosso objetivo principal, o Centro. Depois de sua criação, construiu-se a sede. Fale um pouco de suas atividades, de seus fundadores, sócios, de como ele sobrevive atualmente e quais as atividades mais importantes.

MB: Para mim, um centro social deveria ter um caráter profissional. Não gostaria de ver a igreja fechada todo o tempo sem uma atividade sequer, mas sim, com pessoas trabalhando para formar profissionais. Foi por isso que criamos o Centro Social, com aulas de corte e costura, de violão, de karatê, de ginástica, de culinária, um trabalho para que a pessoa possa ganhar o seu dinheiro. Alguns saíram professores de lá. Mas, infelizmente, isso vem decaindo. Os jovens, que deveriam participar, não têm tempo, tem de trabalhar e estudar. Assim sendo, o pessoal da terceira idade é o maior beneficiado pelo projeto, com aulas de ginástica, inclusive.

RA: Isso tudo acontece também na ilha de São João, não é?

MB: Mas também nos bairros. Lá no Jardim Tiradentes temos ginástica poliesportiva. O pessoal que trabalha, vai lá aos finais de semana, e pratica o seu esporte.

CC: Todas essas dificuldades que o senhor citou esvaziavam um pouco o trabalho do Centro.

MB: Um pouco, sim. O Centro Social não tem condições financeiras de manter um professor, e de graça ninguém trabalha. Por isso usamos estagiários, que nos são mandados, às vezes, por alguns colegas. Quanto aos associados, o Centro Social anda em déficit. As pessoas costumam procurar vantagens quando se associam a qualquer coisa; se não têm, abandonam. Não tínhamos sequer quadras esportivas, somente o forró, mas nem todo mundo é ligado em forró. Está aí outro motivo para o esvaziamento. Passamos então a tornar o sócio ainda existente em sócio remido, que não fre-

qüentava, não estava nem aí. Na verdade, só permanecia por causa do forró, que custava só dez reais para dançar o mês inteiro.

CC: Há quantos anos funciona o forró?

MB: É quase da idade do Centro Social (risos).

Piri: Veja bem, todo o trabalho do Centro Social sempre foi voluntário. À medida que esse voluntariado foi diminuindo, diminuíram também as atividades. Os voluntários recebiam uma quantia simbólica como pagamento e deixavam uma parte, também simbólica, para o Centro. A única atividade que permaneceu foi o forró, por incrível que pareça.

MB: O Centro Social já tem 39 anos, de forró deve ter trinta e sete. Começou logo, logo. Não tínhamos nem sede própria ainda. O forró é, portanto, uma atividade tradicional do Centro Social.

JS: O que é a “Rainha da Boneca” e a “Rainha Jovem”?

MB: Era um concurso, o destaque da festa, que acontecia no seu encerramento. Era um momento muito bonito. O pessoal ficava, às vezes, debaixo de chuva, aguardando a coroação da rainha. A candidata vendia os votos, e a que vendesse mais, era a eleita. A renda da festa era revertida para a comunidade.

P: As moças participavam do concurso Rainha Jovem, e as meninas, do de Rainha da Boneca.

MB: No NAC começou assim também, foi copiado da gente. Lá só existe a eleição da Rainha Jovem, que é eleita

por pontuação. Os requisitos são o traje, o desempenho... quem for melhor ganha.

Piri: Cópia do concurso Miss Brasil. A vencedora não é quem vende mais voto, mas quem é a mais bonita.

MB: Mas isso também anda fraco, e também no NAC.

CC: A própria Feira da Primavera está fraca, não é?

MB: Não, a Feira é uma coisa mais jovem, não é mais o lugar para onde as famílias vão aos domingos, quando lá almoçavam, e trabalhavam o dia todo. Hoje, as barracas ficam lá, vendem uma coisinha ou outra na parte da tarde. O quente mesmo é depois das 23 horas, durante a madrugada.

Piri: A estrutura agora é bem mais profissional. A abertura é às 16 horas e às 22 horas tem um show patrocinado pela Prefeitura ou pela CSN. Resultado: perdeu-se aquela característica de reunião das famílias, que passavam todo o dia por lá, passeando e visitando os estandes. Agora é, definitivamente, uma festa profissional.

MB: Tem muito churrasquinho, pizza, nada de novo. Antigamente é que tinha novidade, como as barracas de bolsas e roupas para senhoras; agora acabou tudo.

Piri: E as barracas típicas, onde cada entidade apresentava um trabalho. A gente comercializava o artesanato do Ceará. Trazíamos produtos de lá, todos os anos, para expor na Feira. Havia ainda as barracas temáticas, como as portuguesas. Infelizmente, tudo isso acabou.

CC: E como foi a comemoração dos 25 anos do Centro, há 14 anos? Teve festa?

MB: Todo aniversário do Centro Social é comemorado com festa. Tem até um jantar com direito a desfile para os sócios, mas não todos os sócios, porque isso não daria para fazer. Eram aproximadamente duzentas pessoas. Teve também o desfile da Rainha, aqui, no Centro Social.

CC: Vocês estão pensando em alguma coisa para comemorar os quarenta anos, além deste livro que está sendo feito?

MB: Pensar, a gente pensa, embora eu não esteja na diretoria, mas já estamos conversando sobre isso. Quarenta anos têm de ser comemorados com muita festa. Se me aceitarem, como presidente de honra do Centro Social, vamos trabalhar juntos.

RA: O Centro Social está passando por um período de transição, já que as pessoas não querem mais ser voluntárias. Vocês já pensaram nas alternativas para reerguê-lo?

MB: Vou falar uma coisa, talvez seja até uma besteira, mas estamos precisando muito de idéias novas. Eu, antes de sair, fiz um seminário. Jorginho ajudou, trazendo pessoas de fora. Foi um seminário muito bom, mas o projeto não frutificou, ficou somente na questão da juventude. Alguém sugeriu: "Vamos fazer um negócio de grupo jovem. Nativa, não é?" E o que era isso? Nativa era só festa, música, baile.

Priscila: Nativa era uma festa que os mais jovens, que ainda não podiam ir aos bailes, faziam dentro da comunidade.

de. No nosso caso, a maioria era de primos e netos. A gente se organizava, corria atrás das coisas, contratava DJ e fazia as festas temáticas, como a do dia das bruxas. O nome Nativa veio de uma empregada do meu avô, que fazia muito barulho quando arrumava a cozinha.

MB: Um dos motivos da paralisação das festas, foi a venda de bebida durante a Nativa. Passaram a comprar muita cerveja para um público ainda muito jovem, abaixo de 18 anos, que não pode consumir bebida alcoólica.

Priscila: A festa foi tomando certa proporção e saindo do controle. Antes, era o contrário, todo mundo se conhecia, porque não era divulgado abertamente, só vinha quem era convidado.

CC: Já pensou se a gente consegue fazer um vídeo com a história do Centro, para passar para a moçada toda ver? Seria ótimo, né? Talvez... no lançamento do livro...

Priscila: Eu tenho um CD com fotos antigas de uma apresentação.

MB: Não, são as fotos das festas. Agora, falando sobre o aniversário... esse ano o destaque foi grande, porque, embora já tivessem me dado o título de presidente de honra, ninguém tinha se manifestado ainda. Em dezembro de 2007, no aniversário do Centro Social, resolveram me entregar uma faixa, além de uma placa de honra ao mérito, pelo meu trabalho no Centro. Também desfilei no carnaval por uma escola de samba que homenageou o NAC; fui representando o Centro Social Bom Jesus.

Piri: A fundação do NAC partiu daqui. Esta é uma das primeiras comunidades da cidade. Tudo passa por aqui, é uma referência.

CC: Como é que o senhor vê o futuro do Centro Social?

RA: O senhor acha que esse conflito com o novo padre, conversado anteriormente, estaria atrapalhando o seu funcionamento?

MB: No início atrapalhou. Agora não atrapalha mais, porque a comunidade tem várias maneiras de se manifestar. Tem os prós e os contras. Então, ficou mais ou menos sossegado, eu não vejo mais muita diferença. E o padre Bernardo também. Se você me permite, por duas vezes Jorge veio aqui, em Volta Redonda, para interferir nesse conflito. Chegou-se a trocar o nome da igreja de Bom Jesus para Bom Pastor. Jorginho se manifestou por um boletim, alegando que não se troca o nome de nada depois de um batismo. E a comunidade também se manifestou, com faixas, panfletos e um abaixo-assinado, que foi levado ao conhecimento do bispo, que pediu um basta na situação.

CC: Quer dizer que a paróquia estava fazendo isso sem nenhuma cobertura da Diocese? Por conta própria? Que história estranha é essa?

MB: Eu não sei, porque o bispo [atual] mesmo nunca falou nada.

CC: O que representou a saída de dom Waldir para a Igreja e para a comunidade? Como é a relação com o bispo atual?

MB: Com a comunidade, tudo bem, mas, com o Centro Social, não havia tanta informação. Poderiam ter me chamado, além de duas ou três pessoas, mas nunca fomos convidados. E achamos por bem não nos oferecer. Nunca tivemos oportunidade de conversar com o novo bispo, dom João Maria Messi.

CC: Ele tem uma boa relação com dom Waldir?

MB: Acho que sim. Dom Waldir continua atuando, e está sempre à frente quando se trata de problemas mais sérios. Apesar da idade, ele tem uma cabeça muito aberta pra verdade. Sempre tivemos um bom relacionamento. Dom Waldir chegou a vir na minha casa várias vezes, mas nunca se pronunciou contra ninguém do Centro Social. A gente conversava o que ele precisava, o que eu precisava dele, as visitas nas doenças, nas enfermidades, sempre tive seu apoio. E ele gosta muito da igreja. Chegou a falar comigo:

— Meu filho, esse trabalho todo, para que isso?

— Para o povo, né.

— E quem fez, foi você?

— Não, fomos nós.

Ele me visitou quando eu estive enfermo, umas duas ou três vezes, e rezou por mim.

Piri: O que nos aborrece é a falta de reconhecimento do nosso trabalho. Nos últimos cinco anos fomos deixados de lado, e não foram considerados esses quase quarenta anos. Quem chegou já pegou tudo pronto. Simplesmente diziam para o Manoel:

— “Olha, você não pode mais fazer serviços na igreja”.

Isso pra ele é muito ruim, que foi um dos primeiros a ser ordenado diácono, a fazer casamento, batizado, tem uma

centena de famílias que foram batizadas por ele nessa relação com a igreja. E hoje, pura e simplesmente quem dirige a igreja, hoje, não permite que faça nada.

CC: Como? O senhor Manoel não tem mais direitos?

Piri: Parece que não. Apesar de cumprir todos os preceitos, ele não tem acesso às reuniões feitas previamente, durante a semana, para organizar o evangelho, o que vai ser dito nas missas.

RA: Ele chegou a dizer que o senhor não podia mais celebrar?

MB: Não claramente.

CC: Parece ser exclusão mesmo, não chamam pra reunião, não comunicam nada, vão deixando de fora, não é?

Irany: Você já foi convidado para voltar, não é, Manoel?

MB: Não, eu não fui convidado, apesar de sempre ter lutado para participar da comunidade, de sempre correr atrás das ovelhas.

CC: Mas mudou a orientação da paróquia e da diocese de Volta Redonda com relação aos leigos ou foi somente com Manoel Benedito?

Piri: Com relação a Manoel Benedito, eu acho.

CC: Qual a explicação que vocês têm para isso?

MB: Nenhuma.

CC: Vocês não tem uma boa relação com esse novo padre?

MB: Modéstia à parte, nunca fui teimoso, nunca fiz nada sem ordem. Quando decidimos fazer esse livro, chamei ele para participar. E aí o Jorginho falou comigo:

– Pai, livro não tem nada a ver, deixa pra lá.

– Não, meu filho, eu quero falar com o padre Bernardo.

Fui falar com ele, conversamos, e ele falou que eu posso fazer o livro.

Piri: Mas ele foi convidado para falar.

MB: Eu fui até ele e disse:

– Você quer falar no dia que a dona Célia vier?

– Não, não precisa – ele me respondeu.

Piri: Ele é parte integrante dessa história, pelo menos nos últimos cinco anos, e, assim sendo, ele pode contribuir.

CC: Mas como é que isso aconteceu, exatamente? Um belo dia ele chegou para o senhor e... o que foi dito?

MB: Os padres anteriores não ligaram muito [para a independência do Centro], exceto padre Jacques. O padre Crésio nunca falou: “olha, isso aí vai ser da igreja, vamos dar um jeito”. Só foi condenando, amaldiçoando e pronto.

CC: Ah! É tudo por causa da festa, do forró? Tem alguma coisa a ver?

MB: Não sei.

Irany: Creio que eles queriam que o Centro Social fosse da Igreja, mas ele é uma entidade à parte, com direção própria.

Piri: O Centro Social existe para cuidar dos pobres da comunidade. Quem vier será bem-vindo para fazer a obra social. Por isso ele tem estatuto próprio e é uma entidade independente. E como o membro do Centro e o membro da Igreja são, na verdade, uma coisa só, fica parecendo que é somente da Igreja, e não é exatamente assim. É uma relação traumática. Para a Igreja parece ser melhor excluir das suas atividades quem contribui de alguma forma com o Centro Social, embora seus objetivos sejam os mesmos, isto é, cuidar do pobre, do mais necessitado. A língua que se fala aqui é a mesma que se fala lá. Essa questão existe, talvez, pelo fato de incentivarmos o forró, que para a Igreja não é coisa de Deus, mas algo profano, do qual ela quer distância.

MB: É preciso que fique bem claro para vocês que eu nunca fui rebelde. Respeito a hierarquia da Igreja e tenho ajudado muito aos mais pobres.

Piri: Outra coisa que também me preocupa são as diretrizes da igreja. Quando a gente faz uma opção pelo pobre, é só pelo pobre mesmo. Quer saber da última? Um menino, o Andrezinho, não é, pai? Com um problema de saúde, precisando ser operado. Tinha a bexiga colada. Meu pai vai a campo, faz bingo para ajudar o menino, faz casa para ele etc, e não pode nem ir até lá. Que opção pelo pobre é essa que a Igreja faz? O dinheiro doado para a casa do Andrezinho e que pagou por sua operação foi do bingo, do forró, do não-sei-o-quê. Então...

Priscila: Não é só isso, existem inúmeras pessoas que, às vezes, em vez de bater na porta da igreja ou na do Centro Social, vem bater aqui em casa, pedindo um quilo disso, outro daquilo. Saem daqui com a bolsa cheia de alimentos. Isso é trabalho social.

JS: Sobre essa questão da ajuda, gostaria de saber como se dá essa divisão na procura por auxílio, entre igreja e Centro Social?

Piri: É o seguinte: tem uma quantidade de famílias que o Centro sustenta, idosos em sua maioria. Uma vez por mês eles vêm e recebem uma bolsa de alimentos, educação evangélica e, dependendo do caso, tratamento médico. Basicamente é isso, tratar o idoso que não tem como se sustentar, desempregado, sem aposentadoria, carente mesmo. Para isso, temos uma cota mensal. Eles são fichados aqui porque não têm mais para onde ir. Há um tempo, havia um projeto de dona Zilda Arns – multimistura –, em que um grupo de mulheres, minha mãe era uma das participantes, cuidava de algumas crianças. Por falta de voluntários, esse trabalho foi diminuindo aos poucos. E é a Igreja que toma conta disso agora?

Priscila: É a pastoral da criança, que, no início, utilizava o espaço do Centro Social.

CC: A Igreja continua com as pastorais da criança, do jovem, disso e daquilo outro. Quais são as atividades que estão funcionando hoje no Centro Social, além do forró?

Priscila: Alguns cursos, quando há voluntários, e a bolsa para os pobres, com alimento, medicamento e assistência, no caso dos evangélicos.

CC: Quais são os cursos que estão funcionando hoje, seu Manoel?

MB: Não posso informar porque estou fora há dois anos. Estou levando muito a sério as recomendações médicas, porque, pra falar a verdade, se não levar a sério, eu vou embarcar... E não é que eu não queira ir. Mas, tenho de dar um jeito de segurar mesmo. Eu tenho cardiologista, angiologista, pneumologista...

Piri: Tem o plano de saúde completo, tem “assistência médica” completa.

MB: Marcaram uma consulta com o doutor Julio, aqui no posto de saúde, e eu fui lá. Me consultei com ele, fui muito bem atendido, e ele falou assim:

– Seu Manoel, eu vou falar uma coisa muito séria: o senhor precisa evitar certas coisas. Precisa evitar aborrecimento, subir e descer escada, subir e descer morro, se o senhor tiver de andar, que seja muito pouco também, está certo? É bom para o senhor. Como diz o outro, bateu bem na cangalha. Se eu não entender é porque eu sou muito burro mesmo. No ano passado tivemos uma surpresa desagradável: meu genro, com 52 anos, estava bem, andando para baixo e para cima, de repente, vai para casa dormir e, no outro dia, chega a notícia que ele tinha morrido. Eu estou me cuidando, por isso não vou muito ao Centro Social, mas tenho certeza de que o que eles podem fazer, estão fazendo. São interessados. Continuam fazendo o mesmo trabalho de antes. Só que, quando eu vou lá, muita gente diz: “ah, seu Manoel, no seu tempo não era assim”. Não pode ser igual, eu sei que não, mas não é porque eles não queiram fazer um bom trabalho, mas a senhora não pode dizer que é igual a mim, então não

vai fazer um trabalho igual ao meu de jeito nenhum. Às vezes evito ir lá por causa disso. Não vou ao forró já há algum tempo. Fui quando me telefonaram pra avisar que um amigo meu ia tocar. Aí, nos arrumamos direitinho, fomos à missa e depois ao forró. Estava conversando com uma mulher, do grupo de forrozeiros, quando chegou uma senhora dizendo:

– Seu Manoel, no seu tempo não era assim, essa bagunça desse conjunto vagabundo.

– Meu Deus do céu! Minha filha, o moço é novo na casa, não conhece a casa, você também não conhece as músicas dele, vamos dar um tempo.

Mas foi desagradável. Então, para não ouvir coisas assim, eu evito ir até lá. Mas às vezes ainda vou, porque faço parte dessa comunidade.

Essa história de “no seu tempo não era assim” acontece, às vezes, na própria igreja. Teve uma ocasião que marcaram um batizado. A pessoa veio na secretaria e fez a inscrição para fazer o batizado naquele domingo. Era o primeiro domingo da quaresma, mas a Igreja mudou - na quaresma não se faz mais batizado. Quando ela chegou, disseram: hoje não tem batizado porque é quaresma. Aí a pessoa falou: “se seu Manuel tivesse aqui ele ia batizar”. Por coincidência, eu estava em frente a minha casa, de bermudas. Ele me viu e falou: “Olha o Manoel lá, vamos falar com ele. Ô seu Manoel, o senhor não quer batizar minha criança?”. Botei as calças, me vesti e fui na Igreja.

– O que está acontecendo?

– Dizem que na quaresma não se faz mais batizado

– E cadê a secretária que não está aqui e que fez a inscrição? Ela não podia ter feito. Se ela fez, nós vamos assumir.

Alguém da igreja falou:

– Mas o senhor está passando por cima das ordens.

– Não, eu estou apenas assumindo uma causa que é nos-

sa. A secretária não estava bem informada ou esqueceu.

Batizei a criança e encerrou-se o assunto.

Piri. Para não ouvir coisas do tipo: “ah, você não é assim” ou “como fulano é diferente”, nós também temos evitado esse tipo de contato. Porque essas comparações fatalmente acontecem. Estão sempre fazendo referência à nossa família, principalmente a ele. Temos um envolvimento, uma forma de lidar com as pessoas, diferente. E isso choca as pessoas, até do próprio centro social. É um constrangimento que pode ser evitado se nos mantivermos um pouco mais distante.

MB: Temos de ver o trabalho feito pela palavra de Deus e daquele que ouve, mas não faz esse trabalho. Faz por fazer. Aquele que faz o trabalho baseado na palavra de Deus é outra coisa. Ele trata as pessoas de um modo diferente, porque afinal nós somos evangelizadores. Não posso ser um Manoel qualquer não. A pessoa confia em mim e eu tenho por obrigação dar a ela todo o meu apoio. O barzinho que eu tive aqui na rua, não deu certo porque, segundo o meu primo, eu dava comida de graça para o pessoal pobre que trabalhava com lixo. Agora, quando vejo um irmãozinho meu trabalhando no sol quente, tomando aquele cheiro ruim na cara, e eu, com a coca-cola na geladeira, não vou dar para ele? Sempre posso dar, porque, graças a Deus, isso nunca me fez falta. No forró, por exemplo, quando eu ia até lá, depois da missa, cumprimentava todo mundo. Alguns diziam que eu deveria tomar banho de álcool, porque pegava na mão daquele povo todo. Que absurdo, rapaz! Atualmente, já não posso mais me dar ao luxo de ir até lá, por causa da escadaria que tenho de subir.

CC: Gostaria que o senhor retornasse ao episódio sua primeira celebração e falasse um pouco mais.

MB: No carnaval de 1967, padre Eugênio fez um retiro espiritual em Resende. Como estaria ausente, ele me perguntou se eu teria condições de fazer uma celebração.

– Como vou fazer isso?

– Você faz um rascunho de como fazer essa celebração, de acordo com o que você aprendeu nas missas, e me traz. – Assim eu fiz, evitando algumas partes da missa que eu sabia que não poderia fazer, e levei para ele.

– Está ótimo – ele disse. Vamos riscar algumas coisas e acrescentar outras.

E assim aconteceu minha primeira celebração, num domingo de carnaval de 1967, na igreja de Santo Antônio, em Niterói. Seriam três celebrações, uma às 6h, outra às 8h30, e mais uma às 18h. Fui encarregado também de fazer algumas conferências, um papo com o pessoal. Mas, vamos falar da celebração. Quando me senti pronto para o trabalho, me apresentei à comunidade de Niterói. Graças a Deus conseguimos um bom resultado. Ao sair, recebi os abraços dos amigos.

Quando eu estava na porta da igreja, conversando com as pessoas, chegou dona Albertina, que era empregada do padre Eugênio, e falou:

– Manoel, tem um rapaz aí querendo bater numa senhora de idade. Gostaria que o senhor tomasse uma providência.

– Claro, acabamos de celebrar a palavra de Deus, como é que eu vou deixar minha irmã sofrer agressões? – eu respondi.

Fui falar com o rapaz, mas ele me agrediu, me agarrou pelo paletó, queria mesmo brigar comigo, mas, naquele instante, parece que surgiu uma luz.

CC: Por que ele queria bater na senhora?

MB: Ele estava embriagado; era um militar que deveria estar no quartel no momento da briga. Na verdade, estava faltando ao serviço. Como do lado da casa da senhora tinha um botequim, ele cismou que o botequim era na casa dela. Mas não, era num outro cômodo, que também estava fechado, porque era muito cedo. Ele queria entrar na casa dela à força, para beber mais. Bem, fui lá falar com ele.

– Você não pode fazer isso – eu disse.

Aí começou a agressão. Confesso que pensei em reagir, mas, de repente, surgiu uma luz que me chamou a atenção. Pensei: “Você está responsável pela comunidade, celebrando, como é que você vai brigar?” Foi uma coisa repentina, e eu, então, escapei da mão dele e corri lá para a igreja, ficando na porta. Dona Albertina ficou muito chateada pelo ocorrido, afinal tudo aconteceu perto da igreja, aguçando a curiosidade das pessoas, que ficaram ali, em volta, me dando apoio, já que eu fiquei muito nervoso e teria de me acalmar para a próxima celebração, às 8h30. Bem, momentos depois chegou uma patrulha com quatro soldados e um sargento, que me deram voz de prisão. Tentei me defender:

– Olha, eu não posso ser preso pela polícia do exército. Sou civil, já servi o exército, sei bem do regulamento.

Então, eles disseram:

– Não, você vai ter de vir com a gente.

Sem colocar obstáculos, entrei no carro e falei:

– Vamos então para a polícia civil.

Ao chegarmos à delegacia, o escrivão começou a me ameaçar, dizendo que eu estava querendo bater no rapaz. Eu negava, e o rapaz, claro, continuava a me acusar. Ficamos um bom tempo naquela discussão, mas, o Adelmo

Junqueira, que também trabalhou muito em Niterói, chegou lá, acompanhado de mais de cem crianças, e falou:

— Olha, o Manoel não pode ficar aí, vocês tem de libertá-lo.

Imediatamente o delegado passou a refletir sobre o assunto. Aproveitando a situação, eu lhe disse:

— O vice-prefeito da cidade, Hélio Mauro, é meu chefe de departamento. Liga para ele.

CC: Você ainda trabalhava na CSN?

MB: Trabalhava sim. Bem, ele me libertou. O policial se ofereceu para me levar embora, mas eu recusei, preferindo ir com o meu amigo para Niterói, bairro aqui de Volta Redonda; afinal, não estava mais preso. A Igreja estava lotada, aguardando a celebração. Apesar do atraso de uma hora, pedi paciência ao pessoal. Após a celebração eu explicaria o que tinha acontecido. Embora ainda bastante nervoso, mas consegui, graças a Deus, transmitir a palavra do Senhor para as pessoas. Ao final, voltei para minha casa e falei com Irany.

— Irany, aconteceu isso, isso, e isso comigo. Eu vou ter de celebrar à tarde.

E assim eu fiz. Já tinha me acalmado. Esse acontecimento foi muito marcante na minha vida. Depois, na quarta-feira de cinzas, quando o padre Eugênio voltou do retiro, ainda vivi um momento muito desagradável, já que ele me autorizou a fazer a celebração sem avisar aos outros padres. Naquela época, não existiam celebrantes que não fossem padres. O Concílio Vaticano ainda não havia permitido.

CC: O Concílio já tinha terminado, mas ainda não tinham sido implementadas essas novidades. Então, de certa maneira, Volta Redonda se antecipou?

MB: O padre Eugênio se antecipou. Então, falando com os padres, ele disse:

— O que estamos fazendo hoje, vocês estarão mandando todo mundo fazer daqui, há no máximo, cinco anos. Se não temos padres, como é que ficam as igrejas?. Com esse argumento, padre Eugênio conseguiu amenizar a situação. Depois de toda essa confusão, fui nomeado celebrante.

CC: Fale um pouco desse papel importante que o leigo passou a ter para a Igreja, de celebrar as missas e distribuir a eucaristia.

MB: Isso que contei aconteceu no carnaval e em junho, o padre Eugênio foi autorizando pela Diocese a nos nomear ministros da eucaristia, isto é, levar a eucaristia, principalmente para os enfermos. Nomeou a mim, e mais dois colegas, José Machado Portela e David Batista Soares. Naquele tempo, era uma seleção rigorosa, ao contrário dos dias de hoje, em que ministros são escolhidos facilmente. O que era incomum passou a ser bem entendido pelo pessoal. A partir de Bom Jesus, outras comunidades passaram a adotar o mesmo procedimento. Atualmente, podemos ver que, apesar de todas as dificuldades, os ministros suprem as necessidades das comunidades e auxiliam os padres, que tem sob sua tutela, dez a 11 comunidades para assistir.

CC: Nesse período o senhor foi a outras comunidades para celebrar?

MB: Fui sim, com toda uma equipe, seu Zé Portela, David, e outros amigos que não eram celebrantes, mas eram amigos de verdade. Somos todos fundadores de outras comunidades, como Vila Brasília, São Luiz, Pinto da Serra, Santa Rita

e Califórnia. Houve uma subdivisão; eu fiquei mais centralizado em Bom Jesus; o Portela, o David e o Waldomiro, iam às outras comunidades para dar suporte. Eu mesmo, participei em Santa Rita, durante 14 anos. Foram surgindo depois, na própria comunidade, outros celebrantes, e nós fomos nos afastando. A gente só não precisou dar suporte para Vila Muri, que, embora muita gente considere uma comunidade nova, é mais antiga do que Bom Jesus. Para vocês terem uma idéia, era lá, em Vila Muri, que eu buscava os paramentos para celebrar aqui, numa garagem da família do seu Zé de Oliveira e de dona Anita. Bom Jesus teve a sorte de possuir uma equipe muito forte e se expandir muito rapidamente. De início foi a construção do barraco, depois veio a capela e mais à frente a igreja.

CC: Quando foi colocada a pedra fundamental da igreja?

MB: No dia 12 de outubro de 1969. Houve uma missa com dom Waldir e o padre Eugênio, é claro. Nessa ocasião, toda a comunidade recebeu a benção. A igreja já estava em construção. Depois do terreno comprado fizemos uma capela, bem no centro, e construímos ao redor. Quando dom Waldir veio celebrar, nós já tínhamos derrubado a capela. Só havia um altar improvisado e a igreja estava em obras.

CC: Havia nessa época reuniões para o planejamento do trabalho do leigo nas igrejas?

MB: Havia, sim. Nessas reuniões fizemos o curso de teologia, promovido por dom Waldir, que valorizava mais o lado prático, e não o teórico, como acontece nas faculdades. Participavam também das aulas o padre Bernardo, padre Alcino e padre Antônio Mello. Foi uma fase muito difícil.

Freqüentávamos as reuniões durante o tempo de aula, já que os militares estavam em cima, fazendo pressão. Muitos até desistiram do curso com medo deles.

CC: Eles achavam que qualquer reunião era para discutir política.

MB: Isso mesmo. Eles perseguiam muito a Igreja, e dom Waldir, muito corajoso, não dava trégua.

CC: O senhor se lembra do episódio da prisão de dom Waldir?

MB: Lembro muito bem!

CC: Qual foi a reação da Igreja?

MB: Todos nós, os fiéis, fazíamos vigílias, manifestações. O cristão autêntico se reuniu pela defesa de dom Waldir, de todos os padres que estavam presos, como padre Samuel e padre Bueno. Quanto ao padre Bernardo, não sei se chegou a ser preso, mas depoimento ele teve de dar, assim como padre Nicolau e outros sacerdotes. A prisão de dom Waldir aconteceu porque ele se ofereceu para ficar no lugar de outros homens, chefes de família.

CC: Mas, voltando ao trabalho na igreja, aos líderes. Depois do curso de teologia, as atividades dos ministros, além de planejadas, eram também avaliadas?

MB: Nós participávamos das assembléias da Diocese. A primeira delas, se não me engano, foi em 1975, em Barra do Piraí. Eram vários encontros durante o ano, e nós, leigos atuantes, éramos convidados a participar. Todos estavam

conscientes de seu papel, mas sofriamos muita pressão, até mesmo no trabalho. A Igreja, na época, era considerada uma entidade comunista, muita gente tinha medo. Na verdade, o pessoal da diretoria da CSN tinha medo que estivessemos fazendo algum tipo de movimento dentro da usina, mas não existia isso. O que fazíamos era um trabalho fora da igreja, só isso.

CC: O sindicato funcionava dentro da usina?

MB: Isso mesmo. E acompanhávamos o sindicato fora da usina também, apoiando inclusive suas manifestações. Tivemos momentos muito duros mesmo, como a morte de operários, invasões, prisões, tortura. Eu mesmo conheci pessoas que foram torturadas. Passei por essa fase toda acompanhando o movimento da Igreja. Tive três episódios de prisão. Um deles foi aquele equívoco que já relatei, quando fui “convidado a ser preso”. Depois, em uma segunda vez, quando fiz a rifa de um carro. Fui muito criativo, modéstia à parte. Na nossa primeira festa fizemos sorteio de carro, bicicleta, televisão, geladeira.

CC: Como é que funcionava? Vocês iam até as empresas, lojas, e conseguiam os prêmios?

MB: Conseguíamos em algumas lojas, sim, mas a maioria nós comprávamos, com algum risco. O carro mesmo foi um desses riscos. O primeiro que compramos (eu não me lembro o valor) era um fusca 1964, um carrinho velho. Fizemos a rifa para arrumar algum dinheiro para fazer a festa. Mas o primeiro prêmio que conseguimos não foi o carro, mas um bezerro. Uma pessoa muito amiga de um fazendeiro ganhou um bezerro bonito e trouxe para festa. Então, eu falei:

– Vamos fazer um bingo.

E assim foi feito, o que deu uma boa renda no final. A pessoa que ganhou o bezerro falou:

– Eu não quero o bezerro, vou vender.

O animal foi vendido para alguém que queria utilizá-lo como reprodutor. Mas, como essa pessoa não possuía um pasto, ele levou uma corda, amarrou o bezerro e o deixou pastando nas ruas daqui mesmo. Um açougueiro que ia passando pelo local, tocando seu gado, cortou a corda e levou o animal. Quando chegou próximo ao matadouro, alguém viu o que estava acontecendo e disse:

– Esse aí não pode não, é um reprodutor, me vende ele.

Bem, o bezerro acabou sendo vendido a essa outra pessoa, que o trancou no curral. O verdadeiro dono do animal conseguiu encontrá-lo e foi à polícia.

– O bezerro está em tal lugar; eu preciso que vocês o peguem pra mim.

Ao saber do ocorrido, fui até a delegacia para explicar toda a situação, mas acabei preso.

– Você está preso para ir identificar esse bezerro – disse a polícia.

Fui colocado dentro de uma caminhonete e saíram comigo pelas ruas. Durante o caminho, cada bezerro que era visto, perguntava-se sua origem, se era o mesmo bezerro, o tal da rifa. E nada do animal. Até que conseguimos encontrá-lo. O homem que havia comprado o bezerro apareceu e confirmou sua origem. A polícia então falou:

– Bem, então quem está preso são vocês e não o seu Manoel.

Essa foi a segunda vez em que eu tive de passar por esse vexame de prisão. Foi muita humilhação. Até as crianças caçoavam: “seu Manoel, olha a polícia!”. Tempos depois, já em 1979, resolvi comprar um carro, dessa vez um modelo novo, por Cr\$ 135 mil na época.

CC: Como é que vocês faziam para comprar? Um grupo se cotizava ou o senhor comprou com seu próprio dinheiro?

MB: Comprávamos no peito e na raça, a crédito; era comprar, vender e pagar. Era um ato de coragem, mas uma coragem besta, porque a gente fazia sem muita certeza de que fosse dar certo. Sempre sobrava um troco. Depois que eu fiz a rifa do carro, o pessoal falou comigo:

– Você tinha de ir à Receita Federal pedir autorização para fazer essa rifa.

Aí começou o problema. No último dia da festa, quando ia correr a rifa, faltando apenas 10 minutos para as 18 horas, a polícia chegou e deu voz de prisão para mim e para o Dadinho, o Eduardo Ermida, que estava comigo vendendo a rifa. Fomos presos porque estávamos agindo de forma irregular. Passamos umas três ou quatro horas na cadeia. O pai do Dadinho, seu Eduardo, foi lá com o advogado, que é inclusive meu concunhado, e soltou a gente, depois de pagarmos uma importância. Mas, no final de tudo, tivemos uma boa notícia: conseguimos um bom dinheiro com a rifa do carro. A ganhadora foi uma doutora do hospital São José. A prisão foi uma experiência desagradável, mas o resultado do trabalho feito foi muito bom.

CC: Vocês me falaram que o Centro Social faz 40 anos este ano. Mas eu vi em um livrinho que vocês comemoraram os 25 anos, bodas de prata. Falem um pouco de como vocês festejaram essa data.

MB: A primeira coisa que eu pensei em fazer foi um livro pra contar um pouco da história do Centro Social, como ele começou, seu progresso, as atividades que eram promovidas. Sempre fui muito fanático com os cursos

profissionalizantes, como corte e costura, por exemplo. Já que gastamos tanto dinheiro com a igreja e com o Centro, não justifica que eles fiquem fechados quando não há atividade. Então, quando fizemos 25 anos, já promovíamos vários cursos. Além de corte e costura, tinha também violão, tricô. E como pagar esses cursos? Cobrávamos uma pequena taxa, mais ou menos R\$ 10, para o pagamento dos professores. Estes, por sua vez, ficavam com R\$ 7, enquanto o restante, R\$ 3, servia para ajudar nas despesas de luz e água do Centro. Essa pequena taxa era muito importante também para o pagamento de quem não tinha recursos. Pagar, portanto, não era problema. O importante era que todos estudassem. Nossa finalidade não era fazer dinheiro, mas o profissional. Esse aniversário de 25 anos procurou mostrar o trabalho que o Centro Social vinha desempenhando.

CC: A frequência dos cursos era boa?

MB: Boa, muito boa. Cada curso tinha, em média, de 25 a trinta pessoas. Era uma boa aceitação de jovens e também de pessoas mais velhas. Alguns, ao chegarem aqui, sentiam-se desvalorizados por não saber ler e escrever. Mas, com a força que demos a eles, eu e os professores, saíam daqui orgulhosos e capacitados a exercerem uma nova profissão. Ainda hoje escuto de antigos alunos:

– Manoel, dou graças a Deus por ter um trabalho agora, pela sua colaboração no Centro Social. Hoje sou um profissional!

CC: Esses cursos funcionam desde o início do Centro?

MB: Antes até. A igreja foi fundada em 1967, o Centro, no ano seguinte. Em torno de 1957, 1958, eu tinha um bar-

ração de madeira e ali foi feita uma escola. Outro dia, ao ver aquele programa do Huck, comentei com a Irany:

— Olha só o que acontecia no Bom Jesus. Um garoto muito simples, de família muito pobre, cursando a 4ª série, tirou o primeiro lugar na maratona de Volta Redonda.

CC: Mas esse barracão da igreja servia para abrigar um curso para crianças ou cursos profissionalizantes?

MB: Servia para tudo. De dia funcionava a alfabetização para crianças, à noite, para adultos, além de cursos profissionalizantes. A gente explorava ao máximo o espaço.

CC: Os professores eram da própria comunidade?

MB: Havia pessoas de fora também, muitos moravam em Niterói. Eu trabalhei muito na comunidade de Niterói e na de Bom Jesus. Considerávamos uma comunidade só. Por isso vários professores vieram de Santo Antônio, em Niterói; alguns eram comerciantes e se ofereciam para dar aulas.

CC: Quais foram os cursos mais importantes durante esse tempo, fora o de corte e costura que o senhor já falou. O que mais era oferecido?

MB: Violão, cavaquinho, guitarra, teclado, inglês, dança.

CC: Vocês preparavam o pessoal para a vida, não é? Essa prática de cursos no barracão da Igreja se estendeu para o Centro Social, não é? Além desses cursos, o que mais o Centro promovia?

Priscila – Teve também o curso de Caratê que reunia uma turma bem grande, além de um curso de primeiro socorros e de combate à incêndio, dado pelos bombeiros.

MB: O cuidado com o atendimento às pessoas carentes também era nossa prioridade. Não que a gente goste da pobreza, mas gostamos do pobre.

CC: E como funcionava esse atendimento, seu Manoel?

MB: Nós tínhamos uma campanha para arrecadar gêneros alimentícios na comunidade. As famílias ajudavam cada uma com um quilo, às vezes dois. Tínhamos uma equipe, que eu chamava de “equipe formiguinha”.

CC: O que era arrecadado ia direto para o Centro ou passava pela igreja?

MB: Vinha direto para o Centro. Após sua fundação, essas atividades sociais deixaram de ser da igreja, que, no entanto, criou atividades paralelas. Ajudávamos as pessoas a construir seus barracos quando as chuvas os destruíam. Família desabrigada a gente acolhia, dava alimentação, até que pudessem voltar para a sua casa. Agora, graças a Deus, de alguns anos para cá, com a nova política do governo, as coisas melhoraram, como, por exemplo, a questão da rede de esgoto, das redes fluviais, que livraram Volta Redonda dos problemas de desabamento de barracos. A Prefeitura está sempre apoiando o trabalho das entidades. Recentemente, recebemos cestas básicas para distribuir para os carentes, cerca de 55 cestas.

CC: O Centro é cadastrado na Prefeitura?

MB: É sim. É feito um projeto no final do ano, que é enviado para a Prefeitura, que o analisa e aprova ou não. Só que eles exigem que esse trabalho de arrecadação de alimentos não passe de três meses. Depois desse prazo, outros vão recebendo o auxílio, para evitar que o atendido faça desse benefício um meio de vida.

CC: Qual o papel do Centro Social hoje? O senhor acha que esse papel é tão importante quanto o de 40 anos atrás?

MB: Acredito que sim. O Centro Social é hoje uma entidade muito elogiada na cidade. Todos acham que merece os serviços relevantes que lhe são prestados. Além disso, a casa, apesar não ter sofrido qualquer reforma desde que eu saí, permanece muito conservada, limpa, atendendo aos pobres. Enfim, mantém os princípios de sua criação. Só os cursos caíram bastante, porque o dinheiro não está nada fácil de ser conseguido. Está faltando, quem sabe, fazermos uma parceria com a Prefeitura, com a faculdade que não existia na época da criação do Centro, mas hoje está aí, fazendo a diferença. Precisamos de mais gente disposta a trabalhar.

CC: O senhor sente que o pessoal da direção nesses últimos tempos tem o mesmo entusiasmo que vocês tinham antes?

MB: Nem todos. É preciso cuidar para que não se torne uma coisa burocrática, com as pessoas parecendo cansadas do trabalho. É preciso uma mexida, uma mudança. Antes de sair do Centro, cheguei a fazer um seminário muito bem organizado e administrado, modéstia à parte. Tudo foi feito na base do ver, julgar e agir. Foi muito positivo.

CC: Foi na mesma linha da CNBB, no ano passado, não foi?

MB: Eu acho que foi, mas fiz o seminário em 2003, antes, portanto, de sair. Consegui trazer um bom número de pessoas, todos ficaram entusiasmados, mas não aproveitamos muito, talvez porque estivéssemos saindo. O Jorginho, trouxe pessoas do Rio que vieram dar uma força, participando de forma dinâmica. Mas ficou faltando continuidade, e assim as coisas correm o risco de enfraquecimento. A questão da juventude é uma questão importante. O Centro Social precisa estar trabalhando com os jovens porque, do contrário, como vai ser o futuro? Estamos envelhecendo, ficando cansados, e é a nova geração que vai ter de assumir.

CC: E o que está sendo feito em relação à juventude?

MB: Infelizmente, está meio parado. Não existe um trabalho específico, nem aqui, nem na Igreja. O papa até falou, diretamente do Vaticano, com os jovens, em Aparecida. É isso que está faltando aqui.

CC: O senhor acha que essa separação, esse “divórcio” entre o Centro e a Igreja, está atrapalhando o bom funcionamento do Centro?

MB: Muito! Toda separação abre uma ferida. Falta uma aproximação entre as duas partes. O Centro Social não pertence à Igreja, e deve voltar às suas raízes. Quando a Igreja fazia suas reuniões lá, tinha suas atividades lá. Só que hoje isso não é mais feito, principalmente porque a Igreja acha que o Centro deve ser sua propriedade, não aceitando, portanto, a separação. Não vejo problemas que não possam ser resolvidos. Por exemplo, como eu já havia dito, tudo o que

temos aqui em Bom Jesus, como o restaurante, a farmácia, a funerária, tem de ser da Igreja também? Eu acho que não. Quanto à mudança de nome, nós já falamos e protestamos, o Jorginho chegou a distribuir panfletos dizendo que o nome não pode mudar.

CC: Todo esse movimento foi causado pelo fato de o Centro se recusar a voltar para a Igreja? Por isso resolveram mudar o nome da igreja?

MB: Não! O Centro nunca se afastou da Igreja. O problema é que a Igreja queria se apropriar do Centro. Lembrando o que o próprio padre Eugênio nos falou desde o início, este Centro é uma entidade social que pertence à comunidade, logo, abrange vários credos. Isso não pode ser da Igreja!

CC: É um centro ecumênico. Ele serve à Igreja, mas não é exclusivo dela.

MB: Exatamente. Aqui, serve como exemplo relembrar o episódio com padre Jacques. Ao assumir diretamente a igreja e a comunidade, eu lhe falei:

– Padre Jacques, nós nos acostumamos a fazer a festa em parceria com a igreja, mas se ela estiver com dificuldades financeiras, podemos até repassar 70% do lucro da festa junina para ela, caso contrário, vamos dividir a renda.

– Não quero – ele disse – vocês podem ficar com o Centro Social, fazendo a sua festa.

Então, reuni o pessoal da comunidade e fizemos a festa. Depois do bom resultado conseguido, parece que tudo mudou. Padre Jacques passou a reivindicar a posse do Centro pela igreja.

Piri: Na verdade, as mesmas pessoas que trabalharam na fundação da igreja trabalharam na fundação do Centro Social. Por isso essa pequena confusão. Um não pertence ao outro, são duas coisas independentes, isto é, o Centro Social é consequência de uma atividade social dentro da igreja, mas não pertence a ela. Tem estatuto próprio, independentemente de credo. Qualquer um pode participar.

CC: De qualquer maneira, esse vínculo era um alimento, um estímulo. Era isso que estávamos discutindo antes, quer dizer, eu perguntei para ele se essa separação atrapalhou, e ele concordou, dizendo que isso enfraquece o Centro hoje. Não que a gente ache que um deva ser propriedade do outro, mas havia uma ligação entre eles, não é?

Piri: Havia sim. A partir de certo momento o vínculo se desfez, e não só como entidade, mas houve um rompimento, principalmente entre as próprias pessoas.

MB: Atualmente, ficou estabelecido que quem trabalha no Centro Social não deve assumir certos trabalhos na igreja. Mas, como eu já havia dito antes, tudo começou com padre Jacques, em 1975. Depois vieram padre Manoel, padre Normando, padre João Pedro, que não ligavam para isso, apesar de saberem que havia uma contrariedade, um problema a ser enfrentado. A briga reacendeu quando padre Crésio veio para cá.

– O Centro Social tem de voltar a ser da Igreja! Ele é da Igreja! – ele dizia.

Não conseguindo seu intento, apesar de muito esforço, de reuniões, padre Crésio foi para Resende, ficando padre Bernardo em seu lugar, isso já faz uns sete anos. Assim que ele chegou, eu lhe falei:

– Padre Bernardo, finalmente vamos entrar em um acordo.
– Não, pelo contrário – ele respondeu – Eu vim para cá porque o Centro Social tem de ser da Igreja. Foi por isso que eu vim.

Resolvi, então, nem começar um trabalho com ele, mas ele recomeçou com aquela história da troca de nome do Centro. Quando a gente falou que não tinha jeito, que a troca não aconteceria, ele criou a igreja Bom Pastor. Isso aborreceu muito a comunidade, que, claro, reagiu.

CC: De que forma? Vocês foram ao bispo?

MB: Eu, particularmente não, mas um grupo de pessoas foi falar com o bispo, sim.

CC: E a Diocese anterior, pelo visto não se envolvia com esses assuntos.

MB: Acho o nosso bispo um pouco...

CC: Nesse caso, acho que era ele quem tinha de dar o primeiro passo, já que ele era uma liderança da comunidade. Mas, se o senhor tivesse ido até ele, passaria em primeira mão a sua versão dos fatos.

MB: Talvez tivesse sido melhor, mas agora não adianta mais. Ele já fez oito anos na Diocese e, nesse tempo, ele chamou os padres e comunicou que era preciso resolver a situação, ou seja, deixar o Centro Social para lá e tocar o trabalho da igreja. Não se fala muito mais no assunto, mas ainda existe algo no ar. Há poucos dias fui falar com o padre Bernardo sobre uma celebração que fazemos, um grupo de ofício divino. Disse-lhe que gostaria de fazer uma celebração

bem animada, dinâmica, e ele disse que não aceitaria, que eu teria de rezar para o Centro ser da Igreja. Avisei a ele que, infelizmente, não adiantava rezar, já que, se eles não se aproximaram do Centro, nada mais resolveria o problema.

CC: Mas existe outro objetivo que não seja o financeiro? Prestígio, talvez? Porque trabalho para a comunidade ele faz dentro ou fora dela, não importa. E se a idéia é ajudar, o Centro ajuda, sem precisar estar na coleira da Igreja.

MB: Sem querer jogar confete, mas o Centro Social realiza um trabalho sério com o pobre, atende às suas necessidades, sejam de que tipo for, alimentação, moradia, assistência médica. Já a nossa Igreja, infelizmente, fala muito mas faz pouco.

Por exemplo: se uma pessoa passar mal na porta da igreja, eu vou fazer a celebração e deixo a pessoa ali? Eu jamais faria uma coisa dessas. Largo a celebração para lá e vou levar essa pessoa no hospital. Isso já aconteceu comigo, Estava indo para a igreja e caiu um homem na rua ali. Nós éramos dois celebrantes eu falei para o outro:

- celebra aí que eu estou indo para o hospital.
- Mas não pode.
- Não pode por que? Eu estou indo lá para o hospital com a pessoa.

Então é opção, prioridade. E essas coisas, as vezes, provocam uma certa inveja, ciúme. A minha opção pelo pobre é diferente do que às vezes muita gente pensa. Fazer a opção e ficar olhando de lado, não resolve. Se eu fiz a opção por meu irmão, eu tenho que estar pisando junto com ele, eu tenho que acompanhar os passos dele, eu tenho que ir a onde ele está. Sei que temos um lugar reservado e estou fazendo tudo para chegar lá. Tenho minha consciência tranqüila. Quando

morrer, quero muita gente pobre no meu enterro. O Centro Social é muito importante para a comunidade, apesar de ter causado muita polêmica durante a sua existência. Apoiar essa entidade é fundamental para se fazer um trabalho cada vez melhor. Isso é o que há de mais importante, a união entre os leigos e os padres.

CC: Não devemos esquecer que o Centro também é um lugar de lazer.

MB: Isso mesmo, por isso tudo é que eu digo que precisamos, fundamentalmente, desse entendimento com a Igreja, para fazer um trabalho paralelo. Não é preciso se saber qual é o credo de cada um que vem até aqui. A verdadeira religião, segundo Mateus, capítulo 25, não se importa com isso, mas sim em ajudar dando o pão a quem tem fome, como Deus fez.

CC: Seu Manoel, muito tempo se passou desde a criação do Centro. O senhor acha que hoje ele tem a mesma função, a mesma importância para a cidade de Volta Redonda que tinha há 40 anos?

MB: Tivemos uma reunião na última sexta-feira, pois era aniversário do NAC-VR (Núcleo de Ação Comunitária de Volta Redonda). Nessa reunião os políticos que lá estavam – pode ser conversa de político, mas tem sua razão de ser – disseram que as entidades, de um modo geral, vem fazendo o trabalho que o poder público não faz, e que nós somos um suporte, por isso o poder público tem de colaborar, e muito, com essas entidades. O trabalho deve ser de coração, como no Centro Social Bom Jesus, e não visando a algum benefício político. Lá no NAC convivemos com evangélicos, espí-

ritas, católicos. Temos, portanto, de trabalhar juntos, fazer parcerias. Todos esses credos, representados pelo “Centro Espírita Caminho da Luz”, “Igreja Evangélica Metodista” e outros, representam muito para Volta Redonda, porque são essas entidades que vão até onde está o problema e ajudam ao necessitado.

CC: Então o senhor acha que o Centro tem de estar funcionando como uma espécie de suporte do poder público, trabalhar com a Prefeitura?

MB: Como eu disse antes, trabalhar com a Prefeitura, com a Universidade, isso é parceria.

CC: E no caso de uma diretoria nova do Centro, o que pode ser feito para colocar na cabeça dos novos dirigentes a necessidade de, por exemplo, sensibilizar a juventude para que ela assuma mais o trabalho do Centro e de buscar fazer convênios com a universidade local?

MB: Tenho pensado muito nisso. Meu trabalho agora é feito pelas mãos do Jorge Alberto, do Carlos Alberto, dos meus filhos e de outras pessoas. Evito um contato mais direto, porque senão podem dizer que eu quero voltar, quero mandar. E não é isso. Minha participação agora se dá de forma indireta, já que não tenho mais condições, preciso cuidar da minha saúde, da minha vida. Ando pensando em arrumar uma equipe de fora para cuidar disso, para conversar com as pessoas e mostrar nossas reais necessidades. Por exemplo, foi muito triste o Centro Social não ter um candidato à presidência. Sabe quem é o presidente agora? A secretária, que é uma funcionária. Isso, estatutariamente, não pode acontecer. O pessoal parece estar cansado, nunca está disponível.

CC: E porque não foi feito um trabalho visando ao fortalecimento das novas gerações para que elas assumissem essa responsabilidade?

MB: Infelizmente isso não foi feito, e eu falei sobre isso no seminário. Precisamos sensibilizar as pessoas mais jovens sobre a importância desse trabalho para uma entidade, que tem por objetivo final o atendimento às pessoas carentes. Como é que eu vou pedir à minha neta, que está sempre ocupada, para fazer um trabalho social?

CC: De qualquer maneira esse trabalho de sensibilização deve ser feito. É preciso conscientizar a todos de que alguém precisa assumir a liderança desse projeto, porque, senão, ele morre, não é?

Piri: O que eu sinto e vejo atualmente na cidade é que o trabalho voluntário não está sendo muito valorizado. Seria interessante um convênio com a universidade para que fossem contratados estagiários para, por exemplo, prestar assistência jurídica. Além disso, poderíamos ter um trabalho de enfermagem, de assistência social, de aprendizado de línguas, de pré-vestibular. Bem, espaço é o que não falta por aqui. Precisamos conversar e, principalmente, convencer, primeiramente, à própria direção do Centro, ir depois até a universidade tentar firmar essa parceria. Não sei como é que pode funcionar, mas tudo é uma questão de conversa. De repente, a carga horária dispensada no Centro Social poderia contar como tempo de estágio para o estudante.

MB: Antes não tínhamos faculdade em Volta Redonda. Mas agora, com tanta faculdade espalhada por aí, em Volta Redonda, e mesmo na área de Barra Mansa, eu acredito que seja mais fácil fazer isso.

Piri: É triste ver o espaço subutilizado. Tem espaço de sobra que poderia ser bem aproveitado se houvesse mais gente para trabalhar e para atender mais pessoas.

CC: Vocês deveriam marcar uma reunião e dizer, primeiramente, que não se trata de querer voltar, mas sim, de uma preocupação com o futuro do Centro. É importante que a nova direção entenda a necessidade de assumir a responsabilidade sobre essas questões, a necessidade de revitalização.

MB: Eu não perco a esperança. Melhorando um pouquinho de saúde, volto para estimular esse pessoal, se Deus quiser.

CC: Então, vamos terminar a entrevista por aqui, seu Manoel. Novas rodadas com outras pessoas vão acontecer, e é claro que o senhor estará convidado a participar. Existe ainda algo de que o senhor gostaria de falar?

MB: Sim, sobre a questão dos aposentados. Em outra conversa, estávamos falando sobre o grupo *Unidos Venceremos*, está lembrada? Trata-se de uma entidade que eu criei e que agora estou vendo cair também. Não há pessoas que se interessem por aqui. Eu, por exemplo, aposentado e adoentado, às vezes não posso nem andar pela rua, por conta dos meus problemas cardíacos. Costumo dizer que as pessoas são como a abóbora, muito bonita, mas, quando você parte, está estragada. Bem, estou sem condições de prosseguir com esse trabalho, mas esse grupo precisa ser ajudado. Talvez por uma equipe que reivindique em favor dele. Tivemos uma assembléia, há pouco tempo, solicitando medicamentos ao poder público, que são nossos, de direito, mas que não recebemos. Apelamos para a justiça, ganhamos a

causa, mas não os remédios. Bem, voltando ao assunto da criação do grupo, a finalidade dessa ação era fazer um trabalho social com o aposentado. Existe aqui, em Volta Redonda, uma associação dos aposentados, que, por sinal, foi a primeira a ser criada no Brasil. Sua estrutura está muito bem colocada, bem administrada, mas não tem o que mais precisamos. Os médicos que estão lá não são muito usados para o tratamento do aposentado. Isso não faz sentido, não acha? Quem administra a associação tem de estar atento a esse problema. Mas é tudo uma questão de interesse. As pessoas então, os associados, vêm falar comigo.

— Manoel, vem dar um jeitinho.

Mas eu não posso mais mexer com isso, já expliquei a vocês o porquê.

São aproximadamente sessenta ou setenta pessoas associadas, mas, hoje em dia, quando vou até lá, encontro apenas oito ou dez. Alguns vão lá apenas para tomar um cafezinho, ninguém está preocupado com o grupo, com o funcionamento da entidade.

CC: O senhor falou que quando essa associação foi criada já havia outra em Volta Redonda, com os mesmos fins. Porque, então, a necessidade de se criar outro grupo se já havia uma iniciativa anterior?

MB: A intenção era fortalecer a ligação do aposentado com a outra associação já existente. A primeira seria como uma plataforma, e nós aqui seríamos os rádios. O presidente da associação de aposentados de Volta Redonda até dá apoio, mas não é o que a gente realmente precisa, ou seja, uma maior integração entre as duas associações.

CC: Existem, além dessas duas, outras associações?

MB: Existem sim, mas de outras categorias; a dos engenheiros, por exemplo. A mais significativa e forte do estado do Rio, e talvez do Brasil, é a nossa. Está sendo feita uma área de atendimento à saúde que deve ser inaugurada dentro de um ano, talvez um pouco mais, e será destinada somente para o atendimento médico. Não é um hospital, mas um posto de saúde, localizado no Aterrado.

CC: De quais projetos mais o senhor participou?

MB: Participei do NAC, do grupo *Unidos Venceremos*, e muitos outros. Estava presente onde podia e onde precisavam de mim.

CC: E o que o NAC faz hoje?

MB: Basicamente a Feira da Primavera. O trabalho de profissionalização já não é realizado com tanto afinco. Faltam profissionais para ensinar. Com o tempo, a festa começou a esfriar, muitas entidades já não queriam mais participar. O NAC começou então a buscar outras parcerias, com a Light, por exemplo, e com a Prefeitura, para fazer esse evento. O dinheiro que sobra da realização da festa é distribuído entre as entidades. Apesar de perder um pouco seu objetivo primeiro, o NAC ainda é uma entidade muito boa.

CC: Seria interessante se descobrir outras maneiras para a obtenção de recursos, além da Feira da Primavera.

MB: Com certeza.

CC: Vocês, de certa maneira, diversificaram um pouco com a festa de São João.

MB: Não, com esse evento o NAC buscou foi experiência.

CC: Mas a festa começou um pouco antes do NAC, ou não?

MB: Isso mesmo. O Centro Social é de 1968 e o NAC de 1972.

CC: Somente a Festa da Primavera é ligada ao NAC, não é?

MB: Exatamente. Quando tem algum outro evento lá na ilha, costuma-se arranjar para as entidades trabalharem e ganharem dinheiro. Por exemplo: quando acontece uma feira de ponta de estoque, é realizado um show. O NAC cede algumas barracas para as entidades, duas ou três, venderem seus produtos e arrumar um dinheirinho. Mas a situação agora está mudando. O prefeito está engajado na realização desses eventos, dá apoio e ajuda a montar a festa. As barracas possuem uma estrutura que permite que fiquem montadas durante todo o ano.

CC : Essa gravação, seu Manoel, como já falamos no início, tem como objetivo resgatar a memória dessa instituição que é o “Centro Social Bom Jesus”. Centro esse que foi fundado pelo mesmo grupo que freqüentava a Igreja de Bom Jesus. A idéia é fazer um registro para as novas gerações, porque o Centro pode continuar por muitos anos, e esperamos que sim, mas pode fechar as portas amanhã. E a história dele tem que ser contada. Eu queria lhe perguntar se o senhor lembra de mais alguma coisa que julgue importante, algum fato, alguma informação sobre a trajetória do Centro Social.?

MB: O Centro Social trouxe muita polêmica, mas eu o vejo como de grande necessidade para a comunidade. Ele precisa é de mais apoio para fazer um melhor trabalho. Então eu sinto que essa polêmica com a Igreja é prejudicial. Quando eu trabalhava com o padre Eugênio, no início, contávamos com o apoio da Igreja. Embora ele tenha pedido para construir o centro social independente, quando ele percebia que eu estava com dificuldades, ele lá no altar falava assim: “gente dá uma olhadinha no Manoel que ele está passando por dificuldade”. Então o pessoal me procurava: - “Seu Manoel, o que está acontecendo?”. E o padre Eugênio sempre dava esse apoio. Depois, eu tive um desentendimento forte com o padre Jacques, por causa do Centro Social. Aliás, como já falei, tudo começou no tempo do padre Jacques. Mas quando ele saiu daqui, ele disse: “Manoel, agora que eu estou sentindo que o Centro Social deve ser uma coisa realmente separada”. E por vários motivos. A gente tem certas atividades, como o forró todos os domingos, que não é bem vista por muita gente da Igreja.

CC: Então vamos terminar por aqui, a entrevista com seu Manoel e vamos continuar esse registro com outras pessoas que participaram dessa experiência e que o senhor julga importante escutar. É claro que o senhor vai participar dessas rodadas, fazendo suas intervenções.

Muito obrigada.

Parte 2 — A Comunidade

2.1 - A opção por Volta Redonda

Como já foi dito na introdução do livro, nessa segunda parte teremos a fala da comunidade, obtida em entrevista coletiva realizada com lideranças da “Comunidade Bom Jesus” em Volta Redonda, com o objetivo de resgatar a memória do Centro Social Bom Jesus. Durante os dois encontros realizados na residência de Manoel Benedito de Souza, foram discutidas a história da comunidade, suas reuniões e atividades, a construção da capela, o surgimento do Centro Social e os conflitos com a Igreja.

Como já foi dito na apresentação, a idéia da “memória do centro” surgiu com Piri. Segundo ele as pessoas de 70, 80 anos devem ter o seu lugar reconhecido na história da Comunidade. Alguns já não vão poder estar aqui, mas conseguimos

Piri - Queremos que vocês, de 70, 80 anos tenham o seu lugar na história da Comunidade Bom Jesus. Alguns já não vão poder estar aqui, mas conseguimos trazer uns quatro ou cinco. “É importante manter tudo isso vivo, não esquecer jamais”, disse Piri. Até para que as novas gerações conheçam a história da comunidade, e saibam que tudo que aqui está não caiu do céu.

C.C. Agora, vamos fazer as apresentações dos depoentes presentes.

Geraldo Oliveira: Meu nome é Geraldo Baptista de Oliveira, nasci em Mercês, Minas Gerais, em 15 de fevereiro de 1940. Vim para Volta Redonda em 1957, para Vila Muri. Casei-me, comprei um terreno, construí minha casa, tive uma filha batizada nesta comunidade e estou aqui há 36 anos.

Assim que cheguei, ainda sem documentos, comecei a participar na paróquia de Santo Antônio e trabalhar com um parente num barzinho, onde permaneci por dois anos; mas, sem nenhuma perspectiva de melhora por lá, fui para o acampamento central. Depois veio uma empreiteira, e posteriormente a CSN. Passei então a morar em um hotel da cidade e comecei a frequentar a paróquia Santa Cecília, onde me mantive por uns dois anos, talvez três.

Antonina Patrocínio: Antonina Estevão do Patrocínio, nasci em Alvinópolis – MG. Vim para Volta Redonda no segundo ano de criação da Companhia. Eu tinha 24 anos. No início, morei em um lugar conhecido hoje como São Luiz, depois, na Candelária. Fui casada com José do Patrocínio, um dos fundadores da comunidade, e tenho 17 filhos.

Waldomiro Tavares: Sou Waldomiro Tavares. Nasci em 20 de julho de 1925 em Madre de Deus – Andrelandia - MG. Cheguei a Volta Redonda em 1946 e fui morar num alojamento. Comecei a participar das comunidades do Centro Social Bom Jesus e da Igreja de Santo Antônio a partir de 1960.

Aparecida Pereira: Meu nome é Aparecida Joana Peixoto Pereira. Nasci em 21 de agosto de 1943 em Itaverava – MG. Sou casada, tenho dois filhos e uma neta. Quando comecei a frequentar a comunidade ainda não havia capela, mas nós providenciamos isso junto com seu Manoel e outros que já não estão mais aqui. Fui apresentada a ele por minha mãe e por seu José Luiz quando fazíamos orações em uma das casas. Começamos a igreja; foi um trabalho e tanto. Uma irmã veio nos orientar. Na época, eu era catequista. Ouvíamos padre Eugênio sentados num barranco. As crianças eram chamadas de porta em porta para participar. Na

verdade, não havia qualquer preparação, somente fé e boa vontade. Éramos muito unidos, uma verdadeira família, não é seu Manoel? Continuamos nosso trabalho fazendo reuniões, indo de casa em casa; qualquer dificuldade era enfrentada por todos.

José Luiz de Souza: Nasci no dia 9 de outubro de 1924 em Guaraciaba MG. Fui casado com Alaíde de Oliveira por 45 anos, até ficar viúvo. Sou pai de oito filhos, sete legítimos e um adotivo, que eu considero como os outros. Eu trabalhava na cidade de João Monlevade, onde conheci o movimento de Nossa Senhora Visitadora. Depois de dois anos vim para Volta Redonda, em 19 de março de 1945. Fiz minha ficha na Companhia, às dez horas, e ao meio-dia já estava trabalhando. Era um tempo bom, diferente de hoje, em que as pessoas tem de correr atrás de emprego. Depois de 15 anos de trabalho na Companhia, saí por conta própria e assumi a profissão de taxista, além de vários outros trabalhos.

João Batista: João Batista, com muita honra. Sou de São Geraldo, Minas Gerais. Nasci no dia 5 de setembro de 1922. Sou viúvo. Aposentado. Trabalhava como carteiro na Câmara dos Vereadores de Volta Redonda. Vim para cá em 1950, para trabalhar em uma empreiteira; depois fui para a Câmara e, por fim, para a CSN. Tenho quatro filhos, três rapazes e uma moça.

Maria Aparecida de Souza: Sou Maria Aparecida de Souza. Nasci em 6 de agosto de 1945; sou casada e tenho quatro filhos (dois casais) e mais sete netos. Sou de Valença, Rio de Janeiro. Estou aqui em Volta Redonda desde 1966. Vim para cá porque me casei e meu marido trabalhava na CSN.

Maria Valda: Meu nome é Maria Valda, sou do Ceará. Nasci no dia 28 de maio de 1944. Vim para cá em julho de 1965, em busca de alguma coisa melhor para a minha vida. Tinha vontade de estudar, de trabalhar, de sair daquele lugar muito pequeno e sem condições. Fui chamada para morar aqui, onde poderia trabalhar. Primeiramente, trabalhei em um supermercado, Supermercado São Marcos, por indicação de seu Manoel. Fiquei lá por um ano e oito meses, dois anos talvez; foi complicado. Estudei, fiz o primário em escolinhas particulares de fundo de quintal. Depois fui trabalhar com dom Waldir e fiquei na Diocese por 32 anos. A aposentadoria veio em 2000, mas só saí em 2003. Em 1986, trabalhei por quase três anos no Colégio Macedo Soares, uma escola religiosa, por indicação de irmã Marina. Depois, fiz concurso para o Estado, passei e estou até hoje, há 22 anos.

Terezinha Silva: Eu sou Terezinha Silva. Nasci no dia 18 de maio de 1951; estou fazendo hoje 57 anos. Tive o privilégio de ser criada aqui, nesta comunidade. Quando cheguei a Bom Jesus eu tinha 11 meses. Com 7 anos eu já rezava o terço nas casas, ao lado de seu Manoel e das pessoas da comunidade. Sou filha de uma família muito pobre; meus pais, Ana Cininho e Domingo dos Santos, trabalharam muito na igreja Bom Jesus. Minha mãe era zeladora e meu pai buscava recursos para dar à comunidade. Para sustentar os leilões, ele arrecadava prendas. Minha mãe fazia quentão nas festas da igreja, que nessa época ainda era uma capelinha; tudo isso ajudou muito no meu crescimento. Foi a partir daí, dessa vivência, que vi o outro lado, uma pobreza muito grande. Meu pai era doente, tinha tuberculose na época, 1969. Então, seu Manoel tomou todas as providências para que ele fosse internado em Campos do Jordão. Enquanto isso, ele e dona Irary continuavam nos ajudando com a alimentação.

Agora, sou pedagoga, professora da primeira à quarta série, mas já estou aposentada. Não foi fácil, tive muita dificuldade para me formar. Ganhei muitos lápis e cadernos de seu Manoel, de seu João e de tantos outros que agora não estou lembrando. Sou muito agradecida a Deus e a todos que me ajudaram, principalmente a seu Manoel, pela estrutura de vida que me deu. Agradeço também à dona Irany e aos seus filhos, que dividiram seu alimento comigo. Hoje, graças a Deus, estou com 35 anos de casada, e sou agradecida a esta comunidade tão bem estruturada, que teve grande importância na minha vida.

Ilda de Jesus Rodrigues. Meu nome é Ilda de Jesus Rodrigues. Nasci em 24 de abril de 1932, em Santa Barbara do Tibúrcio – MG. Casei-me ainda menina com Bernardino Rodrigues e tenho seis filhos, todos casados, 17 netos e quatro bisnetos. Meu irmão mais velho veio trabalhar na Companhia. Naquele tempo, para dar casa a um funcionário, a CSN exigia que a pessoa tivesse uma família. Assim foi que meu marido foi até Minas e trouxe todos, menos meu pai, que ficou por lá trabalhando na terra; eu e minhas irmãs viemos tomar conta da casa.

CC: Que impressão vocês tiveram de Volta Redonda quando chegaram? Vieram por causa da CSN? Como começou a comunidade?

JL: Sim, viemos por causa da CSN. Ainda em João Monlevade tomei conhecimento de que a Siderúrgica naquela época estava no início, e achei que seria bom mudar de emprego e de cidade. Quando cheguei havia pouca coisa. Aqui, no Retiro, só laranja, limão e café. E era o que eu cultivava. Hoje é a cidade que vocês estão vendo, só não se

separa de Volta Redonda porque precisa, primeiramente, se tornar um município.

Em 1951, seis anos após a minha chegada à cidade, quis trazer pra cá aquela beleza da visita de Nossa Senhora das Graças que fazíamos lá em Monlevade. José do Patrocínio não conhecia o movimento e ficou preocupado. Pediu, então, que dona Perpétua procurasse saber o que era esse movimento das visitadoras. Por sorte, ela também era de João Monlevade e deu todo o apoio. Depois desse episódio, levei a visitação para vários lugares. Fui à casa de Maria Marta Soares, minha conhecida naquela época, e fizemos um primeiro encontro, quando a imagem de Nossa Senhora ficou em sua casa por nove dias, talvez sete, não me lembro bem. Com a união provocada por esse movimento, passamos todos a nos responsabilizar pelo bairro. E, por sorte nossa, nos foi apresentado nessa época o amigo Manoel Benedito, que é um herói, um lutador.

Cida Peixoto: Em Minas, de onde eu venho, existem poucos lugares onde se pode ter uma renda, ganhar dinheiro. Assim sendo, deixei minha mãe por lá com... bem, somos 11 irmãos, e meu pai criou três netos. Metade de nós veio logo para cá, e o restante, aos pouquinhos. Quando chegamos aqui, não havia nada, sequer uma igreja. Meu pai foi morar no morro, no acampamento central, e lá foi ficando, nos barracos. Na época ele estava em uma idade avançada, atravessava de barca para vir para cá, para o Retiro, é, em um pedaço de terra da Prefeitura, colhia alimentos, como mandioca e milho, pra gente sobreviver. Tudo foi muito difícil, mas com amor à família e muita fé em Deus, não há como perder a esperança.

WT: Depois de dez anos morando aqui me casei, em 1956. Minha esposa faleceu em 1984. Eu não tinha uma vivência

religiosa, apesar de ser batizado. Chegando a Volta Redonda, conheci o movimento de Nossa Senhora Visitadora, e comecei a participar do terço, a participar na igreja de Santo Antônio com padre Eugênio.

JL: A igreja de Santo Antônio era a única paróquia desse lado do rio, comandava toda a região, inclusive Santa Rita e Pinto da Serra. E eu corri todas elas com Nossa Senhora Visitadora. Foram, ao todo, 21 fundações de bairro. A partir daí, começaram a surgir as comunidades. A visita de Nossa Senhora foi, portanto, muito importante para a formação dessas comunidades.

Cida Peixoto: Foi a base da evangelização. Como as pessoas preferiam ficar acomodadas em suas casas, resolvemos ir até elas, de casa em casa. Assim elas começaram a participar das atividades da igreja, da missa, e, o mais importante, na falta de uma igreja, elas passaram a ajudar aos que precisavam mais.

JL: É bom lembrar que, em 1957, com o movimento da Visitadora, dom Agnelo⁹ nomeou vários catequistas populares, afinal Nossa Senhora Visitadora não era só o terço, era também a leitura do evangelho. Além das leituras, fazíamos debates e comentários sobre o que havíamos lido. Uma oportunidade e tanto! Temos agora, aqui, uma comunidade de fé, com pessoas simples e evangelizadas. Em qualquer casa que se chegue, basta dizer que está com fome e logo alguém arruma um prato de comida. O mesmo acontece se precisar de roupa, sempre haverá uma boa alma para lhe servir. Todos, sem exceção, ajudam como podem. Em dias de festas ou almoços, alguém sempre comparece com alguma coisa já preparada. Depois do almoço, oramos e conversamos.

CC: Essa estrutura das comunidades recém-formadas deu origem às paróquias ainda no período de dom Agnelo, não é? Então, quando dom Waldir chegou, já encontrou tudo formado?

Todos: Isso mesmo.

Dona Titina: Dá licença um minutinho? As visitas de Nossa Senhora Visitadora às residências foi o começo de tudo, não foi, seu Manoel? Eram nove dias em cada casa. Mas depois achamos que a imagem merecia um lugar só dela. Como tinha esse terreno vazio aí, alguém teve a idéia de invadi-lo. O grande mutirão então começou: arrumar lona, comprar madeira para fazer os bancos, pedir a doação de cadeiras antigas. E fomos caminhando, seu Manoel sempre pedindo a quem pudesse ajudar, leilões sendo feitos, etc.

CC: Dona Zizinha, a senhora também é uma das fundadoras da Comunidade?

Zizinha: No primeiro dia em que vi seu Manoel, ele estava tirando a santa de dentro de uma casa. Resolvi ajudá-lo. Viemos em procissão, carregando a imagem. Assim começamos, eu e meu marido, o trabalho na igreja.

CC: E como eram essas visitas?

JL: Eu ia até o bairro escolhido com a imagem de Nossa Senhora Visitadora e fazia a leitura de textos religiosos. Pronto! Aquele novo setor estava criado. Depois deixava tudo isso na mão de pessoas que se responsabilizavam pelo prosseguimento do trabalho. Quando parei com essa missão, já

havia levado a imagem de Nossa Senhora a 11 bairros. Ainda hoje o mesmo procedimento é realizado no bairro de Belo Horizonte, não sei se nos outros também. Aqui, sei que as novenas são feitas constantemente, mas agora duram apenas sete dias, e não nove como no princípio.

Dona Titina: A gente lia o evangelho, rezava o terço e depois de nove dias saímos em procissão, cantando e rezando, quando a imagem ia para a casa de outra pessoa. Havia meditação e evangelização também.

Terezinha: Vi o crescimento da comunidade, acompanhei tudo e sinto-me honrada por isso. Foi uma trajetória muito difícil. Quando houve a pavimentação, eu morava lá embaixo, em um terreno acidentado. Com a passagem da draga, a terra foi soterrando tudo. Essa situação não estava importando à Prefeitura. Seu Manoel então disse para minha mãe:

– Dona Anita, nós vamos sair daqui hoje. A senhora vai sair daqui hoje.

– Mas de que forma, seu Manoel? Como é que eu vou sair daqui?

Seu Manoel então perguntou para o meu pai se ele tinha condições de martelar umas tábuas, as que sobraram da festa junina. Apesar das dificuldades, meu pai disse que sim, que dava para levantar uma parede. Resultado: no final da tarde levantamos um barraco e cobrimos com uma folha de zinco dada por seu João. Você se lembra, seu João, quando fui morar atrás da igreja? Ficamos ali por dois anos e meio, e seu Manoel foi buscar recursos para levantar uma meia-água no nosso antigo terreno, porque aquele barraco que eu morava não tinha condição de ficar de pé depois de tanta terra que caiu ali. Antes da doença de meu pai, nós já tínhamos

ganhado lajotas e estávamos esperando uma oportunidade para colocá-las.

CC: Vocês todos moravam na mesma comunidade?

MV: Nós nos conhecemos na mesma comunidade, apesar de morarmos em bairros diferentes. Eu morava na parte de baixo da avenida principal, na Vila Muri, mas a comunidade era aqui e em Niterói.

CC: Esta comunidade, de Niterói, foi, então, a primeira comunidade eclesial de Volta Redonda?

MV: Havia outras, a do Retiro, Conforto, Santo Sossego, enfim, muitas outras. Mas, como essa era a mais próxima de Vila Muri, a gente participava, já que a matriz era em Santo Antônio, Niterói. Na verdade, participávamos nos dois lugares, na comunidade eclesial de Niterói e na capelinha, aqui, em Bom Jesus. Por fim nos desligamos de lá e ficamos só aqui, onde conhecemos muita gente mesmo. Vivíamos sempre juntos, porque havia movimento, reuniões da igreja e depois do Centro Social.

CC: Todo mundo pertencia a essa paróquia?

MV: Eu já comecei aqui mesmo. No início eu morava no final do Retiro, então, ia mais para São Sebastião, que era a mais próxima. Depois, me mudei para cá, há uns 22 anos, e passei a frequentar esta comunidade.

JB: Eu me mudei para cá em 1951, morava lá na rua Treze de Maio, e nos conhecemos aqui mesmo, na localidade.

2.2 - A construção da capela

CC: Como surgiu a idéia da construção da capela? De quem foi essa idéia?

JB: Surgiu quando começou a comunidade. José Luiz de Oliveira era o presidente do bairro do Retiro. Aqui era um cantão. Aí, nasceu a idéia de formar uma comunidade, foi mais ou menos assim: Zé Luiz tinha o material, presente do pessoal do Retiro, e também a sua turminha, o grupo de evangelização. Eles vieram e criaram outra turma aqui; foi feita uma reza na casa de dona Maria das Dores, mãe de Antônio. A comunidade foi formada nesse dia. José Luiz de Oliveira nomeou seu Manoel para presidente do grupo do bairro, depois de mandar fazer um teste – era só rezar um terço. Seu Anísio era o vice, não é, seu Manoel? O secretário era seu Manuel Agostinho e a secretária, dona Maria Perpétua. Eni e Aparecida eram as zeladoras das reuniões feitas nas casas. E assim começou a nossa luta. Fazíamos o terço nas casas e continuávamos acompanhando.

RA: Por que fizeram a capela?

JB: Aqui tinha um senhor, Dário José Ribeiro, de apelido Santos, que fez parte da comissão e prometera construir uma igreja. Ele mudou o que pôde aqui e celebrava onde eu moro agora, no lote 5 da quadra 10. Começou daí. Não sei se já havia ou não um nome para a igreja, mas acabou sendo escolhido o nome de Bom Jesus. Começamos a trabalhar, fazer festinhas, reuniões, coisas para louvar a vida. Celebrávamos com padre Eugênio, pároco de Santo Antonio de Niterói, que vinha uma vez por semana, na segunda-feira à noite. (Isso

aqui era uma praça, que já tinha nome, que nós conservamos). Com a venda do loteamento, depois de cinco anos, começamos a trabalhar na construção da igreja. Veio, então, a idéia... idéia, não, o boato de que o terreno fora loteado pelo antigo dono. E nós pensamos que fosse da Igreja.

Antes de padre Eugênio, foi padre José, que tratávamos de pai Zé. Ele veio com seu Manuel Silva – nós não tínhamos poço e apanhávamos água na casa dele. Fui até lá – onde tinha padre, eu estava perto. Pois bem, isso foi no final de 1951, conversamos, e pai Zé me disse:

– Se a gente não legalizar essa terra até o fim do ano, vamos ter de conversar novamente.

Quando correu o boato de que tinham loteado aqui, surgiu a oportunidade de seu Manoel comprar o terreno, pois a gente já fazia reza, já fazia Santa Rita, missa, essas coisas. Aí veio a idéia de reunir a turma e comprar o lote para a Igreja. Seu Manoel, junto com Santos, mais uns dois ou três criaram a comissão, que comprou o terreno. Dois lotes. Para pagar o terreno, seu Manoel sugeriu que se pagasse uma mensalidade – a quantia que pudesse –, permanentemente, para a manutenção da área. Começamos a fazer festinhas, leilão, essas coisas. E o povo todo ajudando na mensalidade e, também, a fazer qualquer coisinha para pagar. Até que conseguimos. Mas houve uma troca de terreno. Adquiri o quinto lote da mão da diretoria e seu Manoel comprou o sexto logo depois, ficando com o terceiro, o quarto e o sexto. Foi aí que se deu a troca. Mais tarde, ele comprou o segundo, que fica em frente a sua casa. O sexto terreno, seu Manoel vendeu e comprou o daqui da frente, que ficou para a Igreja. Depois, foi lutar para pagar.

MV: A comissão já havia sido criada, não é, seu João?

JB: A comissão é essa mesmo. Seu Manoel, seu Zequinha [José do Patrocínio, marido de dona Titina], seu Anísio...

MV: O senhor se lembra de quanto cada um dava por mês?

JB: Não, não lembro. Eu sei que você dava dois cruzeiros.

CC: Quase todo o salário, não é?

MB: Mas a nossa comissão, seu João, era formada por cinco pessoas, a mil cruzeiros cada uma. Agora, os demais... catava dez, catava dois, catava cinco. Nós queríamos dez participantes pelo menos, mas não conseguimos, já que cada um tinha de dar mil cruzeiros por mês para pagar o lote. O marido de Antonina foi um dos pioneiros.

CC: Quanto vocês ganhavam nessa época?

MB: Eu ganhava Cr\$ 1.354; seu Zequinha, Cr\$ 1.680; seu Anísio, um pouco mais. O mesmo acontecendo com Waldomiro e seu Santos. Não podemos esquecer que seu Zequinha tinha 12 filhos, eu tinha seis. (risos)

Irany: Coisa de louco, não é?

CC: E depois da compra dos terrenos, como se deu a construção da capela?

JB: Eu tinha uma planta para fazer o muro da igreja. Ajudei a fazê-lo e depois começamos a construção. João Moreira fazia o telhado nos dias de domingo. Seu Manoel catava

duas telhas numa casa, uma, em outra, qualquer tipo de telha, casava uma com a outra, encaixando e cobrindo. Agora... não me recordo, teve uma capelinha antes da igreja?

MB: Teve um barraco.

CC: E quando você, Maria Valda, chegou aqui na comunidade, o que é que existia? A capelinha, o barraco, a igreja, o quê?

MV: Eu ainda me lembro da capelinha, da construção das paredes, em 1958. Em 1966, quando comecei a participar – quando me mudei do Retiro para cá – já existia a capelinha, que era muito pequena, com o mínimo lá dentro. Eu celebrava na porta e o pessoal ficava do lado de fora. Durante a semana, havia catequese. O barracão, nos fundos da capelinha, era deficiente, mas funcionava. Já existiam bancos. Eles arrumavam o mínimo necessário para funcionar, e funcionava. A catequese era feita porque já havia esse movimento de oração; a base daqui é religiosa. Começou com a promessa desse moço, Dario dos Santos, construir a capela, que funcionou por um bom tempo como lugar das missas, das celebrações. Havia também uma escolinha, que funcionava com uma estrutura muito frágil, mas que atendia às necessidades da comunidade.

Na década de 1960, não era todo mundo que estudava à noite. Esse movimento de oração, de sair com a Nossa Senhora Visitadora a maioria participava dessas rezas dessas orações, novenas, desse movimento religioso. Íamos pelas casas, cada noite num lugar, dependendo da época, e todo mundo se conhecia e tinha uma boa convivência. Mais à frente, isso só aumentou, estreitando mais os laços. A partir daí, pensou-se em construir a igreja – que está neste ponto

que vocês podem ver hoje. Mas, primeiro, foi a capelinha, uma coisinha à toa, um barracão de madeira pintado de branco. Logo depois foi avançando para a construção da igreja propriamente dita.

Zizinha: Na época em que cheguei aqui, a capela era muito pequena, mas já realizavam missa por lá. Eu fiquei responsável por vender os cartões de almoço. Recolhia alimentos – frango, carne, macarrão com o pessoal da comunidade, e na hora do almoço ajudava a servir.

MB: Antes disso, nós invadimos o terreno. Sabe que eu nem lembrava que era um invasor? (risos)

CC: Quantos anos vocês ficaram com essa capelinha meio improvisada?

MB: Mais ou menos dois anos, e não ficamos mais porque era um loteamento. Tinham dito para mim que era uma praça. Mas era particular. Fizemos um barraco provisório, que depois foi demolido, e nós ficamos rezando numa tenda. Estendíamos o lençol, improvisávamos, o altar e ali a missa era realizada.

CC: Alguém se lembra da data da compra do terreno e da construção da capelinha?

MB: A compra do terreno foi mais ou menos em 1962. Como já foi falado, compramos os dois lotes do meio. Depois, eu quis comprar o da frente, e para isso tive de fazer alguns negócios, várias trocas. O padre Eugênio só dizia:

– Vou deixar você fazer porque confio em você, mas é difícil.

Comprar mais barato, vender mais caro.. Vendi, inclusive, para membros da nossa comissão o lote mais caro e eu estava comprando o da frente, bem mais barato. Depois da compra feita, seu João Batista falou:

– O senhor faz isso comigo, seu Manoel, que pertenço à comissão?

Ao que eu respondi:

– Meu amigo, você está ajudando à igreja, fique tranquilo que vai dar tudo certo.

Seu João ainda mora ali. Era ele que cedia a luz para levarmos para a capelinha.

MV: Passar de uma capelinha para um “igrejão” não foi brincadeira. Eu participei da legalização dos lotes na Prefeitura. Quando se conseguia um papel, a certidão já estava vencida. Quem salvou a pátria foi o Paulo “não-sei-de-quê”, que ficou muito amigo de dom Waldir. Ele era de Resende, eu o chamava de... Paulo bolsinha (risos), porque foi a primeira vez que eu vi um homem usando bolsinha pendurada. Ele almoçou muitas vezes lá no bispado. Como ele trabalhava lá, um dia lhe falei sobre a luta danada para se conseguir a documentação dos lotes, essa confusão que a gente não entendia bem. Então, ele falou:

– Você me dá o nome que eu vou ver lá na mapoteca.

E, de fato, ele deu uma senhora mão, e conseguiu a certidão. Até ele mesmo pulou de alegria. A luta era, portanto, para essa legalização, para conseguir dinheiro e pagar as contas, porque seu Manoel sempre ficou encarregado de desenvolver tudo isso, essa parte de compra de material etc.

Irany: De fazer dívidas...

CC: Ele fazia dívidas e largava na mão de vocês.

MV: Não, ele corria atrás para fazer as coisas.

Cida Peixoto: Falava com a comunidade: “vamos trabalhar, vamos fazer a festa, vamos fazer almoço”.

MV: A gente não parava.

Cida Peixoto: O almoço era assim: a gente comprava os cartões e ajudava com travessas de refeição.

MV: É, vendíamos os cartões e, depois, tínhamos de arrumar gente para ir buscar as comidas prontas. Fazíamos rifas.

Cida Peixoto: O povo pagava com alegria e satisfação, porque era o que eles queriam.

MV: Havia uma confraternização, porque todo mundo sentava e comia junto. Era dentro da igreja, no espaço que já estava em construção. Já se passaram muitos anos, mas ainda nos lembramos desse movimento.

CC: Essa história não deve cair no esquecimento. É preciso que as novas gerações saibam que isso não surgiu do nada, mas de muita luta.

MV: E da força de todos.

Cida Peixoto: E não tinha político no meio, não.

MV: Não! Era tudo gente da Igreja. Gente que rezava, que caminhava e trabalhava para atender às orientações da Diocese, do padre. Isso durou muito tempo e, quando menos esperávamos, a igreja ficou grande.

Irany: Você se lembra quando foram comprados aqueles bancos?

Cida Peixoto: Os bancos... já existem há bastante tempo.

MV: Foi um evangélico que veio dar uma ajuda na montagem deles.

Cida Peixoto: Quando adquirimos os bancos, fizemos uma caixinha para ajudar na compra. Lembro-me que perguntaram:

– Quem vai querer comprar?

Meu sogro, então, levantou a mão, e falou:

– Quem levantou a mão vai ter de comprar. (risos)

Sempre foi assim, toda a comunidade ajudava. Depois dos bancos, compramos o telhado.

JB: Estou acompanhando a conversa e pensando num negócio aqui. Eu peguei o bonde desde o começo. Naquele tempo, seu Manoel morava na rua Treze de Maio e eu, aqui perto. A casa do meu filho é do lado da minha, que fica em frente à outra rua, lá na praça. Mudamos pra cá, mas ainda não havia luz. Quando isso aqui passou para Volta Redonda – porque antes era Barra Mansa –, puseram um poste na rua de seu Manoel, e nesta, a Cabo Verde, na ponta, ali em cima. Quem puxou o poste foi um homem que chamávamos de Baiano, empregado da Companhia. Havia um lugar, ali embaixo, para o transformador, bem em frente à sapataria, na rua de cima. O resto era tudo pasto. Passaram um fio em frente à minha casa, por cima daquele lote. Mas, quando passou a ser de Volta Redonda, a Light chegou e carimbou os postes de madeira, assumindo o compromisso de substituir por poste de cimento. Mas aqui não colocavam luz e a

Light não substituíra os postes. Pedi, então, a um empregado da Companhia, se ele podia botar um bico de luz. Ele disse:

– Se for uma luz de 25 velas, pode.

Vinte e cinco velas é um cigarrinho; coloquei de 40. (risos) Lá da minha casa eu puxava por cima dessa rua aqui, a rua da igreja. Com isso, a Light botou nome na rua pra poder cobrar a luz. Para passar luz, coloquei um bambu no meio da rua e passei o fio por cima. Assim, durante um determinado tempo, ficamos com aquela luz, que eu recolhia antes de sair para o trabalho. Depois, seu Manoel deu um jeito de pedir à Light que, finalmente, colocou um poste e a igreja passou a ter luz. Mas isso demorou muito tempo.

CC: Que trabalhadeira, seu João!

JB: Pois é, para receber a luz da Light, seu Manoel arranhou algumas pessoas para colocar o poste lá. O Batista [o baiano chamava-se Batista] veio para ver a distância do último poste até o terreno da igreja, que devia ser de 25 metros, segundo a própria Light; e se estivesse acima de 36 metros a pessoa tinha de botar por conta própria pagando o poste. Batista mediu, e deu mais. Por um metro não deu para puxar a luz. Ele, então, falou para seu Manoel:

– Vou botar um poste para vocês lá, mas este poste tem de agüentar o meu, que ainda é de madeira.

Levantamos o poste apoiando no buraco. Enquanto estávamos empurrando, o poste desceu, derrubando o pau na minha cabeça. (risos) Caí no chão, mas não foi nada, não.

GO: Quando cheguei aqui, as obras da igreja ainda não haviam terminado. A igreja já estava coberta de zinco, que precisava ser trocado, mas ainda faltava muita coisa, como piso, forro, bancos, pintura. A gente olhava para cima e es-

tava tudo pingando e apodrecendo. Precisávamos de dinheiro e, para consegui-lo, a luta foi muito grande. Então começamos uma pesquisa de preços para escolher uma empresa que produzisse alumínio para telhado. Era cálculo daqui, pedidos dali. E então o milagre aconteceu. Conseguimos vender o zinco do antigo telhado e com o dinheiro compramos o alumínio, trouxemos para cá e trocamos. Vocês podem perguntar como isso foi possível. Simples, o Manoel, com sua liderança, arranhou uma empreiteira especializada que fez a troca. O material chegou numa quinta-feira e no domingo preparamos um dos melhores almoços já realizados, inclusive com refrigerantes e sucos. Resultado: todo mundo ofereceu a mão-de-obra de graça. “Olha, se vocês precisarem da gente, estamos aí, com muita disposição”. E assim foi.

WT: Apesar de todas as dificuldades, a igreja foi construída, e, para ajudar, nós fazíamos festinhas, quermesse, bingo, etc. Também fazíamos leilão, até em cima de caminhão, quando não havia lugar disponível. Tudo sempre foi muito trabalhoso. Se não fosse seu Manoel Benedito, e digo isso com sinceridade, a igreja de Bom Jesus não existiria. Apesar de todo o trabalho na CSN, da nossa falta de tempo, ele se mantinha perseverante, não desistia.

CC: Outras comunidades também construíram uma igreja?

JL: Quase todas tem uma igreja, umas menores, outras maiores, mas só a daqui foi construída pela comunidade. É uma marca de Bom Jesus. Já as outras... por exemplo, a da Califórnia, a ajuda veio daquele sistema da Alemanha. Assim como a Califórnia, a Jesus de Nazaré também recebeu doações da comunidade alemã.

JS: Mudando de assunto, seria interessante que vocês nos falassem um pouco sobre o trabalho na Siderúrgica.

GO: Assim que entrei na CSN fui trabalhar no departamento de fundição. Lá eram produzidas todas as peças de manutenção da Companhia. Eram peças de alta qualidade que, até alguns anos atrás, eram importadas do exterior, como cilindros que laminavam a chapa, os trilhos, cilindros de dupla função, coisa que muita gente nunca ouviu falar. A empresa resolveu investir em tecnologia própria e testou o aço para o revestimento desses cilindros, que foi logo descartado porque não era flexível e não suportava atritos. O ferro surgiu como opção de material mais resistente a ser utilizado para formar os cilindros, que eram preenchidos, agora sim, com aço. Portanto, no cilindro, temos a combinação ferro+aço, mantendo assim uma pequena, mas necessária flexibilidade. Essa tecnologia, desenvolvida pela Siderúrgica, deu ao trabalhador a confiança de um trabalho bem feito e a certeza de estar cumprindo sua obrigação de operário. Quanto ao Centro Social, gostaria de dizer que sempre trabalhamos em equipe, e a confiança, recíproca, era enorme. Ninguém fazia nada sem antes consultar a equipe.

JS: Esses cursos que vocês fizeram na CSN ajudaram a organizar as questões das compras, das contas etc., ou não tinha nada a ver com isso?

MB: Ajudou e muito. Quando criança, trabalhei no comércio, e aprendi muito nessa época. Todo esse aprendizado eu trouxe para a Companhia.

WT: Esses cursos são muito bons porque representam uma melhoria de salário. Assim, podemos cuidar mais de nossa comunidade, de nosso Centro Social.

JS: Em que seção o senhor trabalhava, seu Waldomiro?

WT: No departamento de combustão. Meu cargo era analista de laboratório de gás. Analisávamos todo tipo de combustível. Quando entrei para a CSN eu só tinha o curso primário, feito com muita dificuldade. Vim para Volta Redonda praticamente escondido de meu pai. Ele mexia com fazenda e não queria que eu servisse o exército. Então, vim para a casa de meu primo, aqui, em Volta Redonda, e fiquei praticamente por minha conta. Em 1946, me alistei e só depois disso me preparei para entrar na Companhia, afinal eu precisava do certificado de reservista para poder trabalhar. Na verdade, vim pra cá porque estavam recrutando a classe de 1920. Se não fosse isso, eu não conseguiria estar aqui, na CSN. Com o passar do tempo, fui me especializando, fiz a bateria A e a B, aprendi tudo na Companhia. Posso dizer com certeza que a CSN foi uma mãe para mim. Hoje em dia eu me sinto feliz. Atualmente, pertencço à outra comunidade, mas não me esqueço daqui. Se agora sou um homem religioso, se fui preparado para ler a Bíblia, aprendi tudo aqui.

JS: Seu José Luiz era da parte elétrica?

JL: Isso mesmo.

MB: Seu Zé Luiz foi um pioneiro em Volta Redonda com as imagens. Conseguiu lotar 22 vagões da Central para uma romaria à Aparecida do Norte.

CC: Podemos então considerar seu José Luiz o embrião dessa comunidade.

WT: Eu queria falar um pouquinho a respeito dele, um homem muito religioso, um homem popular, que fez um livro

chamado “Três conceitos de povo”. Uma maravilha de livro, que falava de pobre, falava de tudo. Foi ou não foi? Não é fácil fazer uma coisa dessas!

JL: Esse livro foi publicado aqui, em 1958, e foi o meu primeiro trabalho. Depois desse, já publiquei outros quatro: “Eu e você” e “Beija-flor”, ambos de poesia, “Preconceito de cor” e “O homem que casou com uma cadelinha branca”. Tenho também uma biblioteca no meu bairro, na minha casa, com quase 2 mil exemplares. É lá que os estudantes da região fazem pesquisas.

CC: O senhor abriu uma biblioteca para a comunidade?

JL: Sim, Manoel conhece. É uma biblioteca muito boa; tenho coleções que nem a biblioteca municipal tem. Recebo livros, alguns raríssimos, de escritores de outros lugares e de pessoas em geral. A biblioteca é uma das minhas contribuições para a comunidade. Também fundei o Grêmio Literário de Volta Redonda, que já está com 32 anos. Já vamos para 23ª publicação de antologias. Mantemos contato com todo o Brasil e já estamos em Portugal e na França. Ficamos internacionais!

Recebi três diplomas da França e o prêmio de acadêmico de honra, tudo por causa de um conto que escrevi. Esta foi, sem dúvida, a maior glória para mim. Continuo nessa atividade porque é a única coisa que eu sei fazer. Não tenho estudo, não cheguei a completar o primeiro grau. Sou autodidata, estudei três anos na minha terra e aprendi o resto com os amigos.

CC: O senhor continua morando em Volta Redonda?

JL: Continuo, mas em outra comunidade.

Irany: Canta no coral, não é?

JL: É, mas é diferente do tempo em que eu estava aqui, quando atuava na parte religiosa e trabalhava ao mesmo tempo. Padre Eugênio, ao ver a qualidade do meu trabalho, me encarregou de toda a paróquia, do Retiro à Califórnia e Santa Rita. Foi uma grande responsabilidade. Quando saí, já eram 11 bairros visitados, 11 setores. Agora só venho como visitante. Passei meu trabalho para seu Manoel Benedito e sua equipe.

CC: Retornando à conversa sobre a formação das comunidades, qual a importância das mulheres nessa luta?

Irany: As mulheres tiveram uma presença marcante. Por exemplo, eram elas que providenciavam a comida. Umas apanhavam o material com a igreja e outras pediam doação. E assim foi. Cada uma ficava responsável pela organização de uma barraquinha, preparando os cachorros-quentes, todos os quitutes, enfim.

CC: Isso funcionava só no Centro ou também na igreja?

Zizinha: No meu caso, só mesmo na igreja. Tudo o que era vendido lá vinha de doações. Todas as noites prestávamos contas do que era vendido.

MV: Um tempo depois teve início o Centro Social, que contou com as mesmas pessoas que participaram da construção da igreja. Assim, com essa união, nas festas juninas havia muita doação, muita participação, muito empenho. A

gente conseguia muita prenda. Era uma coisa incrível. Era almoço, rifa, leilão. Enfim, as festas juninas foram se desenvolvendo cada vez mais. O dízimo daqui ia para Niterói, coisa que eu sempre achei muito ruim, a matriz pegar da capela. Uma vez até falei, por minha conta, com padre Eugênio, por que não abriam mão, se aqui tinha todo esse movimento? Ele falou que o dízimo era da paróquia, e isso durou um bom tempo, mas a quantidade de participantes era grande e havia muita fraternidade. É uma beleza se pensar nessa época. Ainda hoje é assim, mas os tempos mudaram, não é? Todo mundo era da Igreja. Era todo mundo trabalhando junto para o mesmo fim, logo, o resultado só podia ser muito bom. Com isso, era caixa comum também.

CC: Caixa comum, como? Para a igreja e para o Centro?

MV: Era caixa comum para tudo, para as festas, para todos os movimentos. Com a construção do Centro Social, acho que ainda continuou caixa comum, porque havia conta da igreja e do Centro Social para pagar. Isso sem falar na compra do terreno, constrói aqui, constrói ali, ainda me lembro desse assunto do caixa comum. Então, sempre tinha conta para pagar, só que o dízimo ia todo para lá. Nessa época, o Centro Social, que também começou com um barracão, já estava em desenvolvimento. Ali acontecia o bingo, além de outras atividades, porque as pessoas eram as mesmas. Havia contribuições específicas para o Centro Social. Mas aconteceu um incêndio, queimando o barracão que estava ali.

GO: Eu participei somente da segunda fase do Centro. Depois do incêndio, ele renasceu das cinzas, assim como o espírito de união do bairro, que também renasceu com a reconstrução do Centro.

2.3 - O Centro Social Bom Jesus

CC: Vamos falar um pouco sobre o início do Centro Social.

WT: A dificuldade foi muito grande, já que não tínhamos como pagar o que era comprado. Pagar com o quê? Então, quem trabalhava na usina arrecadava um dinheirinho por lá para pagar o material do Centro Social Bom Jesus. Fiquei 19 anos como vice-presidente porque ninguém queria assumir esse cargo; era muito trabalho. Virar concreto dia de domingo não é brincadeira, gente! Parte do pessoal nesse dia estava na usina, trabalhando, e nós aqui, virando concreto, na igreja ou no Centro Social. Hoje em dia é uma maravilha. Ninguém nos conhece e não estão interessados. “Que nada... isso aí foi criado de qualquer maneira” – é o que dizem. Deu muito trabalho fazer esse Centro Social.

Realmente eram outros tempos. Ouvi dia desses, na rádio Fluminense, que o Centro era ligado à Igreja desde o início. E não é bem assim; ele nunca foi ligado à Igreja.

CC: Agora estou confusa. Eu já sabia, pelo depoimento de seu Manoel, que existia essa separação, mas ele falou, eu me lembro bem, “funciona como os vicentinos”. A gente recolhia os alimentos na igreja e distribuía no Centro Social. Fiquei com a impressão de que as atividades do Centro eram uma continuação das atividades da igreja. De qualquer maneira, a idéia do Centro Social surgiu desse grupo que estava na igreja. Mas por que vocês, desde o início, quiseram estabelecer esta diferença?

WT: Porque não havia como fazer uma diretoria para cuidar dessa parte.

Zizinha: O nosso responsável era o padre Eugênio, que era de outra comunidade. Ele dava assistência aqui, mas era de Niterói. E todos cochichavam: “padre Eugênio, isso assim... assim... nós temos de levar...”. Ao que ele respondia: “eu não pertencço a esta comunidade. Façam da maneira de vocês. Bernardo, Seu Manoel e Waldomiro sabem muito bem o que deve ser feito”. Um bom exemplo é a história da casa de seu Pedro, lá do final do Retiro, que caiu. Chamaram Bernardo, que não podia ajudar porque estava cumprindo horário na Companhia, das 16h até a meia-noite. Mas ele acabou saindo discretamente do seu trabalho e foi até lá para ver a situação. Ao chegar e ver toda a dificuldade de seu Pedro e sua família, Bernardo avisou que não voltaria para trabalhar e chamou seu Manoel. Ambos se dedicaram muito para socorrer os desabrigados e dar o auxílio necessário.

CC: Foi a partir daí, dessa carência da população, que vocês tiveram a idéia de criar um centro?

MB: A história do Centro Social foi, de início, bastante complicada; o Waldomiro lembra muito bem. Éramos um grupo de casais, e, em toda festa de aniversário, nós rezávamos, participávamos. Se acontecia uma morte, lá estávamos nós. Então um grupinho de homens cismou de criar uma entidade só deles, na qual mulheres não entrariam. Isso foi em 1968. Ficamos muito tristes, já que nossas esposas ficavam na porta de casa, só olhando. O companheiro David liderou um movimento para acabar com essas reuniões fechadas. No dia seguinte, Waldomiro me telefonou perguntando se mantínhamos nossa decisão. Diante de uma resposta afirmativa, ele sugeriu a criação do Centro Social Bom Jesus. Decisão tomada, arregaçamos as mangas e fizemos, eu, Waldomiro, Portela e David, estatuto e tudo o que tínha-

mos direito. Na hora do nosso almoço, na usina, aproveitávamos para discutir e escrever o documento. Na verdade, o ponto de partida para a criação do Centro não foi tanto o problema social, mas o risco de separar as famílias.

WT: Era tudo muito alegre, mas também tivemos tristeza. O caso do Sebastião, que bateu na mulher, vocês lembram?

CC: Conta essa história pra gente.

WT: A esposa de seu Sebastião trabalhava com essa equipe que vocês estão vendo aí. E ele não queria que ela trabalhasse aqui. Ela, no entanto, era teimosa, e vinha. Quando descobriu, ele foi para casa e bateu nela. Mesmo machucada, ela veio para a festa. E ele veio atrás dela, brigou, queria até matá-la! O homem virou um leão. Foram precisos alguns amigos nossos pra acalmar a situação. Ele foi jogado ao chão e amarrado.

Irany: Ele devia estar bêbado, não é?

WT: Estava sim. Mas, o que importa é que ele era colega nosso lá na Companhia. E por isso relevamos.

JS: O fato de a maior parte dos homens trabalharem na fábrica, isso ajudou a união de vocês?

WT: Muito. Todos os que trabalhavam na CSN se encontravam aqui, durante à tarde.

MB: Por exemplo, na hora do almoço aproveitávamos o horário livre pra fazer reunião. Ficávamos em um barraco do lado de fora conversando, falando sobre a comunidade, o que era preciso ser feito por lá.

Dona Titina: O trabalho que o Centro Social faz é muito bonito. Os bingos realizados lá são beneficentes. Compramos cadeiras de rodas, ajudamos pessoas que precisam de tratamento de rins. Essa é a parte boa do Centro: a ajuda dada aos mais necessitados, apesar de toda essa confusão de pertencer ou não à igreja, que eu não entendo muito bem. Nesse trabalho, o Centro Social ajudava muito às mulheres com problemas de violência doméstica. Quando havia festa, tudo era muito animado. As mulheres tinham boa vontade em participar. Só iam embora para suas casas já bem tarde, depois que enfeitavam as barracas, providenciavam tudo, sem ganhar nada. Na Festa da Primavera, quando o Centro colaborava com a igreja, todas estavam lá, ajudando. Não havia cansaço. O trabalho era feito com amor, carinho, alegria, muita brincadeira. Conclusão: Fazíamos um trabalho para a igreja e, ao mesmo tempo, ajudávamos as mulheres que sofriam espancamento. A gente ia à Câmara e à Cúria defendê-las, contar o que estava acontecendo. As reuniões eram feitas uma vez por semana, tudo muito bonito, mas, infelizmente, acabou.

Agora tem o trabalho das legionárias¹⁰. O que antes era feito pela Visitadora, agora são as legionárias que fazem, um trabalho muito bom em toda Volta Redonda, não só na comunidade Bom Jesus. Atualmente, as legionárias, em dois grupos, têm o compromisso de visitar os doentes nos hospitais e fazem isso em dupla. Reúnem-se uma vez por semana, rezam o terço, lêem o evangelho. A Legião de Maria é oração, devoção, evangelização, e algumas vezes é trabalho. Sempre que alguma das legionárias tem problema de saúde, as outras acolhem. Seu Zé Luiz e seu Waldomiro também fazem parte desse movimento da visitadora.

WT: É bom que se diga que tivemos todo tempo a cooperação de nossas esposas. Era um trabalhão danado. Manoel tinha de fazer reuniões para as famílias, por exemplo. Você já pensou se nossas mulheres não tivessem confiança nos maridos e não cooperassem com eles? Nada poderia ser feito; não sairia igreja nem Centro Social. Se fossem ciumentas... como é que ia fazer? Manoel, você dava reunião para quantas mulheres? Já pensou se a Irany não deixasse? Não sairia nada. Conclusão: sem a cooperação de nossas esposas, a criação do Centro e da igreja seria muito prejudicada, já que, na época, os dois tinham a mesma direção.

MB: O trabalho dessas mulheres foi muito importante, sobretudo nas festas, porque elas tomavam conta das barracas. Tivemos alguns problemas de roubos e elas tinham muito medo. Dona Zizinha, uma vez, fez um pacote de dinheiro e colocou dentro do fogão. Com o aquecimento do forno o dinheiro pegou fogo. Outra senhora, que trabalhou comigo na barraca do bingo, também tinha muito medo de ladrão ou de chegar alguém querendo pegar o dinheiro, polícia principalmente, alegando que não era permitido. Ela então colocava o dinheiro dentro do saco de milho, num saco plástico. A real importância de nossas mulheres foi a luta contra o desemprego, contra os maus-tratos.

CC: Em que momento começou efetivamente o conflito entre Igreja e Centro Social?

MB: De 1968, data do início da fundação, até 1975, tínhamos o padre Eugênio, que deixava que o trabalho fosse feito em conjunto. Na chegada de padre Jacques, logo na primeira festa que fizemos, eu disse pra ele como ela era realizada, e ele deixou claro que esse negócio de festa do Cen-

tro Social era com a gente, que não queria saber de nada. Mas, assim que viu a renda conseguida com o primeiro evento, cismou que o Centro tinha de ser da igreja, já que usava o nome de Bom Jesus. É bom que se diga que a renda obtida era dividida entre a igreja e o Centro, e o percentual de cada um era decidido de acordo com a necessidade do momento. Conseguimos convencer padre Jacques, que ficou por aqui ainda algum tempo, de que isso não estava certo, e ele, felizmente, se acalmou um pouco.

Depois dele, vieram outros padres, que não deram muita importância a esse assunto, mas, com a chegada de padre Crésio, a idéia de padre Jacques de tornar o Centro parte da igreja voltou com força total. Como havíamos feito antes, insistimos também com padre Crésio que não daria certo, isto é, o Centro Social e a igreja deveriam permanecer como estavam, separados. Depois de um tempo, padre Crésio também foi embora, não sem antes dizer pra minha esposa que a única tristeza que ele levaria daqui era não ter conseguido fazer com que o Centro Social fosse da igreja.

Logo após a saída de padre Crésio, tivemos padre Bernardo, que eu já conhecia bem, pois tínhamos participado de comissões juntos, anteriormente. Então, pensei: “Agora está bom pra mim”. Foi uma grande decepção, já que, como padre Crésio, padre Bernardo também era a favor dessa união do Centro com a igreja. Nós, eu, a diretoria e os associados, não concordamos, pois, se o Centro havia sido independente desde a sua criação, não víamos motivos para mudar isso. Assim é que o Centro Social faz suas festas, arrecada seu dinheiro, mas não tem nada a ver com a Igreja.

GO: Antes que eu me esqueça, gostaria de dizer que, logo no início de funcionamento do Centro Social, seu Manoel me convidou para ajudar na sua administração e cuidar do di-



Pioneiros da Comunidade de Bom Jesus.
Da esquerda para direita – José Luiz, Manoel Benedito, João Batista, Aparecida Peixoto, Enir Peixoto, Waldomiro Tavares.



Fundadores e Colaboradores da Comunidade.



Selma – 1ª Rainha da 1ª Festa Junina de Bom Jesus – 1957.



Entrega de Troféus – Princesas da Festa Junina.



Sorteio de Prêmios na Festa Junina.



Joelma – 1ª Rainha das Bonecas – 1970.



Sonia Maria – Rainha das Bonecas.



D. Waldir – Pedra Fundamental.



D. Waldir – Missa da Pedra Fundamental – Igreja Bom Jesus
12 de Outubro de 1969.



Marco da Pedra Fundamental.



Documentos de Registro da época da Pedra Fundamental.



Distribuição de Alimentos para famílias carentes da comunidade dentro da igreja em construção.



Famílias carentes recebendo alimentação.



Equipe da Pastoral da Criança.



Colaboradores na Feira da Primavera.



Projeto da nova sede do CSBJ – 1984.



1ª Sede do Centro Social Bom Jesus.



Equipe na construção da nova sede do CSBJ.



Sr Francisco de Paula – O construtor.



Curso de Corte e Costura do CSBJ – 1986.



Diretoria em Assembléia Geral na sede em construção.



Bazar de Pechincha – CSBJ.



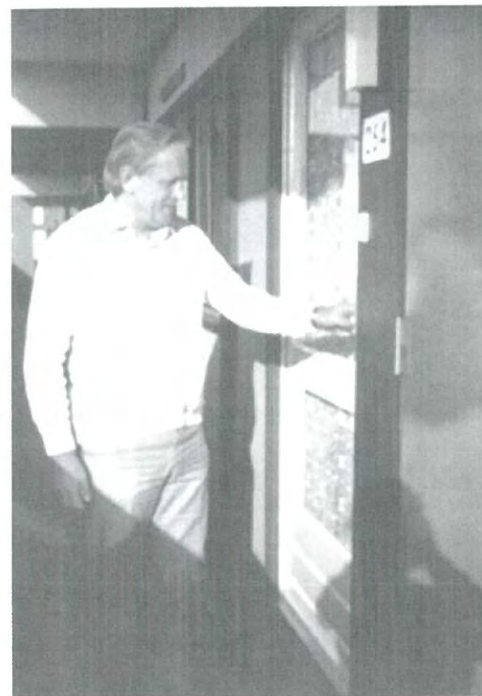
Doação de cobertores – CSBJ – 1986.



Visita de diretores do NAC – VR.



Distribuição de cestas de natal – CSBJ.



Padre Eugenio.



Padre Normando.



Padre Jaques.



Manoel Benedito – O Celebrante.



Manoel Benedito – Ação Religiosa.

nheiro da paróquia. Para tanto, criamos uma comissão administrativa, formada por cinco pessoas, três, infelizmente, já falecidas, que são o José Guimarães Filho, assistente social do INSS; o Carlito Inácio; e o Afrânio Evangelista Magalhães. Todos ex-operários, com exceção do Guimarães. Não posso esquecer o Lélío Pagliares, de Vila Muri, que está agora com 81 anos. Pagliares era um cara vibrante, que nos deu uma força muito grande.

CC: Voltando à questão do conflito entre o Centro e a Igreja, foi a partir da chegada do padre Jacques que vocês se mudaram para o Centro?

MB: Não, nós já éramos do Centro, mas nesse momento a separação foi oficializada. Mas eu continuei. Sou joão-teimoso, ficava em uma e em outra.

Zizinha: Lembro que, quando eu estava participando da distribuição de alimentos, se havia uma pessoa doente, lá estava seu Manoel, que parecia um vicentino, um santo fazendo caridade. “Está faltando leite, seu Manoel”, alguém dizia. E lá ia ele providenciar uma lata de leite. Estava sempre ajudando alguém, quando era da diretoria. Eu sou testemunha.

JS: Qual a importância que o Centro Social teve e continua tendo para a comunidade?

MB: Para a Igreja, sua importância é muito pequena; não há qualquer tipo de relacionamento. E, onde não há relacionamento, fica difícil. Anteriormente, as dependências do Centro Social eram cedidas para fazer as reuniões da igreja, as assembléias. Hoje eles não aceitam, fazem fora daqui,

com exceção do padre Normando. Inclusive, vai haver uma apresentação de música, e eu já fui convidado. Vão até entregar diplomas. Padre Normando tem um trabalho muito bonito, aqui, na Diocese. Ele tem uma formação musical muito boa, toca vários instrumentos. Já fez, inclusive, duas apresentações.

Rita11 : Por causa da violência doméstica, fazíamos, um trabalho social com as famílias, já que não havia assistentes sociais por aqui. As mulheres iam, com boa vontade, para escutar o que tínhamos a dizer. Queria deixar isso registrado, porque, mesmo não tendo instrução, não tendo o preparo de uma assistente social, trabalhávamos o lado prático do problema. A teoria não fazia falta. Seu Waldomiro sabe dessa história.

WT: Gostaria de dizer que Rita é filha de uma fundadora do Centro, ela é uma pessoa que, apesar de jovem, conhece bem o problema e já tem uma experiência muito grande.

Rita: Nós crescemos juntos aqui, não é, Jorge? Pedíamos para quem tivesse crianças pequenas que as inscrevessem no concurso Rainha da Boneca. Meninas de dois, três aninhos. Ganhava quem vendesse mais cupons.

Cida Peixoto: Antes eram as moças que iam, não é, seu Manoel? Tinha rainha, princesa... Eu era coordenadora, locutora. (risos)

Piri: A Selma foi nossa primeira rainha.

Cida Peixoto: Era só se falar no concurso e logo o pessoal se juntava para movimentar a festa. Eu me lembro que, uma vez, numa dessas festas, fizemos algo novo, jamais feito

em qualquer outro lugar. Era uma cadeia, tudo direitinho e arrumadinho. Duas moças prendiam um rapaz. Enquanto ele não pagasse, não podia sair. Já pensou fazer isso hoje em dia?

CC: Era uma representação, um teatro?

Cida Peixoto: Era uma brincadeira. Tudo com muita honestidade.

WT: Qual o preço para liberar o “prisoneiro”?

Cida Peixoto: Sabe que eu não me lembro? Acho que quanto a pessoa quisesse pagar. Uma contribuição. O dinheiro ficava com a comunidade onde era realizada a brincadeira. Já pensou fazer isso hoje?

RA: Quais os melhores momentos que vocês viveram nesse tempo todo? Existe algo que tenha marcado mais?

MB: Tudo era muito bom, sempre.

WT: É, nós tivemos momentos alegres e outros tristes; você quer saber da parte boa.

MB: Nossas festas, modéstia à parte, eram muito bem organizadas. As pessoas que lá trabalhavam, todas as noites, recebiam um vale para tomar uma sopa no Centro Social, feita por dona Antonina, é bom que não se esqueça. Era um panelão enorme. No final, comiam todos, quem era e quem não era das barracas.

Dona Titina: Era uma união muito grande, gente. Eu não conheci outra comunidade que tivesse um grupo como o nosso. O trabalho era feito com amor.

CC: Vocês não brigavam?

Todas: Não!!!

Zizinha: Nossa participação nas festas era grande. No final, o lucro obtido nas barracas era uma coisa muito boa. Seu Manoel passava e dizia: “Ô fulano, a sua barraca rendeu tanto!”. Era uma alegria só, um incentivo para no ano seguinte vender mais.

Irany: A festa do Dia das Mães também era muito boa.

Rita: E vocês sempre conseguiram brinde para todas as mães da comunidade, não é, dona Irany?

Irany: Era eu que recolhia os brindes. O leilão era uma grande alegria para todos, porque rendia um dinheirinho para a construção.

WT: Vou falar sobre as duas partes, a boa e a ruim. O pior momento que tivemos aqui foi quando o Centro Social incendiou. Já pensou! Tudo o que havia lá virou cinza! A parte alegre era a fraternidade que existia durante a festa; depois que tudo acabava, Manoel fazia uma festa de confraternização para todos aqueles que trabalharam. Ele trazia um conjunto para tocar durante o almoço, essa era a parte mais bonita, e a gente se esquecia de tudo o que tinha acontecido. Quando vimos o fogo queimando o barraco do Centro Social, o lugar onde fazíamos jogos, festinhas, foi uma tristeza muito grande. Pensamos: “Como é que vamos fazer agora?”.

CC: O incêndio foi acidental?

WT: Acidente? Não sei.

Dona Titina: A imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, enorme, de madeira, está aí até hoje, inteirinha, não queimou.

Zizinha: Pois é, imaginamos muitas coisas. Acho que o nosso respeito à religião foi importante para que a imagem não queimasse. Pegou fogo em tudo, menos nela.

Cida Peixoto: Ah... Falar sobre a importância do Centro, isso é muito bom, muito bonito. Eu fico agradecida por tudo, pelo seu Manoel... É bom, sabe por quê? Por causa dessa história que seu Waldomiro já falou, de nos esquecerem. Só que, no fundo, no fundo, acho que não fomos esquecidos, não. Temos nossa memória... O abraço de um amigo... Mas, em relação às coisas modernas, a gente já não acompanha. Vamos deixando a vez para os que estão chegando. Mas é muito bom lembrar o que nós fizemos, pois foi um trabalho muito bonito. Agradeço ao Jorginho, que inventou isso aí. Ele está muito certo, porque seu pai foi um guerreiro. Era ele que nos incentivava quando dizia “vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”. Não é, seu Waldomiro? Lembro-me de que, no início, brincávamos muito, e seu Manoel só dizia: “Gente, olha o respeito”. Aquela meninada toda rezando. O portal está lá. Não tinha um caminho para a procissão nem essa estrada de hoje.

Piri: Tudo por causa do esgoto que corria nas laterais.

Dona Titina: E o pessoal ria muito disso, e seu Manoel continuava dizendo: “Gente, respeito!”. Mas logo, logo, ele também estava rindo. Faz parte, não é?

Zizinha: Nosso trabalho, o bem que fizemos, vai ficar para os outros. Assim, seremos lembrados. E que Deus abençoe a todos que trabalharam na construção do Centro Social e da igreja.

Dona Titina: Fica o resgate da história do Centro Social Bom Jesus. Agora, a melhor festa, acho, foi a da inauguração do Centro Social, logo que este foi reconstruído. Está lembrado, seu Manoel? Foi o ponto alto do Centro Social Bom Jesus.

MB: Você se lembra que perdemos todas as prendas da festa junina durante o incêndio? Eu só fiz rezar. E outra coisa, nessa mesma época ainda tínhamos a questão da escritura do terreno para resolver. Fui ao NAC – Núcleo de Ação Comunitária – e, quando voltei, peguei os documentos, as escrituras do Centro Social, com dona Turmalina, que falou:

– Apesar de meu marido ter sacaneado muito o senhor, de ter morrido e deixado isso sem resolver, eu vou assinar, seu Manoel, porque gosto muito do senhor.

Assim, eu consegui a escritura, e, claro, fiquei muito alegre. Quando me aproximava do Centro, vi a ambulância, o Corpo de Bombeiros, tanta gente na rua... Foi muito difícil.

CC: E o senhor estava com a escritura na mão.

MB: Isso mesmo. Lembro-me que convidei o compadre João Januário, um baluarte dessa história, pra tomarmos uma cerveja em comemoração aos documentos que eu havia conseguido. Mas, quando cheguei e vi o fogaréu, nossa cerveja virou lágrima. Comecei a chorar e a pedir força a Deus para

continuar, já que havia uma peça teatral programada para o mês de maio. Bem, perdemos tudo, inclusive a geladeira. Ficamos somente com a nossa esperança, que continua até hoje. Apesar dos pesares, temos garra e muita vontade de manter o nosso Centro Social sempre respeitado pela comunidade. Considero muito o sacerdote, respeito o nosso bispo, dom João Maria, e peço que, haja o que houver, rezem sempre por eles. São seres humanos, e, como qualquer ser humano, fracos. Eu estou fazendo o livro, não porque eu queira confete, ficar na história, mas para contar a trajetória dessa comunidade. É o povo de Cristo caminhando junto com seu líder; assim como teve Moisés, tiveram outros. Que se faça tudo, mas se questione.

CC: A senhora quer falar, dona Zizinha? Dar seu depoimento?

Zizinha: Estou pensando no Centro Social, em quando iniciei a minha barraca, que começava num canto da igreja e ia até o final dela. A senhora acredita que eu trabalhava com cinco fogões? Enquanto eu cozinhava, os outros atendiam no balcão. Pediam uma coisa, pediam outras... é porção de camarão, é isso, é aquilo. Seu Manoel era quem carregava os panelões na cabeça lá de casa até a barraca. Eu ia depois e começava a trabalhar. As pessoas já estavam esperando, e aí era só começar a vender. Imagina a loucura, o meu marido no caixa – porque ele é muito esperto –, eu no fogão e meus seis filhos no balcão, atendendo, atendendo, atendendo. Isso é que me dá saudade. Quando eram umas 10 horas e começava o bingo, meu marido me olhava e falava assim, bem baixinho:

- Quanto você acha que foi o lucro da barraca?
- Ah, eu não tenho idéia, apesar de termos vendido tudo,

as caixas estão vazias –, ele então me chamava de meu amor e me beijava.

– Está aqui fechadinho, guardado, para entregar a seu Manoel.

Era desse jeito. A gente trabalhava numa alegria que só vendo. Nem parecia que trabalhava para igreja, para Deus, parecia que a gente trabalhava para o povo, para nós mesmos. Até hoje, no meu armário, lá de casa, não entra mantimento da igreja. Se é da igreja, fica aí. A vida foi assim. Meu marido sempre foi cem por cento. Às vezes, tirava do próprio bolso para ajudar.

MB: Tem gente maliciosa que diz: “Você construiu essa casa com o dinheiro da igreja”.

Zizinha: Tudo o que meu marido fazia era no caminho dele. Ele trabalhava no terreno e vinha para ajudar. Trabalhar para a igreja, como nós fizemos, acho que não tem igual, não. A primeira Feira da Primavera, por exemplo, fomos nós que promovemos, com o seu Manoel. As duas famílias. Vendendo aqueles bichos secos.

CC: O que é bicho seco?

Piri: São comidas nordestinas secas, tipo carne-de-sol. A Feira da Primavera era temática, e um colaborador nosso trazia essas comidas, de início, do Ceará, e depois do Rio de Janeiro, da Feira de São Cristóvão.

CC: Como surgiu a Feira da Primavera?

Zizinha: Era uma festa que congregava todas as entidades ao NAC.

MB: Todas elas fazem trabalho social. Aquele que quiser participar é só se filiar. No início, muitas entidades da igreja entraram, mas, depois, alguns padres disseram não querer mais, por não fazerem parte de nenhuma comunidade. Hoje existem comunidades, como a de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Aparecida, por exemplo, que, como a de Bom Jesus, não têm mais vínculos com a Igreja Católica. Essa brecha foi ocupada por espíritas, evangélicos e outros. O NAC foi criado aqui, no Bom Jesus, quando três assistentes sociais marcaram uma reunião comigo, dona Zizinha, dona Dirce e todo o pessoal que fazia o trabalho social. Quiseram saber como agíamos e como tudo funcionava. Assim foi que Bom Jesus e outras comunidades, como a de Santa Cecília, além de entidades religiosas e não religiosas, passaram a ter o auxílio das assistentes sociais. Em uma reunião ficou decidido que seria feita uma festa para arrecadar dinheiro para as comunidades e entidades. Assim surgiu a Feira da Primavera, que todo mundo prestigia.

CC: Quem pensou na criação do Núcleo de Ação Comunitária?

MB: Isso partiu da CSN, porque aqui, em Volta Redonda, tudo o que uma entidade queria a Companhia fazia. Isso acontecia até a chegada de um diretor, bastante inteligente, que disse:

– Precisamos ensinar essas entidades a trabalhar, não é simplesmente dar as coisas para eles. A CSN não pode ser paternalista.

Vieram então as assistentes sociais da Companhia. No início não tinha diretoria, não tinha nada, eram só elas mesmo. Depois, foi instituído um grande conselho, com dois representantes de cada entidade, o conselho deliberativo, que existe até hoje. Algum tempo depois foi criada a diretoria

executiva, para trabalhar com o conselho. Criou-se também um conselho fiscal. Agora, em relação ao NAC, existe uma questão interessante, quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Ora, quem nasceu primeiro foi a Feira da Primavera. Só depois é que veio o NAC.

CC: O NAC surgiu para tomar conta do dinheiro da feira?

MB: Na realidade, a feira não dá muito dinheiro, não, porque não existe, tanto no NAC quanto nas entidades, um trabalho de profissionais. O camelô vem com uma barraquinha de um metro e arranja dinheiro; nós, com uma barraca de três metros, não conseguimos quase nada, porque não temos profissionais. O freguês chega lá e dá calote, pede uma coisa e não paga. (risos)

Rita: Tem gente da feira que usa seus conhecidos para trabalhar, pessoas que não são da comunidade ou das entidades, pessoas que não conhecem os problemas, e acabam fazendo tudo de graça. Coisa maluca.

CC: Tem alguém dá família de vocês que ainda hoje participa do Centro Social Bom Jesus?

Rita: Meu irmão está sempre aqui, além de outras pessoas, o que é muito bom, pois dá continuidade ao trabalho.

CC: Valda, você trabalhava na Diocese. Esse movimento de vocês era visto com bons olhos?

MV: Eu trabalhava na Cúria. Nesses primeiros anos, padre Eugênio, presidente ou diretor espiritual eclesiástico, era

nosso pároco, fazia parte do estatuto e nos orientava. Não havia tensão nem problemas na Cúria. Depois de alguns anos, com a mudança de padre, a tensão aumentou. Quem sempre pegou no chifre de boi, quem mais trabalhou para levar à frente tudo isso foi seu Manoel, que contou com a ajuda de todos; e tudo isso foi conseguido à custa de muita união, integração e fraternidade. Essa situação de conflito durou muitos anos, mas hoje tudo está mais calmo.

Eu me lembro que no dia de ano-novo era feita uma confraternização, mas não era para arrumar dinheiro, era para confraternizar mesmo. Todo mundo trazia seu almoço, que era dividido entre todos; uma fartura. Essa imagem de algumas festividades, de algumas confraternizações, eu tenho muito claro comigo. E é aí que a gente se vê nos atos dos apóstolos, não é? Os cristãos tinham irmãos e todos rezavam e celebravam juntos.

CC: Na verdade, as comunidades eclesiais nada mais são do que isso – a retomada do Cristianismo dos primeiros tempos.

MV: Exato, vivemos um bom tempo nessa linha de fraternidade, de partilha, de querer ver uma igreja-templo. Já haviam pedido isso, já que tínhamos estrutura para celebrar as missas de Natal junto com todas as outras comunidades, o que foi feito com ordenação. Muitas outras pessoas do lugar também participaram. Tudo era Bom Jesus, Bom Jesus, Bom Jesus.

MB: Uma coisa pela qual sempre lutamos foi pela escola. A Prefeitura não atendia à necessidade do público, dos alunos. Então, eu fiquei aqui com aquela vontade de servir, de acolher aquelas pessoas. Fiz uma reunião com a comunidade

de e, mesmo sem poder, e decidimos fazer um barraco lá nos fundos, dividido em salinhas de aula, deficientes, mas com várias professoras. Tivemos – você lembra, Valda? – um aluno de nossa escola que tirou o primeiro lugar na maratona de Volta Redonda, o Juarez. Era um menino de família muito pobre, da quarta série. Para nós foi uma gratificação muito grande, pela luta que tivemos com a escola. Avançamos muito, graças à presença de Deus.

A Valda foi uma das melhores catequistas que tivemos aqui. A catequese renovada começou na Comunidade Bom Jesus. Comprei uma televisão, um vídeo, procurei trazer a mídia para dentro da comunidade. Tivemos, assim, algumas coisas muito boas.

Cida: Eu queria falar sobre a questão das festas, das comemorações, da iniciativa de seu Manoel em fazer com que as pessoas trouxessem a comida e comessem juntas, porque o negócio dele era celebrar. Ele sempre fez isso, celebrar essa integração. Havia calor humano. Ninguém previa a separação, que veio muito mais tarde; até hoje eu ainda não entendo muito bem o que aconteceu.

MV: É. Eu me lembro que a Cida era mãe de aluno da catequese, e, no mês de agosto, estávamos trabalhando as vocações, que o pessoal achava que era somente religiosa – padre, freira, essa coisa toda –, o que, cá entre nós, acham até hoje. A Igreja nesse momento já pensava na questão do casamento – fortalecer e desenvolver a pastoral do matrimônio –, porque batismo sempre houve. Numa das reflexões, não sei se você está lembrado, foi perguntado o que se podia fazer. Para mim, o comungado precisava passar pela pastoral do matrimônio. A Cida, casada, morando aqui perto, poderia participar dessa pastoral.

Piri: Cida, como foi sua participação nesse processo? O que você desenvolveu nesta comunidade?

Cida: Eu já vinha às missas, já participava das festinhas, e, depois, da catequese dos meninos. Lembro-me que já estava casada há 16 anos; fiz um encontro de casais e houve a cobrança para participar da comunidade. Um dia, fui convidada para a pastoral do matrimônio; foi muito interessante porque, no encontro, seu Manoel chamou dona Anita, seu Geraldo e outro casal. Comecei a falar da minha experiência de casamento. Descobri depois que o outro casal era noivo. A pastoral começou assim, com uma noiva e um noivo. Os casais se reuniam, conversávamos. Cada um tinha uma tarefa. Falávamos mais da nossa experiência de vida, das dificuldades que todo casal tem, mas com a fé e com o amor que faz com que as pessoas tenham perseverança. Isso foi na década de 1980, por aí.

MB: Além da catequese, da pastoral do batismo e do matrimônio, tínhamos um grupo jovem e até uma pastoral carcerária. Tem gente que entra em duas, três pastorais, mas o certo é participar de uma única. Existem várias pastorais na comunidade, tem tido até liturgia. E já havia naquele tempo, quando era tudo junto, igreja e Centro Social. Voltando a falar sobre as festas. Toda a comunidade participava do trabalho. Com essa tentativa de unir Centro e Igreja, aqueles que aderiram à comunidade passaram a não trabalhar mais nas festas. Foi assim que algumas barracas acabaram. Ficou ainda uma delas com dona Zizinha, uma com dona Taninha, além de algumas outras distribuídas por membros que aqui permaneceram. No total, 15 barracas, número que, infelizmente, caiu mais ainda, tudo por causa da invasão de camelôs, que insistiam em participar das festas. No princípio, só

deixávamos que eles trabalhassem do lado de fora. Percebemos que outras medidas deviam ser adotadas, e foi assim que convidamos outras comunidades a participar do evento. Mas elas não se interessaram. Resolvemos assim permitir que os camelôs participassem efetivamente da festa. Eles pagavam um percentual e tomavam um pedaço de terreno pra montar suas barracas. No final, tanto eu quanto a diretoria nos cansamos de coordenar essas festas. Era muito aborrecimento, muito trabalho.

Os camelôs contribuíram muito para isso, já que, com a sua chegada, o espírito da festa mudou completamente. Por exemplo, a bebida alcoólica era o charme deles. Então eu disse: “Vamos acabar com isso”. Chamei a diretoria do Centro Social e falei: “Olha gente, por mim eu não ajudo mais nesse trabalho de festa, de coordenação. Posso colaborar, e é só. Vocês querem continuar?”. Com a negativa de todos, a festa se acabou definitivamente.

Tudo é muito confuso, mas espero que tenham entendido. O problema permanece até hoje, ainda existe muita briga. Outro dia, durante uma conversa com uma liderança da Igreja, me disseram para rezar para que o Centro Social fizesse parte dela, e eu respondi que estava rezando sim, mas para ir para o Céu. (risos)

Terezinha: São lembranças muito boas, porque, apesar das dificuldades, conseguimos chegar aonde chegamos, e hoje temos esse patrimônio lindo. Ainda me lembro das festas juninas, que duravam três semanas; seu Manoel trabalhando o dia inteiro na CSN e à noite nas festas, tudo para erguer essa igreja. Eram três semanas de festa, depois caiu para duas, por causa do número maior de participantes. Começamos a ter dificuldades para manter uma quantidade suficiente de pessoas para trabalhar, e, com isso, o tempo da festa di-

minuiu ainda mais, depois, uma semana, até que acabou, e nós não temos mais a festa.

CC: Muita gente saiu de Volta Redonda?

Terezinha: É, alguns se mudaram, ou ficaram doentes, e outros morreram.

CC: E as novas gerações partindo para outra, graças às condições que vocês deram, porque foi construída uma base.

Terezinha: Muitos que começaram com eles já se foram. Meus pais...

RA: Essa não continuidade da festa tem a ver com a separação da Igreja e do Centro Social?

MB: Um pouco, já que a festa no início era feita só com pessoas da comunidade, quando chegamos a ter 15 barracas. Aos poucos, todos foram se afastando, enquanto os camelôs continuavam forçando a barra para entrar. Nós recusamos essa nova parceria, já que a preferência era da comunidade. Mas, o afastamento dessas pessoas foi dando mais espaço aos camelôs. Comecei a fazer reuniões com eles para explicar como tudo funcionava, os riscos, a necessidade de trabalhar bem, tudo direitinho, enfim. Depois, eles começaram a se sentir os donos da festa; mal eu chegava aqui e eles pediam um pedaço, uma área de mais ou menos três metros quadrados. Diante dessa solicitação, eu terminei concordando.

– Seu Manoel, quanto é que você vai me cobrar? – perguntava um deles.

– Você dá uma ajuda aí de R\$ 100.

Outros choravam, quando não conseguiam renda suficiente. Eu chegava perto e falava:

– Olha, não precisa dar, não, porque você não teve lucro.

E ele respondia:

– É, seu Manoel, está difícil, mas vou dar uma pequena ajuda.

Alguns tentavam vender bebida alcoólica, mas nós só vendíamos cerveja. Então, começaram a vir para cá, arranjar um pedaço de terreno, armar a barraca e vender cachaça com mel; aí começou a bagunça.

– Olha, não vai dar para a gente trabalhar desse jeito – eu disse.

Eu tinha medo que esse comércio de bebida pudesse representar perigo de vida.

Reuni, então, a diretoria, há uns quatro anos, para mostrar o resultado desastroso que isso poderia acarretar.

– Não assumo mais essa responsabilidade, não tenho mais condições, vou é cuidar da minha saúde.

Resolvemos, então, parar com a festa. Quando tudo começou, o marco foi a fogueira de São João. Veio o pessoal de Niterói, muita gente montou barraquinha, o que nos ajudou a ter lucro para as obras. Depois, com o declínio da festa, tentei manter pelo menos a fogueira, que era uma tradição. Isso durou uns três anos. Para se ter uma idéia, a fogueira servia para cozinhar o alimento que era consumido. Para isso, uns traziam canjica crua, leite e outros produtos. Aí era só colocar na fogueira e fazer chocolate quente, quentão. Nosso quentão tinha gengibre, erva-cidreira, cravo, canela. Até criança tomava. Mas, em 2005, isso também acabou. Eu não podia mais participar; tive de ser internado em Juiz de Fora justamente no dia 22 de junho, às vésperas de São João, para operar a próstata. Pedi, então, a lenha para a Prefeitura:

— Gente, conservem pelo menos a nossa fogueira. — E fui embora.

Quando retornei, no dia 23, a lenha estava toda ali, mais a fogueira não tinha sido armada. Meu desânimo foi total e o do pessoal também.

Cida: Lembro-me de que seu Manoel, antes da separação, fazia a agenda do Centro Social depois de fazer a da comunidade, via as datas e prioridades do pessoal da igreja. Só depois disso as atividades do Centro eram encaixadas na agenda. Para mim era uma coisa só, depois veio essa divisão, terminando com as festas.

CC: E por quê? Fala um pouco dessa caminhada.

MV: Depois de padre Eugênio, veio outro padre, que prosseguiu com as festas até determinado momento. O Centro Social era ligado à Igreja. A modificação do estatuto enfraqueceu a Diocese. Foi o tipo de separação que não foi boa porque tudo dava certo, era tudo em comum. O enfraquecimento se deu, justamente, pela ausência da comunidade eclesial, do número menor de participantes na festa. Diminuíram as barracas, a arrecadação de prendas, enfim, toda a participação do pessoal. Com o tempo, tudo foi piorando. Tem ainda a questão financeira, e quando se fala em finanças, você já viu... O desgaste é certo. As discussões, as posições diferentes... Enfim, esse desentendimento só causou uma situação desagradável. Faltou diálogo.

CC: Da parte de quem? Da Igreja ou da comunidade?

MV: Eu acho que das duas. Quando se trata de questões que envolvem as duas partes, penso que ambas deveriam ceder para se chegar a um consenso.

CC: Quem perde é a comunidade.

MV: É, mas como havia problemas por causa de dinheiro, principalmente, a coordenação achou por bem a separação. Os questionamentos começaram com a mudança do padre que acompanhava a comunidade. O Centro teria de ser da comunidade, para atender toda a parte social. Seu Manoel criou toda uma estrutura, na qual esse trabalho social poderia ser realizado. Mas as coisas não foram bem assim. Até durante a crise, em uma reunião com um número menor de participantes, reunião essa em que a comunidade já não contribuía tanto, lembro-me que seu Manoel perguntou:

— Como vocês acham que deveria ser a festa este ano?

— Para mim, o lucro da festa deveria ser de 50% para o Centro Social e os outros 50% para a igreja — respondi.

Aí foi aprovado e deu tudo certo, mas não houve continuidade. Nessa época, eu já estava na comunidade da Vila Muri, e não pude mais acompanhar esse processo.

CC: Terezinha, como é que você vê toda essa história? Concorda com Maria Valda?

Terezinha: A análise está correta. Foi isso mesmo que aconteceu. Para todos nós, da comunidade, foi uma perda, já que não estamos mais interagindo com a Igreja. Fica até difícil estar dentro da comunidade e ter de explicar que não faz mais parte dela. Fica muito desagradável. As pessoas ainda nos perguntam o porquê.

RA: É uma separação só de atividades?

Terezinha: A Igreja não está mais interagindo com o Centro Social, é isso.

RA: Interagir é uma coisa, outra, é o prédio ser da Igreja. O Centro Social não seria da Igreja, é isso? Sempre foi assim, não é?

Piri: Na verdade, as duas entidades tinham estatutos diferentes, embora as mesmas pessoas estivessem presentes em ambas. Juridicamente eram separados, mas quem trabalhava na Igreja trabalhava também no Centro Social, onde havia pessoas de outras religiões. A partir do momento em que houve a mudança de padre, mudou também a ideologia, a orientação. Parte desse povo deixou de frequentar o Centro, outros, de frequentar a Igreja. Poucos ainda vão aos dois lugares.

Terezinha: Além dessa mudança de padres, houve também a questão de pessoas mal informadas, que não aceitavam algumas regras, principalmente os mais jovens, sendo este um dos motivos da separação. Quer dizer, os antigos sabiam como tudo funcionava, já essa nova geração... padre novo...

CC: Os novos padres passaram a questionar a atuação do Centro Social. Tudo se resume ao fato de os padres não aceitarem a entrada dos camelôs nas festas e a venda de cachaça, por exemplo? Ou havia algo, além disso? Quais são as reais razões dessa ruptura?

Piri: Entrar na comunidade sempre foi por intermédio da Igreja. Assim sendo, surgiu, dentro da própria instituição, um movimento para criação do Centro Social. A partir do momento em que diminuiu a mão-de-obra para tocar as festas, deu-se a abertura para os camelôs.

CC: E por que diminuiu a mão-de-obra?

Terezinha: Porque a Igreja não tinha tanto interesse na festa. As pessoas envolvidas, que queriam trabalhar mesmo, se voltaram mais para dentro da Igreja, não querendo trabalhar fora dela.

CC: Seria outro momento da comunidade, mais voltado para a religiosidade, ficando a questão social em segundo plano. Podemos reforçar essa idéia pelo enfraquecimento da comunidade eclesial, já que ela não é somente religiosidade.

MV: Aceitar o que os camelôs, por exemplo, faziam pelas festas, foi uma maneira de a comunidade sobreviver. Mas eu acho que a questão principal não foi essa, a questão era ideológica. Havia ainda o problema da chegada de novos padres, que questionavam o estatuto, que queriam se aposentar do Centro Social.

CC: E que queriam que os recursos fossem todos para a Igreja.

MV: Queriam tornar o Centro um órgão da Igreja, tirando a sua independência. Foi a partir daí que começaram todas as tensões, culminando nesse desentendimento. Cada padre que chegava radicalizava mais, e o estatuto foi se distanciando dos seus principais objetivos. Aliás, como não tenho vindo por aqui, nem sabia que não estava tendo festa.

CC: A postura do padre também mudou. E por que isso não foi levado então à autoridade diocesana?

MV: Porque é da competência do padre resolver essas questões. Não precisa necessariamente chegar ao bispo. O padre tem autonomia, por intermédio do conselho, de tomar algumas decisões. Nesse caso poderia até chegar lá, se houvesse vontade de avançar em busca do resgate daquele passado, mas nada aconteceu. Haja visto que houve tentativa de mudança até do nome do padroeiro da igreja, de “Bom Jesus” para “Bom Pastor”. Eu, inclusive, participei dessa conversa. Falei que achava perda de tempo querer mudar uma coisa que está na raiz, afinal, raiz não se muda. Seja qual for o nome que se queira dar, permanecerá Bom Jesus para todos, eternamente. Não é o nome do padroeiro que tem de mudar. Existe uma farmácia com o nome de Bom Jesus, como mudar isso? Esse vínculo social com o Centro não se acaba. Por isso, continuo afirmando que não é o nome que tem de mudar, mas a caminhada.

RA: Eles chegaram a falar sobre isso publicamente, nas missas?

MB: Falavam, sim. A comunidade se organizou e foi feito um manifesto, um abaixo-assinado com mil e tantas páginas, levado a dom João, nosso atual bispo, mas de nada adiantou.

Piri: Essas questões estão criando animosidade entre pessoas do lugar, problemas pessoais mesmo. Algumas não estão sequer se falando; quem pertence à igreja não fala com quem pertence ao Centro Social.

CC: Mas são exceções, não é? Terezinha, você ainda frequenta os dois lugares, a Igreja e o Centro?

Terezinha: Não. Já tentei várias vezes estar na Igreja, mas tinha a impressão de que estava incomodando, e acabava saindo. Ia, mas não participava.

CC: Quer dizer, você pode freqüentar a Igreja, assistir às missas, o que não significa participar, por exemplo, das pastorais.

Terezinha: Até estive recentemente por lá. Fiquei por quatro anos como presidente do Centro Social, e essa situação me incomodou muito, e, talvez por isso, me sentisse rejeitada, pouco aceita.

CC: Então aquele grupo fundador migrou para o Centro Social?

Terezinha: Não, está diversificado, não é mais somente o pessoal de antes.

CC: Essa diversificação foi causada pela adesão de gente nova?

Piri: Do grupo fundador, todos ficaram no Centro Social. A participação na Igreja é agora pura e simplesmente um ato religioso. Ninguém mais faz parte da diretoria ou de qualquer pastoral.

MV: Existe também outra questão relevante para todos nós. Seu Manoel é nosso ponto de referência. Em qualquer lugar que estejamos, há sempre alguém que liga o fato de morarmos na Comunidade Bom Jesus com a sua pessoa. Por isso, ele é a nossa referência.

CC: E isso incomoda?

MV: Muito. Falar em seu Manoel sempre causa problemas. Então, a gente fica quieta para não se aborrecer.

CC: Os padres tinham ciúme? Achavam que havia uma competição entre a pessoa de seu Manoel e a autoridade eclesial?

MV: Pois é, apesar do respeito que toda a comunidade tem pelo padre, acaba buscando seu Manoel.

CC: Até pela proximidade, imagino. Seu Manoel está mais aqui.

MV: Todas as necessidades do pessoal, como batizado, problemas de moradia, falta de comida, enfim, todos procuravam seu Manoel.

CC: Seu João, o senhor está querendo falar?

JB: Eu estava querendo, mas não tem vaga. (risos) Em relação ao Centro Social, quando seu Manoel quis comprar o terreno – nós sempre fizemos parte da comissão –, nos reunimos no barraco atrás da igreja para conversar. Seu Manoel falou que o homem queria vender o lote por Cr\$ 5 mil, à vista. Como não tínhamos capital, seu Manoel teve de dar um jeito. Estava difícil! Ele procurou padre Eugênio, pegou emprestado o dinheiro, comprou à vista e ficou quieto. Um dia, durante uma reunião, ele alertou sobre o pagamento do terreno.

– Ué, mas não foi comprado à vista? E que prestações são essas?

Alguém desconfia o que seu Manoel respondeu?

– Foi comprado à vista – ele retrucou –, mas ficamos devendo. Agora precisamos pagar.

Foi isso o que aconteceu. Depois surgiu o Centro Social. Ah! Gostaria de falar sobre a iluminação da igreja. Isso deu muito trabalho. O sujeito da Light falou que para botar luz tinha de ter um testa-de-ferro, senão não daria. Na dúvida, eu perguntei o que seria um testa-de-ferro? E ele me explicou que teria de ter alguém que assumisse aquele compromisso. Começamos, então, a lutar por aquilo. Fomos para lá e para cá, mas não tinha jeito de botar a luz. O pessoal da topografia veio para ver onde colocar os postes, para fazer a medição. Um dos funcionários, que era colega meu, disse que estávamos perdendo tempo, que não haveria luz ali.

– Mas por que vocês colocam luz no Retiro e aqui, que as ruas estão muito mais bem cuidadas, não é possível?

– Ah, é porque tem de pagar primeiro para chegar a luz. Não vai entrar luz sem dinheiro, não.

Fiz o requerimento na Prefeitura. Lá, encontrei outro colega, conversei com ele, que me informou que no Retiro era diferente, era de cima para baixo. Conhecemos depois outra pessoa que tinha um tio aqui, funcionário da rádio de Volta Redonda, e muito amigo de um chefe da Light, que morava em Barra do Piraí. Depois de um tempo, ele veio até aqui e disse que conseguiria a luz, mas teríamos de esperar, pois havia outros lugares na frente. Logo que o trabalho em Rio Claro terminasse, seria a nossa vez. Assim conseguimos finalmente colocar luz aqui.

Seu Manoel foi o tal testa-de-ferro. Os homens passavam aqui e ele tinha de dar dinheiro para eles. Os outros ajudaram, claro, todos ajudaram. Portanto, se não fosse o sacrifício do povo e de seu Manoel, que lutaram e enfrentaram tudo e todos, não existiria essa igreja.

MB: Estamos muito satisfeitos com o seu depoimento, principalmente eu. Se o senhor e também a Terezinha não tivessem vindo aqui, esse livro ficaria incompleto. São realmente os fundadores, participaram desde o início até agora. Precisamos encerrar esta conversa, já que as meninas que vieram aqui precisam voltar para o Rio e não podem chegar muito tarde, porque os namorados vão ficar bravos. (risos)

JB: E tem uma coisa, quem acompanhou os tratores na preparação desse terreno para a construção da igreja fui eu, o tempo todo.

MB: O senhor contou a minha história, mas eu não teria feito nada sem vocês.

JB: Então, estou satisfeito, graças a Deus.

CC: Terezinha, fale do Centro Social. A senhora foi presidente, inclusive.

Terezinha: Quando entrei para o Centro fui direto para a diretoria, junto de seu Manoel. Foram ao todo duas vezes. Depois, ele precisou se afastar por motivo de doença, e, sem a sua presença, vivemos tempos difíceis. Quem assumiria? Na época, eu tinha acabado de ser operada de um aneurisma cerebral, mas, mesmo assim, depois de um ano da cirurgia, assumi a diretoria do Centro. Foi na coragem. Isso tudo aconteceu em 2004. Terminei meu segundo mandato agora, no final de 2007.

CC: Seu Manoel, o senhor foi presidente durante quanto tempo?

MB: Com algumas interrupções, foram 36 anos.

CC: Considerando que cada eleição é realizada de dois em dois anos, foram então uns 15 ou 16 mandatos. Sempre como presidente?

MB: Sempre como presidente. O pessoal não aceitava outra opção. É isso que seu João falou. Uma vez testa-de-ferro, testa-de-ferro sempre.

MV: O que mudava era a diretoria, não é? O vice-presidente mudava, mudava tesoureiro, mudava secretária, a gente ia mudando de cadeira.

CC: E como é que vocês sentiram a separação da Igreja? Foi traumático?

MV: É, foi bem forte. É uma tristeza, um sentimento que dói, que machuca. Mas, usar o termo trauma é muito pesado. É tão-somente um sentimento, algo que não desejávamos que tivesse acontecido. Até mesmo pela posição de seu Manoel; gostaríamos muito que ele tivesse o mesmo acesso de antes. Hoje em dia, ele é uma pessoa comum, sem qualquer participação, sentada no último banco da igreja. Tudo isso machuca muito. Agora, além de todos esses problemas, ele não está mais atuando também por causa da saúde. Isso desmotivou as pessoas. Se hoje temos o que temos, como foi dito pelo seu João, devemos a seu Manoel, que ergueu a comunidade, com a fé que ele tem em Deus.

Terezinha: Foi por intermédio dele que comecei a participar. Foi ele que incentivou a leitura e tudo o que veio de-

pois. Fui coordenadora de comunidade um bom tempo, à frente do movimento, dentro da área regional. E hoje eu estou parada também. A gente indiretamente sente a coisa.

CC: E o Centro Social hoje? Quais são as suas perspectivas?

Terezinha: São ótimas. Nosso trabalho é muito bom, a gente continua mantendo o que seu Manoel idealizou; o atendimento às famílias carentes está sendo respeitado. Continuamos batalhando por esta comunidade, realizando as campanhas que ele fazia, tudo isso continua, não abolimos nada.

CC: Só acabou mesmo a festa de São João.

Terezinha: Só acabou a festa. Mas o Centro Social sempre esteve de portas abertas.

MB: As pessoas procuram o Centro, e se a Igreja, em qualquer momento, precisar de espaço, ele é cedido. É, portanto, uma situação que não conseguimos entender. Nós temos o padre Normando em Niterói, o que é uma benção. Ele está trazendo as crianças, o grupo de música, para se apresentar aqui. E as comunidades participam. Padre Normando está sempre junto da gente. Durante a minha administração, ele ligava pedindo espaço, e cedíamos. Ele trazia o pessoal todo, as crianças com teclado e flauta, outros faziam teatro e por aí vai. Tudo isso feito aqui, em Bom Jesus, e na igreja de Niterói.

CC: Quem celebra em Bom Jesus? É o padre Normando?

MV: Padre Bernardo.

JB: Padre Normando está em Niterói? Não gosto muito de falar sobre esse assunto, mas ele não vai muito com a minha fachada, não. Um dia, falou besteira para mim, ali, na porta da igreja. Perguntou-me se eu tinha certeza de que Deus era homem. Eu falei que não tinha condições de discutir com um padre, imaginem, um leigo discutir com um padre assuntos religiosos. Agora, se Deus fez o homem a sua imagem, se Deus é pai... Ora, se é pai, é homem. Depois me desculpei com ele, mas falei que homem que não gosta de mulher é um desafortunado. Ele não gostou muito quando eu disse isso. (risos)

MB: Selma, não quer falar? A Selma foi a primeira rainha daqui por dois anos.

JB: Com muita honra fui o pai da primeira rainha.

RA: Seu João vendeu todos os votos para eleger a filha...

JB: Não, foram os outros que ajudaram mesmo. Minha filha não era disso, mas seu Manoel perguntou se ela podia participar como candidata à rainha. E outra coisa: padre Eugênio, Deus o tenha em bom lugar, nunca veio em dia de festa; quando apareceu, ficou fora da igreja por cinco minutos, para desagradar o povo, e ainda cobrou 5% da renda. Quem acompanhava as procissões era padre Bueno.

CC: Como era essa eleição?

Selma: Seu Manoel nos dava os blocos para vender e o dinheiro arrecadado servia para ajudar na construção da igreja.

CC: Havia várias candidatas?

Selma: Sim. Depois de ganhar por dois anos, resolvi dar oportunidade para que outras ganhassem também.

JB: O total arrecadado foi de Cr\$ 84, sendo 5% para o padre e o resto para a construção da igreja. Fui perguntar a um padre lá do Jardim Paraíba se poderíamos não dar os 5% para a Igreja. Eu queria ver o estatuto, afinal, se ainda não havia igreja, mas somente um terreno... E, ainda assim, padre Eugênio tirou os tais 5%.

MB: Havia um regulamento na Igreja que estabelecia que tudo o que fosse arrecadado em qualquer atividade deveria ser dividido em partes para a Cúria, a Diocese e a paróquia. Cinquenta por cento ficavam para as ações a serem desenvolvidas na comunidade, 20% eram destinados aos pobres, 10% para a catequese, mais 10% para a missa e os 10% restantes para a administração eclesiástica.

JB: É, mas ainda não tinha igreja. (risos)

MV: As primeiras festas juninas tinham essa novidade de concurso de rainha. Isso durou um bom tempo e dava muito dinheiro porque as moças se lançavam todas querendo ganhar. Depois, virou um concurso infantil, e as mães tinham o maior interesse que suas filhas vencessem o concurso das bonecas. Então, por um bom tempo, tudo era muito animado, movimentado e interessante.

CC: E como surgiam todas essas idéias?

MV: Antes de a festa acontecer, muitas reuniões já haviam sido feitas, tudo era muito discutido.

CC: Havia muita divergência, conflitos, ou todos se entendiam?

MV: Que eu me lembre, do que eu participei não havia muita divergência, não. Ninguém nunca foi contra o concurso de rainha, concurso de boneca, bingo, leilão, barracas tradicionais de comes e bebes, o que era comum em todos as festas juninas. Não havia divergência. Difícil era conseguir gente para trabalhar nas barracas, ser responsável por elas. Dava muito trabalho. Uma barraca de churrasco, outra de pastel (a Irany cuidava da barraca do pastel) e muitos outros. Não é brincadeira! Surgiram mais à frente coisas novas, como a batida do Baiano. Por último, pizza frita, novidade que eu trouxe de Niterói e que permanece até hoje. Quando começou era uma coisa de louco; todo mundo queria comer. Era um movimento arrasador. O resto era o comum: pescaria, pipoca, maçã do amor. Então, não havia divergência, o que havia era dificuldade de se estabelecer quem coordenaria o quê, porque eram muitas noites, 15 dias de festa. Quando acabava a de Niterói, começava a daqui. Era mais de um mês de festa.

MB: Gostaria muito de ouvir o que Terezinha tem a dizer, mas, por causa do pouco tempo que nos resta, teremos de ouvir primeiro dom Waldir. Mas eu quero agradecer muito a você por ter vindo, ter saído de perto de sua família justamente durante o ponto alto da festividade, parabenizar pelo seu trabalho, pela sua luta.

Piri: Não bastasse esta, ela está fundando outra comunidade.

MB: Lá para o lado de Vassouras. Então é garra, é luta.

MV: Mas você está morando lá?

Terezinha: Estou, sim. Aprendi tanto aqui que comecei a participar das atividades da igreja de Vassouras. Estou na associação de moradores, como secretária, e sou vice-presidente do Centro de Ações Comunitárias. Quando cheguei aqui, em Volta Redonda, encontrei muita criança perdida, solta. Em Vassouras, a Prefeitura já está se mobilizando para dar às suas crianças uma ocupação. Para isso, já temos um espaço, onde iniciamos um trabalho diário, com atividades de culinária, bordado etc., tudo em horário compatível com a escola. Entrei como orientadora educacional nessa área. Tudo isso eu herdei dele, de seu Manoel.

MB: Respondendo a sua pergunta anterior sobre as divergências, é claro que em um grupo grande de pessoas, isso sempre existe. O importante é saber caminhar com elas. É igual à questão da Igreja. Esses outros padres que chegaram depois de padre Eugênio não vieram para somar, mas para dividir. Por esses dias fui conversar com padre Bernardo sobre o livro, e ele disse:

— Eu quero é que você reze para o Centro Social ser da Igreja.

— Padre, o senhor ainda está pensando nisso? Será que não poderíamos estar trabalhando do mesmo jeito de antes?

Todos os eventos, reuniões, assembléias, cursos para noivos, vão para a igreja, e o Centro continua fechado. Por exemplo, o curso para noivos é realizado num lugar apertado, não tem nem onde se fazer comida. Imagine que nós chegamos até a fazer a refeição dos noivos quando havia curso, era uma coisa maravilhosa! Fico sentido por isso. Hoje cheguei aqui, na varanda, e pensei: “Meu Deus, quem dera que pudéssemos de vez em quando sentar aqui na rua, botar

uma mesa e confraternizar”. A confraternização faz parte de nossa caminhada religiosa. A Cida sabe muito bem que nós temos um encontro do ofício divino toda quarta-feira, e eu não sei ir para lá sem levar uma garrafinha de chocolate e um biscoitinho, uma coisa à toa. De vez em quando levo até café da manhã, não é, Cida?

MV: Onde tem seu Manoel tem comida. (risos)

Cida: Quando vai chegando perto do aniversário de alguém, eu já tenho tudo combinado com seu Manoel. Preparamos o bolo enquanto esperamos a pessoa chegar, para então cantar parabéns. Já é tradição.

MB: Vamos aproveitar esse bolo e cantar parabéns logo.

WT: Para encerrar esse assunto, gostaria de contar que seu Manoel fazia, todo o fim de ano, um jantar de confraternização para todos os fundadores do Centro Social. Enquanto ele estava lá, eu era sempre convidado, juntamente com minha família. Agora já não sei. Hoje em dia parecem ter esquecido de mim, que já estou com 83 anos. Mas tenho de agradecer ao Manoel, que me convidava; temos uma admiração enorme um pelo outro.

Rita: Quero agradecer a grande oportunidade de poder falar do nosso Centro.

RA: Fiquei muito emocionada com a história bonita daqui.

MB: Meu momento está acertado com o futuro. Passamos nosso trabalho para outros, mas essas pessoas têm seu

jeito de trabalhar. Não quero dizer que estejam errando, mas não vão apagar o que foi feito no início, porque é fruto de muito trabalho. Não acredito que seremos esquecidos. Uma coisa pela qual eu tenho muito respeito é o ser humano, seja ele quem for, dom Waldir, padre Bernardo, um pedinte. Não estou mais no Centro Social ou na igreja, mas não tem aquele que bata aqui e não receba a mão amiga de seu Manoel. Como não posso atender financeiramente ou com alimentos, ensino aonde ir, a quem pedir.

Rita: Até ouvir os problemas, não é, seu Manoel?

MB: Eu gostaria de lhe dizer, Rita, que você ainda faz parte desse nosso trabalho. Você não foi esquecida. Assim como todos os outros, você é peça fundamental dessa engrenagem.

JB: Gostaria de deixar registrado que, se não fosse seu Manoel, essa igreja não existiria. E não estou areando a camba, não, porque ele não precisa disso, tampouco eu.

JL: Quase todas as comunidades tem um bom trabalho. Algumas mais, outras menos. A única que ficou um pouco atrás foi a da Califórnia. Já a Comunidade de Bom Jesus é diferente das demais graças ao trabalho e à dedicação de Manoel Benedito e sua equipe. Destaco a construção da igreja. De todas, a mais bonita é esta aqui.

WT: Acho muito importante contar a história da nossa comunidade. Não esperava que isso fosse acontecer, achei que tinham nos esquecido. Quando soube desse encontro, fiquei muito feliz. Muito obrigado a todos e que Deus proteja vocês e meu compadre Manoel Benedito.

2.4 - O Construtor

Francisco de Paula: Meu nome é Francisco de Paula Almeida, nasci em 15 de junho de 1930, na cidade de Cabo da Cachoeira, que na época era município de Lavras, Minas Gerais. Estou fazendo 78 anos. Vim para Volta Redonda em 1950, 27 de outubro de 1950 para ser mais exato. Graças a Deus me dei muito bem por aqui.

CC: O senhor trabalhou para a CSN?

FP: Não. Sempre trabalhei por conta própria.

RA: O que é que o senhor achou da cidade, quando chegou?

FP: Quando cheguei a Volta Redonda, a cidade era toda de madeira. Em 1950, a única obra que havia pronta eram as casas do laranjal, onde ficavam os engenheiros e os médicos, além das Lojas Americanas e do Bela Vista. E estavam iniciando as casas da vila. A construção da igreja ainda não havia começado.

RA: O senhor já era construtor na sua cidade?

FP: Na minha cidade eu era pedreiro. Comecei a trabalhar com 16 anos. Como servente, comecei com menos de dez. Na lavoura, onde nasci, já trabalhava aos seis anos – não me esqueço disso. Meu pai pegava uma enxada pequena e eu ia para a roça com ele. Por aí começou a minha luta.

Quando vim para Volta Redonda, trabalhei como pedreiro durante uma boa temporada, até que um dia fui obrigado a trabalhar por conta própria. Foi nessa época, durante a cons-

trução da parte nova do hospital da Siderúrgica 12, que eu me tornei encarregado. Eu era pedreiro, mas tinha muito conhecimento sobre a obra, por isso assumi esta função. Fiquei responsável pelos desenhos, porque o encarregado daquela época, não gostaria de citar seu nome, não entendia de desenho, que era um serviço especial. Assim é que fui requisitado para cuidar dessas coisas.

Piri: Não o contrataram?

FP: Ih!... muitas vezes. Chegaram a levar minha carteira para assinar. Naquela época, a Siderúrgica tinha muitos dirigentes militares, e o diretor industrial chamava-se major Querense. Caí nas graças desse major, que gostou muito do meu trabalho. Ele foi à minha casa duas vezes com o intuito de me colocar na Companhia. E eu acabei indo até lá. Ao chegar, fui acompanhado por uma pessoa que me mostrou todos os departamentos, mas eu não consegui achar uma vaga para mim. Todo lugar em que eu chegava, ou era muito quente ou tinha um forte cheiro de gás. Na minha área, de pedreiro, o pessoal trabalhava naqueles fornos, e as pessoas saíam queimadas. “Olha, não dá para mim não”, falei. Agradei muito ao major, mas achei o serviço perigoso, e eu tinha medo de prejudicar a minha saúde. Resultado: não fiquei na Companhia por causa disso, mas fui muito cogitado.

CC: E o senhor tinha segurança de que não faltaria trabalho?

FP: Tinha sim, graças a Deus. Eu era sempre muito convidado para trabalhar; eu trabalhava muito. Até que conheci seu Manoel, que eu sempre chamei de tio Manoel. Éramos vizinhos lá na Treze de Maio, e ele trabalhava na Companhia.

Nosso contato se dava sempre durante as tardes. Ele tinha um barzinho, e era lá que a gente se encontrava. Ficamos amigos e nossas famílias foram crescendo juntas. Seu Manoel morava no lugar mais baixo do bairro, e, sempre que chovia forte, eu vinha correndo do meu trabalho para ajudar com os seus móveis, que já estavam boiando por causa da enchente.

CC: Foi numa dessas que Irany pegou as coisas e saiu.

FP: Aconteceu o seguinte: seu Manoel necessitava construir em outro lugar porque, como já contei, sempre que chovia, sua casa enchia. E eu sempre que podia, ajudava. Como ele sabia que eu era pedreiro, seu Manoel falou comigo sobre sua intenção de construir outra casa. E eu vim ajudar, com o maior prazer, e trouxe comigo toda a turma com quem eu já trabalhava. Assim começamos a nova casa de seu Manoel, em 1968. A dificuldade foi grande, afinal, o dinheiro era pouco, mas, no final, conseguimos. Eu, inclusive, fiz um financiamento para contribuir com a compra do material.

MB: Seu Luís Guimarães fez a planta, o senhor se lembra?

FP: Sim.

CC: Mas o senhor já tinha trabalhado na construção da igreja?

FP: Não, a igreja veio depois. Quando começamos a trabalhar na parte da igreja, era seu Manoel que dirigia os trabalhos. Fomos fazer o muro onde havia a capelinha, que era de tábuas. Na verdade, ajudei pouco nessa obra, o que eu peguei mesmo foi a igreja. Seu Manoel me mostrou o

desenho, se virou como pôde para arrumar dinheiro, eu e Deus somos testemunhas do que aconteceu. Este homem aqui lutou muito para construir essa igreja, só quem não viu é que não sabe. Eu, da minha parte, ajudei o máximo possível, cooperando, ajudando a não desperdiçar material.

CC: Quanto tempo levou para construir a igreja?

FP: Certinho, eu não lembro, não, mais ou menos uns cinco meses, seu Manoel?

MB: Não, foi mais. Não sei se você se lembra, nós fizemos por etapa. Primeiro, a base, que consumiu muito dinheiro. Depois, seu Francisco pegou a empreitada das paredes.

FP: É isso mesmo, foi por etapas, não fizemos direto.

MB: Depois, cobrimos a igreja, e aí o senhor fez o emboço e o acabamento. Mas a igreja mesmo, seu Francisco, eu acho que ela levou bem uns três anos, talvez mais.

FP: É porque a obra era muito grande, muito cara e sem recursos próprios. Tinha de catar aqui e ali. Foi difícil, mas Deus ajudou.

MB: Seu Francisco sempre financiava, não é? E ele sempre teve facilidade, porque trabalhava um pouco para a igreja, um pouco fora, para arrumar dinheiro para pagar os operários. Então, ele financiava.

FP: Todas as obras que eu fiz aqui eu financiei. Quase todas elas, inclusive o Centro Social.

CC: Sim, e o Centro Social, como é que foi?

FP: Começamos pela base. Nossa, que base difícil de fazer, porque o terreno tinha muito declive, os pilares com quatro, cinco metros de fundura, para deixar firme. E haja dinheiro, haja material.

Eu nunca fui de economizar material, porque a obra tem de ser segura. E seu Manoel sempre na mesma luta, fazendo bingo, indo ao comércio para conversar com o pessoal. Eu sei que, quando voltava, o material estava sempre em dia. Foram diversas etapas. O Centro Social foi construído, eu acho, em quatro etapas. Fizemos primeiramente o salão, depois, a segunda parte, e mais adiante fiz um acréscimo na frente, para dar mais espaço para o salão. Peguei então o desenho e disse:

– Seu Manoel, vou fazer uma alteração no desenho.

Ele sempre confiou muito em mim. Fiz o cálculo e dei 80 centímetros de obra para dentro da rua por minha conta, quer dizer, 80 centímetros vezes 12 metros, deu uma metade ótima. Este serviço eu dei de graça para o Centro Social. Este acréscimo teve de ser muito reforçado, porque uma obra alta e estreitinha dilata muito. Mesmo que não seja grande, qualquer obra emendada dá dilatação. É muito difícil não dar. Mas eu segurei muito na base, além de o terreno da frente ser muito bom. Mesmo com a turma dançando, com acréscimo de peso, música (porque o som abala), mesmo assim, eu chego lá e é uma das primeiras coisas que eu vou ver: tem dilatação? Não tem.

JS: Onde o senhor aprendeu tudo isso? Porque logo que chegou aqui o senhor já estava sendo requisitado.

FP: Até hoje eu acredito muito em Deus. Até hoje eu acredito que existe uma mão divina me ajudando nessa parte. Porque eu não tenho estudo, tinha de trabalhar muito com o meu pai. Quando ele adoeceu, tive de tomar conta das coisas de casa, então, adeus colégio. Mas Deus me deu inteligência, porque aprendi a fazer desenho sozinho. Eu nunca tive ninguém para dizer como é que se faz. Ninguém. E outra coisa, calcular. Calcular um desenho não é muito fácil, não. Calcular todo o material, evitando o desperdício, não é para qualquer um. O cálculo não é certinho, certinho. Se você calcula a ferragem de uma obra, ou vai sobrar uns pedacinhos ou vai faltar. Mas tem que ser aproximado, pois se a pessoa erra muito é porque não sabe calcular. Confesso que existem algumas contas que entram no desenho que eu não sabia fazer. Mas mesmo assim eu fazia, de outra maneira, e acabava dando certo, e dá certo até hoje. Nunca estraguei nada, nunca erreí orçamento de ninguém. E eu fiz muita obra.

Gostaria de falar de outro assunto. Mais ou menos em 1953, os tratores estavam cortando a rua do Retiro, para formar o bairro de mesmo nome. Fui requisitado para fazer uma casa naquele bairro, que seria a primeira casa do lugar. A gente vinha beirando o rio, à pé, porque não tinha estrada ainda. Essa casa, pertinho do Colégio João XXIII, era de um alemão, chefe da Companhia. Hoje eu olho para mim e olho para o Retiro, para o tamanho do bairro, para o progresso. Se eu contar que fiz aquela primeira casa é capaz do pessoal nem acreditar. Então, foram muitas obras, a ponto de não saber mais, hoje em dia, quantas foram. Perdi a conta. Quando comecei a trabalhar de pedreiro eu tinha 16 anos e aí nunca mais parei. Progredi e acabei virando construtor, aqui, em Volta Redonda.

CC: Como é que foi essa virada? A pessoa olha, olha, olha, e um dia descobre que sabe fazer aquilo?

FP: Essa virada foi muito boa, graças a Deus. Se eu conseguisse voltar no tempo, eu queria ser pedreiro de novo.

CC: Além de construtor o senhor também era membro dessa comunidade. Então, como é que foi a sua participação? Conta para a gente.

FP: Participava com o meu trabalho até ser convidado a fazer parte do Centro Social Bom Jesus, onde continuo ainda hoje. Todos os domingos venho para o Centro ajudar, trabalhar, dançar. Eu sou um pé-de-valsa. (risos) Adoro dançar. Danço seis vezes por semana e só descanso na segunda-feira, porque não gosto muito dos bailes desse dia – só tem jovens dentro do Umuarama, estudantes. Fui lá umas duas vezes, mas não me dei muito bem, porque a gente tem de reconhecer o nosso lugar. Se eu sou idoso...

RA: Em que lugares o senhor dança?

FP: No Aeroclube, às terças-feiras. Quartas-feiras em Barra Mansa, no Ilha Clube, nas quintas eu danço no Náutico, e às sextas-feiras não existem lugares programados, mas sempre vou a algum.

CC: O senhor é casado?

FP: Sou. Graças a Deus tenho cinqüenta anos de casado.

CC: E o senhor costuma levar sua esposa para dançar?

FP: Enquanto ela agüentava, sim. O problema é que no ano passado ela, infelizmente, sofreu um derrame. Mas, mesmo antes da doença, ela não ia mais. Ficou idosa, perdeu o entusiasmo.

Piri: Também... seis vezes na semana... (risos)

CC: Não tem quem agüente.

FP: Mas ela nunca me impediu de ir, porque eu gosto de dançar muito. Dancei durante toda a minha vida. Eu só sei dançar. (risos) Eu não sei jogar sinuca, eu não sei jogar no bicho, não sei jogar nada. Vejo meus colegas de idade na pracinha jogando, mas... a única coisa que eu sei é dançar. É trabalhar e dançar.

RA: O senhor ainda está construindo casas?

FP: Continuo trabalhando, sim.

CC: Para quem dança seis vezes por semana, uma obra é bobagem. (risos)

MB: Seu Francisco, nunca vi o senhor andando de bicicleta; o senhor não anda, não?

FP: Ando. A nossa condução em Volta Redonda era bicicleta. Fiz uma casa para mim carregando material na bicicleta, menos as lajotas.

CC: E nas festas do Centro Social, como é que o senhor participava, além de dançar, claro? Sua mulher participava também, com barraca?

FP: Não, ela nunca gostou.

CC: Mas os dois casais sempre se deram, não é?

FP: Sempre. Nossos filhos foram criados juntos. Muita amizade, graças a Deus. Eu sempre gostei muito de festa, de trabalhar, de participar, de dançar, isso é comigo mesmo. É por isso que até hoje eu participo no Centro Social, todos os domingos.

CC: Como o senhor viu a separação entre o Centro Social e a Igreja?

FP: Sinto muito, mas não estou bem informado sobre este assunto e não sei o que falar. Como não tenho cultura suficiente, sempre fujo de determinados assuntos, porque a gente pode, sem querer, não se pronunciar direito, as pessoas podem levar a mal. Por isso nunca participei muito dessas discussões. Fico sabendo por fora, porque as pessoas comentam muitas coisas, e algumas dessas coisas, mesmo sem participar, a gente não gosta de ver. Por exemplo, toda a vida eu me dei muito bem com seu Manoel, eu quero tudo de melhor para ele, então, eu não me sentia bem em participar desse assunto, o da separação. No meu pensar, ele estava sendo discriminado pela Igreja, e isso não podia acontecer, porque ele trabalhou muito por ela, ele é o fundador, o criador. Ele, para mim, não deveria estar fora da direção da igreja, porque foi ele quem construiu tanto a igreja como o Centro Social. As pessoas que chegaram depois, às vezes, são as que criam os problemas. A minha opinião é que o pessoal deveria conversar. É conversando que a gente se entende, não é o que dizem por aí? O problema poderia acabar e ficaria tudo

bem. Mas, infelizmente, chegou a esse ponto, e eu não sei explicar bem as causas, só lamentei o que estava acontecendo com seu Manoel.

MB: Seu Francisco sempre teve uma grande virtude. Por causa disso, sempre andamos lado a lado. Quem administrou o Centro Social, as obras, a igreja, fomos nós dois. Ele assinou a planta. Trocava idéias sobre a obra, a compra de vergalhão, se põe mais ou menos vergalhão, enfim, tudo relacionado ao material. Como ele mesmo falou, sempre aproveitamos tudo o que estivesse disponível, tanto na igreja quanto no Centro Social. Na minha casa, que ele também construiu, foi a mesma coisa.

FP: Eu me acostumei a ajudar as pessoas nessa parte, pois existe muita gente que não valoriza o material que está sendo comprado, desperdiçando ou jogando fora. Eu não faço isso, não aceito mesmo. E sempre passo isso para as pessoas que trabalham comigo.

MB: É importante que se diga que uma grande virtude de seu Francisco foi ajudar as pessoas de baixa renda a fazerem suas casas. Se a empreitada vai ficar, por exemplo, por dez reais, ele sugere que se divida isso em dez partes. Ele fazia e ainda faz isso. E foi esse o meu caso, na época em que fiz minha casa. Para seu Francisco o problema teria de ser resolvido de qualquer maneira e eu fui lhe pagando de acordo com as minhas possibilidades. Legal, né! E não é só comigo. Seu Francisco faz isso com todo mundo, ajuda muita gente.

FP: Realmente, sempre fiz casa financiada para muita gente.

CC: O senhor continua morando na Treze de Maio?

FP: Não. Já moro há 36 anos em Jardim Amália. Mas o meu bairro é aqui. Eu não saio do Retiro. Trabalho e tenho muitas amizades por aqui. Mas, voltando ao assunto da igreja, lembro-me de que, certa vez, seu Manoel me chamou para construir uma sala em cima de outra, que servia para a catequese, desde que esse novo espaço não modificasse em nada o tamanho da igreja.

Fui até lá e vi que a empreitada seria perfeitamente possível, dentro dos padrões que me foram pedidos. Fiz os cálculos de modo a fazer o menor número de colunas possível, para não invadir o espaço. Mas surgiu um pequeno problema, que levei a seu Manoel:

– Temos um problema, vai apertar no material – avisei.

Tudo porque eu teria de reforçar as colunas, logo seria necessário mais material.

Resolvemos então fazer todo o trabalho sozinhos, eu e seu Manoel. Graças a Deus, tudo correu sem nenhum problema, na mais santa paz. Está tudo lá até hoje, para quem quiser ver, uma beleza! E não atrapalhamos em nada o espaço da igreja.

Apesar da minha pouca cultura, as obras que fiz nunca apresentaram qualquer dificuldade. A gente fazia tudo rindo, bebia nossa pinguinha. (risos)

MB: Essa não podia faltar.

FP: Trabalhávamos a semana inteira, sempre com a pinguinha ao lado. (risos)

MB: E o tira-gosto...

FP: Ah... o tira-gosto era reforçado. Não ficávamos um dia sem ele. Era a lapada e um tira-gosto.

Piri: Vocês então construíram outras coisas para a comunidade, não é, pai? Além da igreja e do Centro Social, algumas obras da própria comunidade, quer dizer as casas, também têm a mão do Francisco. A casa do André, por exemplo, foi obra do Francisco.

FP: Isso mesmo, nunca tive dificuldade para trabalhar. Minha família cresceu muito, sete filhos ao todo, e eu, como pedreiro, que não ganha bem, me perguntava como é que eu ia educar sete filhos, dar tudo para eles. Não tive outra opção, o jeito era trabalhar, e muito, de dia, de noite e até de madrugada. Houve época em que eu tinha três a quatro construções ao mesmo tempo. Às vezes eu chegava em casa às dez horas da noite, tomava um banho, comia alguma coisa, esperava os meninos dormirem para poder trabalhar e abria um desenho em cima da mesa. Só saía depois do desenho prontinho, material, cálculo, tudo pronto, e isso, às vezes, ia até depois das três horas da manhã. Às seis horas eu estava partindo. Não havia outra solução, eu precisava do dinheiro para criar as crianças.

Jamais quis que meus filhos fossem como eu, que passassem pelo que eu passei. E Deus ouviu minhas preces, todos tem mais instrução que eu. Eles mesmos dizem que quem não estudou mais, foi porque não quis. Minhas filhas, por exemplo, são mais estudiosas que os homens, todas as três fizeram faculdade. Já os homens, nenhum deles fez. Mas tem uma coisa. Quem não estudou, carreguei para o serviço. E são todos bons trabalhadores. Dois deles são construtores. A casa do Paulinho 13 por exemplo, eu fiz a estrutura pesada e meus filhos fizeram o acabamento.

Outra coisa boa de se contar é que meus filhos nunca atrapalharam minhas danças. (risos) Eu brincava carnaval à vontade; nunca perdi um baile. Mas também nunca perdi um dia de trabalho; chegava das festas às quatro horas da manhã e às seis estava indo para o serviço. Eu era muito resistente, graças a Deus.

MB: E nós trabalhamos todos esses anos juntos e nunca tivemos uma discussão, não é? Quando eu falava assim: “Seu Francisco, eu não estou gostando de um negócio aí”. Ele respondia: “já estou até sabendo”. E aí nós mudávamos.

FP: Tenho muitos amigos e nunca tive um inimigo. Nunca dei um tapa em ninguém, nunca tomei um tapa de ninguém, só construí amizade por todo lado, e um dos meus grandes amigos é seu Manoel. Confio muito nele, tanto que, se fossemos parentes ou irmãos, talvez não nos dêssemos tão bem.

Aqui, nós fizemos tudo juntos. Qualquer um que dê uma casa para outro fazer tem de confiar no construtor. Não se pode desfazer do engenheiro, ele estudou, ele sabe tudo, mas ele não executa a obra; só põe no papel. Aquele que executa tem consciência do que faz. Se eu não tiver consciência do que eu estou fazendo, o que pode acontecer amanhã? Arriar uma casa em cima de uma família, não é? Eu sempre tive minha consciência tranquila, não faço o que não sei fazer. Quando sei, faço com consciência. Não meço esforços, não quero ganhar dinheiro, eu quero é fazer bem feito.

Já peguei obras em que no final não havia mais dinheiro. Nem por isso eu deixava de terminá-las. Quase sempre, no final de uma construção, a dificuldade é grande, pois se gasta muito. O jeito era fazer um acordo com a pessoa para terminar a obra. Mesmo sem acordo, eu terminava assim mesmo.

Terminava com meu dinheiro, mas meu nome não ia para a sarjeta.

Falo isso para os meus filhos: é melhor deixar de ganhar dinheiro, mas preservar seu nome. Meu lema sempre foi trabalhar com honestidade. Fiz amigos em todas as casas que construí em Volta Redonda, por isso não paro de trabalhar até hoje, porque o pessoal não deixa. Até quando estou em um baile o pessoal vem com serviço para mim. Não tem jeito, como é que eu vou parar?

CC: Seu Francisco, muito obrigada pelo seu depoimento.

FP: Ah, foi um prazer. Seu Manoel já tinha me falado sobre esse projeto. Eu disse que viria, e aqui estou.

MB: Seu Francisco, sem a sua presença este trabalho estaria incompleto, porque o senhor é a base daquelas construções. Foi bom ouvir esta história tão bonita, tudo aquilo que a gente passou.

FP: Ai, seu Manoel, que saudade! Mas não vamos parar por aqui, não.

Piri: Deixa ele se preparar para a dança de hoje.

FP: Se Deus quiser, mais tarde eu estou lá. (risos)

Parte III — O Pastor

Nessa terceira parte, Dom Waldir Calheiros, bispo de Volta Redonda durante 33 anos, dá o seu depoimento sobre diversos episódios contados nesse livro, e dos quais participou. A entrevista foi acompanhada pelo construtor da Igreja e do Centro Social, Sr. Francisco de Paula Almeida e pela cunhada de Manoel, Lucia Cristina Barbosa.

C.C. Dom Waldir, seguindo o procedimento adotado com todos os outros entrevistados, gostaria que o senhor dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.

Dom Waldir Calheiros: Nasci no dia 29 de julho de 1923, em Murici, Alagoas. Comecei meus estudos lá e depois vim para o Rio de Janeiro aprender Teologia com padre Alcântara. Ordenei-me padre em 1948, há sessenta anos, portanto. Depois fui trabalhar na formação de padres, no Seminário. Ali pratiquei, durante uma boa temporada, os meus serviços pastorais, de 1948 a 1953. Depois o Cardeal Dom Jaime Câmara declarou que eu precisaria passar por uma experiência paroquial. Foi assim que cheguei à paróquia de São Francisco Xavier, onde fiquei durante alguns anos. Lá, tive a oportunidade de fazer um trabalho próximo do povo. Mais tarde, em fevereiro de 1964, o cardeal me expressou seu desejo de que eu fosse seu bispo auxiliar, quebrando um segredo pontifício, que, aliás, é um segredo como o do confessional, todo furado. No ano de 1966, fui transferido para a Diocese de Barra do Piraí.

CC: Quer dizer que Barra do Piraí foi a sua primeira Diocese?

D. Waldir : A primeira e única.

CC: Quantos municípios integravam a Diocese naquela época?

D. Waldir: Acho que eram 21 municípios. Não sei o número exato, porque nasceram muitos municípios depois da Constituição.

CC: Mas a sede era em Barra do Piraí?

D. Waldir: A sede já estava aqui. Eu tomei posse em Volta Redonda, mas com o compromisso de passar um mês aqui e um mês lá.

CC: Dom Waldir, quem era o bispo anterior e como é que o senhor encontrou a igreja em Volta Redonda?

D. Waldir: Cheguei aqui em 8 de dezembro de 1966, com muita vontade de colaborar com a igreja. Na época, o bispo da cidade era dom Altivo, um homem muito simples, direito. Depois ele foi transferido para Minas Gerais. Dom Altivo já havia começado a renovação...

CC: Ele substituiu dom Agnelo? Dom Agnelo esteve por aqui, não?

D. Waldir: Sim. Quando saiu daqui, dom Agnelo foi para o interior de São Paulo. Aqui ficou dom Altivo, até ir para uma diocesezinha de Minas. Um sufoco de miséria. E depois, já sem condições de saúde, ele foi para Juiz de Fora.

CC: Então ele já tinha começado esse trabalho do qual o senhor estava falando? A comunidade eclesial...

D.Waldir: Não. A comunidade eclesial foi feita depois, oficialmente a partir de meu encontro com Dom Luís Fernando, que era bispo auxiliar de Vitória, e me convidou para um encontro no qual se promoveu esse esforço já realizado através das comunidades de base, que só foi oficializado em 1968. Ai é que começou mesmo o movimento das comunidades, pela ação de dom Luis Fernando Siqueira, bispo auxiliar. Nessa época, de ditadura, a sala dele era constantemente invadida pelos militares, que diziam ser praticadas ali reuniões de comunistas.

CC: Que tipo de trabalho, feito por dom Altivo, o Sr.encontrou quando chegou aqui ?

D.Waldir: Veja bem, ele saiu em 1965 e eu cheguei em 1966. Depois que ele saiu, o Nuncio Apostólico tentou fazer-me bispo de Nova Iguaçu. O cardeal dom Jaime Câmara pediu que ele esperasse mais um pouco. Logo depois, dom Adriano Hipólito assume Nova Iguaçu, e eu venho, no ano seguinte, para Volta Redonda.

CC: E Mauro Morelli em Caxias, não é?

D.Waldir: Mauro Morelli chegou depois. E foi um tempo de bastante construção. Tudo era novo. A Diocese local sequer tinha conhecimento das decisões tiradas em concílio. Portanto, era missão do bispo transmiti-las aos padres. E não foi fácil. O bispo participou das discussões, votou; já para os padres tudo era mais difícil.

Tínhamos alguns padres para os quais deveríamos tirar o chapéu, mas outros... eram pobres vaidosos, que já estavam no final de seu trabalho pastoral, paroquial. O problema é que, no início, talvez por medo do “espírito comunista”, os

bispos apoiaram a ditadura militar. Depois que “o pau caiu” em cima da Igreja, do bispo, do leigo, então os bispos não deram mais uma bênção sequer para a ditadura. Em 1967, os militares queriam que eu celebrasse uma missa em Barra Mansa, na igreja de São Sebastião, onde estava sediado o primeiro batalhão. Como eu não permiti a celebração dentro da igreja, aconteceu um conflito. O batalhão determinou que o prefeito de Volta Redonda desapropriasse a fazenda de Três Poços, que pertencia aos beneditinos, porque ali era o lugar onde o bispo de Volta Redonda formava os seus...

CC: Comunistas???

D.Waldir: Formavam o seu... “exército”. Fui expulso da fazenda e tive de procurar uma maneira de reunir um pessoal para a construção de uma pousada, um centro de formação, muito melhor do que o que havia em Três Poços.

CC: Quando o senhor chegou aqui, essa comunidade de Bom Jesus já estava formada?

D.Waldir: Aí é que vem o negócio: aqui havia um padre holandês que acreditava no trabalho de Bom Jesus. Essa comunidade era uma daquelas que, independente, embora umbilicalmente ligada ao padre, tomava suas decisões. Sendo assim, o padre se reservava à formação do pessoal e à organização de conferências, etc. O padre gostava disso.

CC: Nessa época o número de padres era insuficiente em relação à quantidade de comunidades. Havia apenas um padre para várias comunidades, não é isso?

D.Waldir: Ah, sim, era dividido em paróquias. Aqui, quando eu cheguei, era paróquia de Santo Antônio.

M.B.: Pertencia a Santo Antônio. Pertencia a padre Eugênio...

D.Waldir: Havia um total, se não me engano, de seis padres. E dentro do trabalho de renovação, debatíamos e teorizávamos conceitos, com dificuldade, com os padres, para acabarmos com essas 16 paróquias e fazer a cidade-paróquia. Era o início de uma renovação pastoral. Como é que uma cidade pode ser unida se está dividida pela percepção e pelo temperamento de vários padres? É difícil. Até hoje se mantém assim, não obstante ter havido uma especial atenção para com os padres que vinham de fora e não estavam acostumados com essa dimensão paroquial. Naquele tempo, o nosso objetivo era o de encontrar lugares discretos para reuniões, onde o povo pudesse dialogar, participar e se entrosar. Fazer uma articulação entre todos esses movimentos e não deixar as paróquias isoladas. Tratava-se da formação de um conjunto de pastoral, onde se articulavam todas as comunidades. Criou-se um conselho pastoral da cidade; e também uma coordenação de todos os trabalhos. Respeitava-se a particularidade de cada lugar, seu modo de fazer, por exemplo, a preparação para o batismo. Havia subsídios para quem quisesse fazer preparação para os sacramentos. Tudo era coordenado, mas não buscando uma unidade, do tipo “só pode fazer dessa forma”. As comunidades, então, tomavam iniciativas variadas, sempre respeitando a coordenação geral.

CC: E o senhor se lembra do seu primeiro contato com a Comunidade Bom Jesus, tem alguma lembrança, como é que o senhor conheceu seu Manoel?

D.Waldir: O problema aqui, logo que eu cheguei, eram os espaços vazios, sem pastoral. Muitas paróquias não tinham sequer o hábito de celebrar. Preocupei-me mais em decidir o que fazer com essas instâncias periféricas, para resolver o problema, colocando-o para todos os padres. Hoje, sabemos o que ainda não é paróquia, mas tinha este título. Aproveitei, então, as religiosas, que eram mais abundantes pelo estímulo que o concílio deu para que saíssem da base. A partir daí, tive, aqui, um grupo de religiosos que iam para esses lugares e, animados, assumiram, não o que seria o lugar do bispo, mas sim as paróquias para fazer a coisa funcionar. Isso acontecia também fora do município, fora de Volta Redonda, pegando outras cidades, como Barra Mansa, Barra do Pirai, dentre outras. A solução não era, simplesmente, colocar um padre lá para celebrar uma missa...

Quando a Companhia Siderúrgica Nacional chegou, em 1943, com as suas chaminés jogando fumaça, muita gente dessas pequenas paróquias e de municípios vizinhos correu para ver de onde vinha aquela fumaça. Os que vieram para trabalhar aqui, saíram de suas cidades porque lá não havia trabalho. Não sei se Manoel é mineiro, mas aconteceu a mesma coisa com os mineiros. Se você perguntar na igreja quem é mineiro, você vai ver os braços todos levantados. Volta Redonda mandava pegar o minério lá em Minas, e os mineiros perguntavam: “Para onde é que vão levar?”. Vieram atrás e ficaram aqui. Era a atração do trabalho. Agora, depois que a gente passou uns dois ou três anos correndo atrás dos padres, para não repetir as poucas besteiras que fizemos, passamos a conhecê-los melhor, convivendo, simultaneamente, com a ditadura militar que se instalou aqui na região da Diocese, com o Batalhão de Infantaria Blindada em Barra Mansa. O batalhão foi designado para “tomar conta” da Companhia Siderúrgica, que era uma companhia esta-

tal, contra os “comunistas” trabalhadores de Volta Redonda. Tinha o exército, a polícia militar, a civil, a da Companhia, enfim, um montão de polícias por aí, que eu já esqueci. Era tudo policiado, era um tempo de ditadura, que sufocava a população. Depois da instalação da ditadura, quando eles tomaram conta da situação, os que moravam nessas comunidades, Manoel entre eles, sempre trocavam idéias sobre o trabalho da Diocese. Foi a partir daí que eu vi o mérito de Manoel, que não tinha uma ligação umbilical ou clerical com os padres. Ele tinha iniciativa e, portanto, fez. Fez essa igreja e o Centro Social para atender aos problemas sociais que, naquela época, ainda eram o foco da igreja. Aliás, vamos e venhamos, uma igreja que desde o começo via sempre os pobres, com um modo de trabalhar bastante variado.

Antigamente, era somente distribuição de comida, numa época em que os Estados Unidos financiavam esse processo como uma forma de calar a boca do pessoal. E controlar a situação. Na época, meu relacionamento com a comunidade se dava, quando solicitado. Depois, com a coordenação entre as cidades, passei a ser mais atuante. Onde precisavam da minha presença, eu estava lá. O crescimento das comunidades levou a algumas dificuldades de relacionamento. Quando padre Eugênio estava aqui, ele respeitava o trabalho voluntário e se responsabilizava pela parte sacramental, de formação. Ele exigia, em suas conferências, em seus discursos, que todos tomassem nota. Era uma característica dele. Quem não tomasse nota, deveria fingir que estava tomando. (risos)

MB: Levar a fita para casa para ouvir a missa, ainda tinha isso. A missa era gravada para depois se ouvir em casa.

D.Waldir: Padre Eugênio criou uma posição bem favorável e aceitável, porque alguns de seus paroquianos davam

apoio em programas de rádio, etc. Era um homem pobre, viveu e morreu pobre. Mas dedicado integralmente, dentro da sua maneira de ser, àquela realidade.

CC: Quando o senhor chegou aqui, a capela já estava construída?

D.Waldir: A que havia era pequenininha. Toda a iniciativa foi de Manoel.

CC: Ele coordenava tudo.

D.Waldir: Isso. É um mérito, pois, dentro do contexto, ele foi um verdadeiro coordenador, nas exigências do seu tempo.

CC: O senhor acha que a Comunidade de Bom Jesus pode ser considerada, em determinado momento, uma comunidade eclesial de base?

D.Waldir: Ah sim. Só não era batizada, porque ainda não havia acontecido o milagre das comunidades de base. Mas as características, a palavra, havia isso com muita clareza.

CC: Quando o senhor veio celebrar a colocação da pedra fundamental da igreja?

D.Waldir: Em 12 de outubro de 1969. Na época, não havia padre aqui no Retiro nem a comunidade de São Sebastião era totalmente formada. Eu assumi para dar o exemplo, mais ou menos, de como se organiza uma comunidade. Tive a ousadia de estimular a participação do leigo, a implan-

tação do novo, e escolhi David como candidato a diácono. Isso foi logo depois do Concílio Vaticano II, que abriu essa possibilidade para o leigo. Minha esperança era que um dia eu pudesse ordená-lo padre, o que representaria um passo à frente, mas que, infelizmente, a igreja não deu, e eu não podia me antecipar¹⁴. David permaneceu como diácono a vida inteira. A ele eu confiava a parte sacramental, enquanto me dedicava à formação de padres. Assim, fomos criando toda a periferia de Volta Redonda, os grupos e as comunidades, para mostrar aos padres como era possível estimular essa gente. Para você ter uma idéia, quando eu cheguei, se não me engano, havia seis lugares com grande público: Niterói, Santa Cecília, Nossa Senhora das Graças, São Sebastião, São Geraldo e... Atualmente, são 110 lugares, sem a necessidade de se construir grandes catedrais.

CC: Nesses 110 lugares vocês fazem a celebração da palavra... enfim, não significa que exista uma igreja física, mas há um espaço...

D. Waldir: Não, preferíamos um salão comunitário, onde também houvesse a possibilidade de celebrar missa, portanto, um salão que comportava tudo.

Irany: Até bingo.

D. Waldir: Sim, era um salão que comportava tudo, encontros, associação de bairro, etc. Mas as pessoas ficaram preguiçosas, permaneceram somente ali, não se preocupando em construir uma igreja. Mas, cá para nós, não se vai construir uma igreja em todos os lugares.

CC: E quando surgiu o Centro Social, este que está comemorando 40 anos, como é que o senhor recebeu isso?

D. Waldir: Eu respeitava.

CC: Por que o Centro, apesar de ter uma ligação com a igreja, mantinha uma autonomia, não é?

D. Waldir: Total. É esse o mérito de padre Eugênio e dessa comunidade animada pelo Manoel. Foi uma iniciativa válida, sem necessariamente ser clerical. E tem sido fantástico, eles fazem muito bem.

MB: Eu queria falar uma coisa. A gente fazia tudo e padre Eugênio nos respeitava e também confiava. Era uma pessoa com quem se tinha diálogo, quando havia alguma dúvida. Por que isso, por que aquilo, e a gente se acertava. Sempre trabalhou muito bem. Você pode lembrar também o que dom Waldir falou a respeito do começo de tudo, da dificuldade dos padres e dos leigos. Depois disso, ele criou para nós um centro de formação. Foi uma Teologia, vamos dizer assim, relâmpago. De uns seis a oito meses. Está lembrado, dom Waldir? O senhor criou isso para a gente justamente na época em que o Exército estava forte. Íamos para a Cúria, o senhor era acompanhado e nós, também. Chegaram a prender uma lambreta, achando que era minha. Frequentamos o curso de Teologia que o senhor criou para nós, tendo em vista a nossa dificuldade cultural. Não tínhamos formação para assumir o que nós assumimos, e dom Waldir se preocupou com isso.

D. Waldir.: Hoje o negócio está muito bom. Temos até uma doutora, diretora do centro de formação da Diocese

que veio da base. A formação mesmo que nós dávamos era a formação da paz, grupos de paz. Tivemos aqui uma série de encontros com grupos de formação católica, que se dedicavam a fazer a formação pedagógica na linha do meio, como deve ser. Eles vinham para fazer essa formação pedagógica com os leigos.

MB: Dom Waldir confiava muito no trabalho do leigo. Sempre deu uma boa assistência religiosa, deixava que trabalhassemos. Isso facilitou o crescimento da Igreja, porque, na época, se fosse para contar com padre, teria muita igreja fechada. Não havia padre suficiente. Dom Waldir assumiu a comunidade de São Sebastião e trabalhou duro muito tempo, celebrando direto. Além de bispo ele era automaticamente o padre dessa comunidade junto com David e mais outras pessoas.

D.Waldir: Essa era a finalidade, a de mostrar aos padres da cidade o tipo de modelo de uma paróquia.

CC: O senhor acompanhou um pouco do rumo que as coisas tomaram com relação à situação da Igreja de Bom Jesus, pois parece que houve até uma tentativa de mudar o nome.

D.Waldir: Aconteceu o seguinte: houve um conflito entre a Igreja e o Centro Social. Não era possível ser Centro Social Bom Jesus se se estava produzindo baile com dança e outras coisas mais, o que não era papel da Igreja.

CC: Mas isso, as festas do Centro, era para angariar fundos para o trabalho social.

D.Waldir: A grande questão era o problema do dinheiro. Padre Eugênio não fez nenhuma centralização. Como a Igreja é muito hierárquica, o padre concentra em suas mãos todo o seu movimento. Resultado: eles deixam dar comunhão, batizar, o ministério da palavra, mas não têm coragem de entregar a chave do cofre ao leigo. Nós tentamos acabar com isso, criando uma comissão financeira em cada comunidade.

CC: Quer dizer que o senhor acha que a questão central foi o dinheiro? A Igreja começou a ver que o Centro Social estava rendendo muito e isso estaria ocasionando uma separação?

MB: Essa coisa começou logo que padre Eugênio nos deixou. Padre Jacques, depois que entendeu o sentido da coisa, deixou livre. Depois vieram Normando, João Pedro e Arlindo, que não se incomodaram.

D.Waldir: Toda essa cambada foi a que eu trouxe. (risos)

CC: Quando é que começou o conflito, seu Manoel?

MB: O mais grave aconteceu quando padre Crésio veio para cá.

CC: Ainda na Diocese de dom Waldir?

MB: Sim. Trabalhamos mais com dom Waldir, nesses seus trinta e cinco anos.

CC: Mas esses problemas estão aí até hoje.

D. Waldir: O padre que está aí, não obstante ser holandês, ele é muito centralizador. A Diocese resolveu criar uma organização financeira nas comunidades, de tal maneira que o padre que quisesse ganhar dinheiro não vinha para aqui. Essas organizações davam segurança ao leigo e ao padre. Se o padre quisesse gastar o dinheiro, tinha antes de ouvir aquela comissão de leigos da sua comunidade. Nesse tempo, não concentramos nem na mão do leigo nem na mão do padre.

CC: Aqui funcionou, seu Manoel?

D. Waldir: Aqui foi concentrado no Centro Social.

MB: Foi o seguinte: no tempo de padre Eugênio, era tudo junto, mas tinham as caixas separadas. O Centro Social e a igreja tinham escritas separadas. Depois que padre Jacques veio para cá, é que a gente fez a separação. Dinheiro da igreja é dinheiro da igreja, dinheiro do Centro Social é dinheiro do Centro Social. Mas, conforme já foi falado, se houvesse necessidade de caixa para qualquer um dos dois, o outro supria. O que realmente importa é que a maior parte do dinheiro é destinada aos carentes. Nunca deixamos um pobre passar necessidades. Se não podemos dar uma cesta de trinta quilos, damos uma de sete, oito quilos, mas nunca deixamos faltar.

Apesar de estar afastado das atividades do Centro, sempre que é preciso estou lá, acompanhando e vendo como cada cidadão pobre está sendo tratado, se está sendo respeitado. Se alguém bate à minha porta, tanto eu como Irany vamos ao Centro Social pedir ajuda para essa pessoa sair do sufoco. Infelizmente, não existe um bom relacionamento com

o padre. Não existiu com padre Crésio, de jeito nenhum, e não está existindo com padre Bernardo, que não quer saber do Centro Social. O Centro para padre Bernardo é uma chaleira de água fervendo na qual ele não quer encostar, mas é um trabalho social da comunidade.

D. Waldir: Apesar de todo esse trabalho, o Centro Social é instável, financeiramente, e precisa de recursos para se manter. No entanto, os padres percebiam que havia muita gente necessitada que não fazia parte da comunidade. Talvez fossem outros interesses o que os levava até ali, o que poderia prejudicar as atividades filantrópicas do Centro. Era esse o problema.

CC: A idéia então seria chamar a comunidade para discutir com a Igreja e não criar conflitos e prejudicar o trabalho das lideranças.

MB: O problema é o seguinte: para se colocar as coisas nos seus devidos lugares, é preciso diálogo, e isso foi cortado com a vinda de padre Crésio e de padre Bernardo. Eles não aceitam. Padre Bernardo nunca me chamou desde que assumiu. “Manoel, vamos sentar e ver o que está acontecendo”. Não! “O Centro Social tem de ser da Igreja!”, é o que ele insiste em dizer. Mas nunca perguntou o porquê das coisas estarem acontecendo daquele jeito. E não sou só eu, Manoel, lá existe também uma diretoria, toda uma estrutura; temos tudo organizado. Quando sentamos para pensar nisso, a maior parte da diretoria não aceitou a proposta de passar o Centro para a Igreja.

D. Waldir: Mas não é um problema só do Centro Social. Um conflito parecido aconteceu na comunidade de Santa

Cecília. Está acontecendo um desentendimento, nesse momento, entre centros sociais e a Igreja. O problema é que, infelizmente, liga-se Igreja e poder.

JS: Uma coisa que eu queria levantar aqui para seu Manoel é sobre o tempo das greves, da ocupação da usina, em que houve uma mobilização da cidade. Como isso afetava a Comunidade Bom Jesus?

MB: Foi diferente de outras comunidades, porque, quando nosso pastor ou o padre não ouviam, pelo menos nós estávamos todos juntos. A gente entrava na luta. Participamos dos movimentos, das greves, demos sustentação às greves com alimentação. Inclusive, éramos responsáveis pela comida das pessoas. Houve uma grande participação nossa de um modo geral.

Quando começou o movimento do Exército, é evidente que os leigos assumiam. Eu quase fui preso, só me saí porque era um engano, mas me encaminharam para isso. Eu não tenho arrependimento nenhum, porque eu batalhei, e Deus é testemunha da minha defesa dos mais fracos, dos trabalhadores, dos pobres. Aqui sempre houve um entrosamento entre o Centro Social e a Igreja. Dentro da Diretoria do Centro Social eram todos da Igreja, celebrantes: Portela, eu, David, nós somos fundadores do Centro Social. Havia um bom relacionamento, saíamos juntos, íamos para as passeatas, para todos os movimentos, sempre participando.

D. Waldir: A coordenação da Diocese, que articulava todas as comunidades, é que decidia tudo isso. E todas as comunidades tomavam conhecimento do que havia sido decidido. Tínhamos várias reuniões, porque o segredo do entendimento é essa união. Fazíamos reunião na comunidade

de base, no seu setor, na região e depois na cidade. E tudo ficava definido. O Centro Social entra, também, no apoio dessas decisões, que são tomadas pela coordenação regional, porque aqui o bispo não escolhia o padre que seria o vigário da cidade. Os padres, junto com o conselho leigo da cidade, elegiam o padre que seria o articulador, com mais uma freira e mais dois leigos, escolhidos dentro das comunidades. A coordenação da paróquia era feita por padres, religiosos e leigos. Não eram isolados.

Piri: Eu acho que aqui a história se confunde um pouquinho, porque os mesmos leigos que freqüentavam e faziam o trabalho da igreja, foram os que fundaram o Centro Social. Então, há um trabalho de continuidade por conta disso. Eram os mesmos líderes. Onde estava a igreja, o Centro Social estava junto, e vice-versa. A divisão se deu de seis, sete anos para cá, quando houve um racha na liderança, uma mudança de padre que não tinha os mesmos ideais, que não estava ligado a essa mesma história que a gente está contando hoje. Aí começou a nascer essa divergência, de dividir o poder, o dinheiro, divergência de ideologias, como dom Waldir falou: de repente, as pessoas que freqüentavam o Centro Social não têm muita ligação com a própria Igreja. Inclusive tem pessoas de outras religiões que freqüentam o Centro Social e isso criou um quiproqué.

CC: O ruim é criar esse tipo de conflito, quando as pessoas são praticamente proibidas de participar de pastorais. Isso é uma coisa estranha! Seu Manoel quase foi afastado da igreja.

MB: A história do meu afastamento é a seguinte: primeiramente, temos de reconhecer que a idade e a saúde pesam

bastante, não dá para participar como antes. Outra coisa: para se trabalhar ao lado de outra pessoa, tem de ter um bom relacionamento. É uma responsabilidade muito grande celebrar um casamento ou um batizado, ou mesmo uma celebração da palavra, sem que haja um entrosamento com o sacerdote. E este foi o meu caso. Sou uma pessoa que gosta de reconhecer o seu lugar. E já que estavam havendo alguns conflitos, não só com o padre, mas também com outras pessoas... vocês sabem disso, não é? Onde tem um padre, tem aquela turminha que está manipulando alguma coisa. Eu senti isso e falei: “Não. Eu já participei bastante disso, vou me afastar agora. Dentro das minhas possibilidades, se puder ajudar...”.

Depois que saí da comunidade, já levantei casa para pobre, fiz movimento no Centro Social. E, graças a Deus, ajudei a fazer e continuo aqui para ajudar. Falar em pobre, é comigo mesmo, vou ajudar. É uma coisa que está em mim. Fui visitar uma pessoa, um evangélico, que estava precisando de uma cama de hospital. Pedi a políticos, pedi a quem encontrei, mas ninguém tinha como arrumar a tal cama. De repente, descobri uma pessoa que estava vendendo uma cama e fui lá para comprar. Não estou falando por vaidade. O que eu estou falando é o que acontece dentro de mim.

Dom Waldir: Um elemento que nós poderíamos chamar de excepcional, fora do padrão, é que a comunidade nasceu com a articulação de Manoel. Esse tempo todo ele recebeu o apoio do padre que estava aqui e viu também que era o pensamento do bispo que chegou – confiar aos leigos determinados trabalhos.

A relação de poder entre quem chega e os que já estão por aqui pode se tornar complicada. “Quem manda sou eu!”. Uma vez, pedi ao vigário-geral, monsenhor Barreto, para dar

posse a um padre muito bom no trabalho religioso; ele o colocou na linha do Vaticano. A Igreja uniu os serviços e o padre, hoje, está à frente da comunidade. No final, o vigário falou: “Tudo bem, mas o chefe sou eu”. (risos)

MB: Eu quero agradecer muito a dom Waldir, não por ele ter vindo aqui, mas porque ele sempre me apoiou, até na doença veio me visitar. Alguns que moravam mais perto não vieram. Não tenho raiva, mas tenho sentimento. O senhor, dom Waldir, sabe que minha situação foi bem grave. E o senhor veio aqui, e estou bom, graças a Deus.

Piri: Estamos fazendo o livro justamente para resgatar essa história toda, pois quem está chegando, as novas gerações, não têm esse conhecimento, como tem Manoel, David e outros, que foram os fundadores desta comunidade. Eles foram peças fundamentais na construção desta comunidade e que estavam se perdendo nessa separação religiosa. A liderança que chega hoje não sabe disso e acaba gerando esse tipo de conflito. E o livro é justamente para resgatar toda essa história e ela não ficar perdida.

Lúcia Cristina Pereira Barbosa (irmã de Irany): Os conflitos dentro da comunidade servem para duas coisas, ou arrasar ou purificar. E isso é sempre muito bom! Quando surgiram esses conflitos, escrevemos uma carta ao senhor, dom Waldir, contando toda a história. Percebemos que, a partir daí, houve um esfriamento da situação. Na carta, dissemos tudo o que havia acontecido, em detalhes, de como os meninos, ainda pequenos, carregavam tijolos e areia para a construção, e, nas festinhas, fazia-se aqueles frangos assados para o bingo. Lembro-me de que esses meninos ficavam torcendo para que sobrasse uma asinha no tabuleiro,

apesar das recomendações de seu Manoel de que não se poderia tocar no alimento. “É da festa, é da igreja”, ele dizia. Portanto, essa construção foi feita dentro de casa também, com toda a família participando. Sabíamos que Dom Waldir logo iria sair e, com certeza, passaria essa carta ao seu sucessor. A intenção era que, seja qual fosse o bispo, ele acalmasse um pouco a situação.

MB: Eu não sabia da carta, não. (risos) Dom Waldir, muito obrigado.

(Nesse momento Dom Waldir deixa a casa de Manoel, despedindo-se de todos.)

MB: Agora é a vez de Lucinha se apresentar.

LC: Meu nome é Lucia Cristina da Silva Barbosa. Sou cunhada de Manoel, irmã de Irany. Nasci em 31 de julho, em Barra do Piraí. Minha mãe, tia de Manoel, veio de Bom Jardim, Minas Gerais, onde havia ficado viúva. Quando chegou a Barra do Piraí, ela se casou novamente. Sou filha desse segundo casamento. Portanto, sou irmã de Irany por parte de mãe, e nossa ligação é muito forte. Quando perdi meu pai, era muito nova, havia acabado de entrar no ginásio, e o Manoel assumiu a casa conosco. Então, sou também um pouco filha deles. Fiquei com eles até o dia do meu casamento, que eles ajudaram a realizar, como se eu fosse filha deles. E eu considero Manoel como um verdadeiro pai.

Participei da história da comunidade desde muito pequena, porque vínhamos muito para cá, quase todos os finais de semana. Acompanhei todo o crescimento do lugar. Primeiro, era a santa que se carregava de porta em porta, fazendo

as orações cada dia numa casa; depois, construíram um barraco e daquele barraco começou-se a pensar em outras coisas. Manoel sempre dizia:

– Vamos fazer porque vamos, vamos construir.

E esse espírito se manteve em outras atividades, nunca parava numa coisa só. A igreja foi construída assim, com a comunidade, e as coisas eram feitas todas aqui dentro, com a participação da família, com Manoel se envolvendo cada vez mais.

CC: Onde você mora?

LC: Em Barra do Piraí, mas estava sempre aqui, nos finais de semana.

CC: Você vinha às festas?

LC: Vinha a todas. Minha mãe e minha irmã participavam nas barraquinhas. O que muito nos surpreendeu é que as pessoas que foram chegando, sem conhecer a história da comunidade, quiseram acabar com tudo. O brasileiro se perde por não dar valor a sua história. Aquilo que começou tem de ser valorizado. Por que temos hoje uma igreja desse tamanho? Porque houve trabalho para se chegar a isso.

Minha mãe, enquanto estava viva, sempre mostrou a importância da união, todos sempre juntos. Com o seu falecimento, começamos a vir para cá. Esta é a razão da união, do elo. O que acontece com um, todos sentem. Por isso o nosso espanto quando percebemos o afastamento das pessoas. Precisávamos fazer alguma coisa, e foi aí que resolvemos escrever a carta a dom Waldir, que estava saindo daqui. Contamos toda a história para ele, esperando que fosse tomada alguma providência. Mas a coisa toda foi muito morosa, especialmente no seu início.

CC: Na verdade, acho que todos respeitavam o trabalho do bispo, até Dom Eugenio, apesar das restrições que lhe faziam. Após completar seus 75 anos, dom Waldir, por carta, comunica que vai se aposentar. Bastou isso para começar a corrida por sua substituição.

Nessa época estávamos fazendo (eu e Dulce Pandolfi) uma entrevista com ele, quando tivemos a certeza de que essa substituição seria na mesma linha do que vinha acontecendo com outros bispos (Dom Helder, Dom Evaristo ...). Uma vez que ele apresentou a carta de aposentadoria compulsória (aos 75 anos), era como se não fosse mais bispo de Volta Redonda. Era uma situação delicada. Eu não sei que tipo de gestão que ele poderia ter feito com relação à carta da comunidade.

E por que vocês não procuraram o novo bispo quando ele chegou?

MB: Sabe, é complicado. Tínhamos vivido um período bom, de total credibilidade nas nossas relações com a Igreja, e não esperávamos que isso fosse acontecer. Parecia um vendaval passando, e que mais tarde tudo voltaria ao normal. Outra coisa, com a idade, o cansaço, você já não tem mais condições de reagir. Hoje em dia me arrependo de não tê-lo procurado, ou mesmo ao padre que chegou. Já que ele não me procurou, eu deveria ter procurado por ele. É o contrário hoje com padre Bernardo. Antes de fazer o livro, fui falar com ele, que me respondeu não haver problema algum. Devia ter feito a mesma coisa antes, falado com o bispo, só agora sei disso. Acho que até hoje ele não sabe dessa história. Não sabe mesmo; nunca fui apresentado a ele.

Piri: Nem aqui ele vem... ou vem?

MB: Para celebrar ele vem, sim. Mas tratar de assuntos comigo, isso não. Com dom Waldir era outra história.

Piri: Todo o processo de rompimento não aconteceu de forma brutal. Começou no finalzinho da gestão de dom Waldir e adentrou a de dom João Maria. No intervalo entre os dois, vieram padre Crésio e padre Bernardo, que mantiveram a situação durante esses anos.

CC: Dom Waldir saiu em 2000.

Piri: Sim, no início das mudanças. Achamos, a princípio, que tudo pudesse ser contornado por aqui mesmo, sem ter de levar ao conhecimento do bispo. Só que mudou o padre, não conseguimos nada com o anterior e nos aprofundamos com padre Bernardo. E foi aí que a crise aflorou com mais intensidade; eles queriam uma rádio comunitária, um centro social. “Olha, já que não pode ser na minha mão, eu não quero na de vocês”, era o pensamento. “Não quero a verba que vem do Centro Social porque seria uma verba, digamos, suja.”

LC: É, mas não era suja no momento de construir a igreja.

Piri: A visão era outra também, tia Lucia.

LC: É, também acho. Ouvindo dom Waldir falar, tudo é uma questão monetária, não é? Assim que viram que as festas rendiam, que o Centro Social rendia, eles perceberam que poderiam fazer uso dessa renda.

Piri: Manoel fala em relação ao próprio cansaço. Acho que sem esses tumultos, não haveria tanto cansaço. Até pode-

ria existir, mas não com a intensidade que foi, que levou ao desânimo e ao estresse. Mesmo assim, não daria para fazer tudo o que se fazia antigamente, nem a metade. Hoje, não se faz mais nada, não deixam fazer. A questão é esta: ou ele não pode ou é impedido mesmo. Mesmo sendo leigo, com a formação religiosa de quarenta, cinquenta anos...

MB: Outra coisa, no tempo de padre Crésio, tentamos por várias vezes alinhar o assunto com ele, mas não conseguimos. Deixamos para lá, não fomos nem ao bispo. Depois, com a vinda de padre Bernardo, passei a acreditar que a história mudaria. Achávamos até que ele seria o bispo da Diocese.

Quando ele tomou posse aqui, disse:

“Eu vim para mudar a história do Centro Social”.

Mas não foi bem assim. Nessa época surgiu a história da troca de nome. Além disso, padre Crésio também foi insistente com a criação da rádio comunitária.

CC: Lucia, retomando seu depoimento, você estava falando sobre o primeiro movimento para a feitura da carta para dom Waldir.

LC: Isso depois esfriou um pouco. Com a mudança de padre, veio a questão da mudança do nome. A partir disso, Jorginho (Piri) escreveu os manifestos¹⁵, que começaram a ser distribuídos na porta da igreja, porque a comunidade tinha de ser informada.

Um pouco antes disso, aconteceram as bodas de ouro de Irany e Manoel, e tivemos de pedir autorização para realizar a cerimônia. O padre alegou não ter agenda. Consideramos isso um absurdo. Mas, enfim, pedimos ajuda ao padre Sano, uma pessoa muito conhecida do casal, para fazer a cerimônia na própria igreja.

Na igreja lotada, padre Sano falou:

“Manoel, você é mais do que um padre; fazer o que você, como leigo, fez, nem nós, padres, temos condições de fazer. Vocês caminharam juntos e botaram a mão na massa”.

Essa situação nos entristeceu muito, porque o casal tem a imagem de Nossa Senhora Visitadora, aquela que estava desde o início de tudo, a que passava de porta em porta. Esperava-se que, no dia da cerimônia, uma das netas do casal entrasse carregando a imagem. Tivemos de organizar tudo com antecedência, foi preciso, inclusive, mostrar toda a homilia que seria lida.

Piri: Uma pré-censura...

LC: Exatamente. Mas não se falou na questão da santa, porque era uma imagem de uma santa católica entrando numa igreja católica. Mas isso seria o mínimo. Na hora em que chegamos, eu com a imagem, padre Bernardo também chegou, exatamente no começo da cerimônia. E não era o dia dele vir! E eu estava com a menininha, a neta do casal, que ia levar a imagem, quando ele falou:

– O que é isso?

– É uma imagem de Nossa Senhora, padre.

– Mas pra quê?

– Ela vai entrar acompanhando o casal, como fez nesses últimos cinquenta anos.

– Eu não permito! – retrucou o padre.

– Ué, por que não, padre? É uma imagem de Nossa Senhora...

– Não é isso. Isso não foi combinado. Não se pode colocar o que não foi combinado.

– Isso é um absurdo, uma imagem que acompanha o casal durante toda uma vida não poder estar presente num momento como este.

Aí começou uma discussão.

CC: É uma pena que D. Waldir já tenha saído. Este contraponto seria muito interessante.

LC: Pois é, a discussão foi muito grande, com os meninos querendo reagir e nós tentando acalmá-los. Falei então para o padre que tudo bem, Nossa Senhora iria acompanhá-los de qualquer forma.

Na hora da entrada da imagem, cantamos a Ave-Maria, enquanto os dois olhavam para trás, porque sabiam que ali estaria a imagem. Padre Sano ficou sem saber o que fazer, esperando. Para ele aquilo era um absurdo inexplicável.

Bem, são coisas que aconteceram e que causaram um pouco de cansaço em todos nós. São arbitrariedades que estão sempre acontecendo. Como diria dom Waldir, são sacerdotes que têm outra visão e não dão nenhum valor a tudo que a comunidade fez. Acho que este livro serve como um alerta, para as pessoas conhecerem bem a nossa história. Só espero que não seja tarde demais. Deus está lá em cima, vendo tudo.

CC: Piri, você tomou essa iniciativa do livro a partir do quê?

Piri: A Lucia falou agora a pouco, algo que me chamou a atenção, e que eu não havia dito até este momento. Esta comunidade foi construída exclusivamente dentro da família, não só a nossa, mas todas as que passaram por aqui, mesmo as de Barra do Piraí. Quando fazíamos as festas, passáva-

mos o dia todo fazendo as comidas, montando as barracas, os enfeites, para que a festa acontecesse. Era uma construção de todas essas famílias.

LC: E os netos deram continuidade, vendendo votos para arrecadar o dinheiro para a festa.

Piri: É. Quando percebi que os problemas só aumentavam, e que isso poderia prejudicar a saúde de meu pai, entendi que alguma coisa deveria ser feita. Meu pai tinha alguns documentos, que foram usados em um livro sobre outra comunidade, aqui de perto. Pensei então, se não poderíamos retomar esse processo. Primeiramente, não deveríamos mudar o nome da igreja. Depois, eu não poderia me omitir, já que participei com todas as outras pessoas, da fundação desta comunidade. Por isso, preciso contar esta história. Precisamos de aliados, para que ela possa continuar. Este foi o motivo que me fez procurá-los, depois de conhecê-los a partir do livro de dom Waldir. Nossa história estava sendo apagada por um grupo de pessoas que chegou muito tempo depois, e que não tinha nenhum conhecimento do que passamos. Meu objetivo é resgatar a memória desta comunidade e de todas as famílias que participaram desse processo.

CC: Além da dimensão afetiva, dos cuidados com seu pai, você colocou a sua preocupação com a memória de uma comunidade, e de como passá-la para as novas gerações...

Piri: Pois é: além de seu Manoel, não podemos nos esquecer de seu João, de Francisco, e muitos outros. A memória é fundamental, o conhecimento também. Vamos, portanto, resgatar o máximo que conseguirmos. Infelizmente, outros já estão em outro plano, não podem mais estar aqui.

Mas é fundamental dar-lhes o valor devido, de terem participado da construção desta comunidade e da própria cidade.

MB: Vejo também que a credibilidade do meu trabalho, na maior parte da comunidade, permanece. Muita gente anda dizendo: “seu Manoel, a gente quer ver o livro, estamos aguardando, a gente está com saudades disso aí”. Bem, então é isso. No sábado, só Irany sabe disso, nós tivemos um bingo. Quando acabou, liguei para a Rádio Fluminense para agradecer a todas as pessoas. Assim que desliguei, um senhor do bairro São Luiz, que me viu no hospital quando estive internado, gritou: “eu quero conhecer seu Manoel, eu quero vê-lo”. Irany então disse que, quando eu saísse, nos encontraríamos. E foi o que aconteceu. Por coincidência, saímos os dois juntos. Eu me abracei com ele e lhe agradei.

– Seu Manoel, conheço o senhor há quatro anos pelo rádio, mas nunca pude vê-lo pessoalmente – disse-me meu companheiro de infortúnio de hospital.

Quando terminamos o bingo, vim para casa, cansado. Deitei-me, ouvindo o rádio, e escutei seu João falando para João do Rosalino, o radialista: “Ô João, deixe-me dar um recadinho para seu Manoel”. Ele então fez uma poesia para mim, que no final dizia assim: “Conheci seu Manoel lá em Bom Jesus, um homem abençoado, foi só abraçar nele que eu fiquei curado”. Gente, eu não mereço tamanha coisa, sei que eu não mereço, mas é a realidade de uma pessoa simples, humilde, fazendo uma poesia para mim. Isso é muito importante!

Encerrando este depoimento, quero agradecer a vocês pelo trabalho, pelo descanso que vocês deixaram de lado, para vir para Volta Redonda, para minha casa. Foi o maior prazer recebê-los aqui. E voltando àquela conversa da cozinha, termina o nosso depoimento, mas não termina nossa amizade.

1 Dados do IBGE, 2007 (confirmar no site)

2 Manoel Benedito de Souza, Waldomiro Tavares, João Batista, José Luiz de Oliveira, Aparecida Pereira e Enir Carvalho.

3 Sem contrato de trabalho ou carteira assinada.

4 NEU – Núcleo de Expansão da Usina

5 Contrato de trabalho com uma empreiteira.

6 DAU – Departamento de Almoxarifado da Usina

7 Livro de comemoração dos 25 anos da Comunidade Bom Jesus.

8 O conflito entre a Igreja e o CSBJ foi comentado antes do início da entrevista.

No momento de sua criação, ficou decidido, entre a comunidade e o Padre Eugênio, que o Centro Social seria independente da Igreja, inclusive atendendo a pessoas de todas as religiões. Anos depois, com o crescimento do Centro Social, surgiram os conflitos em função do interesse da paróquia em incorporar o Centro. Mais recentemente, com mudanças na paróquia e na diocese, os conflitos acabaram personalizados, tendo Manoel Benedito como seu principal foco.

9 Dom Agnelo Rossi foi bispo da diocese de Piraí e Volta Redonda de 1956 até 1962.

10 Legionária é o termo que se usa para quem frequenta um movimento da Igreja Católica conhecido como “Legião de Maria”

11 Rita, filha de Zizinha, teve uma pequena participação na entrevista.

12 Atualmente, hospital Vita, privatizado.

13 Filho de Manoel Benedito.

14 David já era casado e tinha 3 filhos.

15 Dois manifestos esclarecendo à comunidade com relação ao nome da igreja. Ver anexo.

É IMPOSSÍVEL MAIS ESTÁ ACONTECENDO

SÍMBOLOS, NOMES E MARCAS

Os símbolos são emblemas ou figuras representativas de um objeto, os nomes são palavras que identificam pessoas, animais ou coisas e as marcas são sinais que imprimem a identidade de produtos e coisas.

Na história da humanidade, em todas as culturas por todo o planeta, sempre houve a necessidade de identificar, marcar e associar a presença do homem na história, seja na simbologia dos Deuses, nos nomes de família ou nas marcas que delimitam os espaços, e mesmo hoje quando está em voga a globalização do mundo, perdura a necessidade do homem, de ser reconhecido perante ao semelhante.

Por isso o resgate da história, a preservação, a tradição cultural, enfim, o lugar na história.

Diante deste cenário, causa-me espanto quando ouço falar em mudar o nome de um lugar que por quase meio século e referência de uma comunidade, e a história do lugar, é uma das raízes do nascimento da própria cidade.

Por razões históricas pela identidade cultural do lugar, pelo simbolismo, pelos serviços prestados à comunidade e pela preservação da memória é que deve-se manter o nome da Igreja Bom Jesus.

INDIGNAÇÃO

O que você acharia, se depois de 500 anos, mudassem o nome de seu país sem a sua consulta?

O que você pensaria, se depois de 50 anos, mudassem o nome de sua cidade natal, sem lhe dizer por que?

Imagine se aos 50 anos trocassem o seu nome de José para Paulo, de Maria para Izabel, sem a sua permissão?

E se lhe dissessem: O teu filho agora tem outro nome e não aquele que você escolheu quando ele nasceu?

Pois é isto que está acontecendo com a Igreja Bom Jesus.

Como no tempo da ditadura, o grupo que hoje dirige este templo está mudando sem um plebiscito á comunidade, sem uma consulta formal, sem ao menos ouvir os fundadores, o nome de Igreja Bom Jesus, para Igreja Bom Pastor.

Em tempos de preservação da memória, da história e do patrimônio cultural, não podemos permitir, aceitar que uns poucos possam destruir o que foi construído há meio século, que se confunde com a história da cidade, e que faz parte da vida de muitos.

Os que hoje estão à frente da instituição, não podem apagar o passado de muitos, como donos fossem de um patrimônio que é da comunidade.

Quantos aqui não foram batizados, crismados, fizeram a primeira comunhão e se casaram na Igreja Bom Jesus? Por que agora Bom Pastor? Onde fica a devoção dos fies?

Como diz o poeta Eduardo Alves da Costa:

“Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor

do nosso jardim
e não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem;
pisam as flores,
matam o nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo o nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada”.

E você, não vai dizer nada?

Por Jorge Alberto de Souza

(Jorge é um dos fundadores da comunidade
de Bom Jesus e trabalhou na construção
da atual igreja)

OS AUTORES

Célia Maria Leite Costa possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (1967), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1975) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Fez estágio nos Arquivos Nacionais da França (1988) e foi documentalista e pesquisadora na área de história contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, durante mais de 30 anos (1976-2007), tendo sido coordenadora do setor de Documentação (1989-1992) e coordenadora do Programa de Arquivos Pessoais deste Centro. (2002-2004). Atualmente é diretora técnica do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Rosilene Alvim, antropóloga, professora no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Autora de *A Sedução da Cidade: Os Operários-Camponeses e a Fábrica dos Lundgren* (1998) e co-diretora do filme documentário *Tecido Memória*. (2008).

Sergio Leite Lopes, antropólogo, professor do Museu Nacional, UFRJ. Autor de *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés* (1988) e co-diretor do filme *Tecido Memória* (2008).

*Impressão e acabamento
nas oficinas da Editora Vozes
com arquivos para CPT fornecidos
pela Tabá Cultural em setembro de 2009*